



militia

ANO V

N.º 25

NOVEMBRO/DEZEMBRO — 1951



SUMÁRIO

NOSSA CAPA — Cromo de Awson Wood	124
EDITORIAIS	
Aniversário da Fôrça Pública	5
Aniversário de "MILITIA"	6
Aos nossos leitores	7
VERSOS	
Prece de Natal — Cavalheiro Freire	8
Coisas da Fôrça Pública — cel. Anchieta Torres	10
Fuga — 1.º ten. Felix B. Morgado	16
Molhado ou úmido, frio ou quente — tradução do Major Romeu C. Pereira..	20
Enfermagem, problema do lar — cel. Tenório de Brito	27
"Seu" Mário, o soldado — Sargento Palma Neto	28
Sétima Arte — Ortiz Monteiro	30
A Seleção e Treinamento do Policial — Cap. Rodolpho Assunção	32
Bilhetes a um Aspirante — ten. cel. Augusto C. Muniz Aragão	39
Atos Louváveis — Monte Serrat Filho	40
Marcas Particulares — Insp. Chefe da Guarda Civil — A. Vieira	42
Uma página para os destacamentos — ten. Evandro Martins	45
Equitação e teoria — ten. cel. J. Canavó Filho	46
Todos Cantam sua terra também vou cantar a minha — sgt. Azarias	50
As policias estaduais e a sua federalização — ten. Assis Veloso	52
NOTICIÁRIO	
Visita do Cardeal Mota à Fôrça Pública —	54
Inauguração do Cassino "Major Uchôa"	57
Inaugurada a 1.ª válvula de coluna para incêndio	58
O 4.º B.C. completou meio século de existência	60
De Santos:	
— Festa de confraternização	69
— Homenageado o prefeito de Santos	70
— Homenagem ao comando da Fôrça Pública	70
— Segundo Anivesário da 1.ª C I B	71
Semana da Asa — A J M	72
Visita dos Adidos Militares	76
XVIII aniversário do C.S.S.	79
Livros recebidos por J.A.F.	80
Instruções para o ingresso no curso de oficiais da F.P.	82
Campeões de voleibol do IX campeonato de "A Gazeta Esportiva"	93
Brilharam os hipistas brasileiros nos EE.UU.	100
Jogos esportivos do Exército	104
Cursos para técnicos e oficiais de voleibol	108
A 4.a Zona Aérea venceu o Paulistano em cestobol	109
1.º Torneio de Confraternização de Armas do C.P.O.R.	110
II Campeonato Universitário de Hipismo	112
VI Campeonato Paulista de Tiro ao Alvo	114
Exibição de lutadores japoneses para a F.P.	118
Secção de Édipo	121
NOTÍCIAS DAS CO-IRMAS	
Distrito Federal	84
Espírito Santo	87
Paná	88
Paraíba	88
Piauí	90
Rio de Janeiro	90
Rio Grande do Sul	90
LEGISLAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E JURISPRUDÊNCIA — cap. J. Arimathea	
Nascimento	122

POUPAR COMPENSA?



★
SAIBA POUPAR:
Empregue suas
economias em tí-
tulos da Prudên-
ciaCapitalização

★

HÁ dois modos de poupar: privando-se de todo o conforto na ânsia de ajuntar dinheiro; ou empregando uma pequena parte do que é perfeitamente dispensável, em títulos de capitalização. O primeiro modo é a avareza, o isolamento dos meios sociais, a inutilidade do indivíduo e do dinheiro. O segundo, é a economia racional que se multiplica com o andar dos anos; permitindo gozar de todo o conforto que a vida moderna oferece, sem ter feito sacrifício algum para tanto.

COMPANHIA GENUINAMENTE NACIONAL
PARA FAVORECER A ECONOMIA POPULAR



PRUDENCIA CAPITALIZAÇÃO

Banco do Estado de S. Paulo S. A.

CAPITAL REALIZADO: CR\$ 100.000.000,00

DEPÓSITOS — EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS —
CAMBIO — COBRANÇAS — TRANSFERÊNCIAS —
TÍTULOS — COFRES DE ALUGUEL



M A T R I Z :

PRAÇA ANTONIO PRADO N.º 6 — SÃO PAULO

CAIXA POSTAL, 789

Enderêço telegráfico: BANESPA



53 AGÊNCIAS NO INTERIOR DO ESTADO; UMA NO RIO DE
JANEIRO E OUTRA EM CAMPO GRANDE (Estado de Mato Grosso)



AS MELHORES TAXAS — AS MELHORES CONDIÇÕES
RAPIDEZ — EFICIÊNCIA

Aniversário da Força Pública

A vida decorre no espaço e no tempo.

Esse binômio desafia, de geração a geração, a perspicácia filosófica do homem.

Roda-se em tórno do enigma. Iluminam-se algumas de suas facetas. E esta ou aquela corrente do pensamento tem a impressão de que, qual Édipo, já o decifrou.

Entretanto, através de rigoroso exame, verifica-se a falácia da solução. Mas, inegavelmente, algo dos ingentes esforços, como pedra preciosa que da ganga se desprende, irá enriquecer o conhecimento humano.

Indiferentes, o tempo e o espaço continuam balizando os fatos. E na tela de Clio, tecida pelos fios do "quando" e do "onde", vão fixando-se os acontecimentos. Homens e instituições prosseguem sua existência, que se realiza em dois tempos.

Um, o que a envolve, o tempo cósmico, medido pelo relógio e pelo calendário.

Outro, que está dentro da vida, o existencial, aferido pelos momentos de alegria ou de tristeza e pela intensidade com que ela flue.

Destarte, duas idades a caracterizam, raras vêzes coincidentes.

Porém, conta-se a duração do ser finito pelas marcas equidistantes na estrada do tempo físico, que são os anos.

Assim, a 15 de dezembro de 1951, a Força Pública de São Paulo, atinge seu centésimo vigésimo aniversário.

A secular corporação de Rafael Tobias de Aguiar, possui no livro de suas memórias páginas de rutilantes feitos e figuras inesquecíveis, constituindo um capítulo empolgante da história de Piratininga, onde se evidencia a contribuição de milhares e milhares de vidas em prol do bem comum.

Como homenagem à secular corporação de Rafael Tobias de Aguiar, bastaria desfolhar o livro de suas memórias para saltarem das páginas feitos e figuras brilhantes que lhe emolduram a longa fôlha de serviços, prestados a São Paulo e ao Brasil.

É justamente esse acervo, marcante do tempo interior, refeito de sacrifícios e de vividas emoções, o penhor seguro do apreço que lhe votam os que, como a brava Milícia, têm por lema "Pro Brasilia fiant eximia".

Aniversário de "Militia"

Registra-se, no corrente bimestre, o ingresso no quinto ano de vida editorial de "Militia".

Sòmente os que se lançaram no campo da imprensa poderão aquilatar que de esforço não representa a manutenção de um periódico.

Quer a parte caracteristicamente material, quer a tipicamente intelectual exigem contínuo carinho.

Não fôra assim, seria impossível conservar e quanto mais melhorar uma publicação.

Ademais, releva notar que a existência de um órgão publicitário só se afirma e viça, mercê do número crescente de leitores que o prestígiam e dos princípios em que se estriba.

"Militia", cònsua dessa verdade, do primeiro ao atual número, sempre refletiu os anseios de seu público e de sua linha, colocando-se acima de quaisquer questões pessoais, estéreis ou sectárias.

Graças a essa atitude, logrou conquistar de pronto, quando não brilhante pelo menos honroso lugar entre as revistas brasileiras.

No transcorrer desta data congratula-se, pois, com seus amigos, colaboradores e assinantes, agradecendo-lhes a cooperação e o apòio dispensados e, no ensejo, brinda seus leitores, pondo-se rigorosamente em dia, quebrando, assim, as teias que lhe entravavam a marcha normal.



Aos nossos leitores

A partir do próximo ano de 1952, muito contra a nossa vontade, a assinatura de «Militia» custará Cr\$ 35,00 e o seu número avulso Cr\$ 6,00. Fomos forçados a êsse aumento de Cr\$ 10,00 na assinatura anual e Cr\$ 1,00 no custo do exemplar, em virtude da majoração continuada do custo do material de confecção da revista.

Desde que foi lançada, em 1947, o preço desta revista nunca foi aumentado. Todavia, de ano para ano, o papel subiu tanto que quase triplicou de preço. Clichês e tintas também tiveram um aumento de cem e mais por cento e o material fotográfico cêrca de trezentos por cento. No entanto, sòmente agora, quando «Militia» ingressa no seu quinto ano de movimento editorial, é que se vê obrigada a anunciar êstes quarenta por cento de aumento.

Animados do mesmo escopo de difundir a cultura profissional e geral da gente miliciana brasileira, obra a que vimos nos dedicando nestes quatro anos que se passaram, de trabalho ininterrupto, e, firmes no propósito de manter não só suas características como principalmente melhorar a sua apresentação e promover a atualidade dos assuntos, é com pezar que nos preocupamos com o seu preço, a fim de não sacrificarmos o seu programa.

Os leitores, por certo, compreenderão as razões que nos levaram a esta decisão e, assegurando-nos a sua simpatia, nos darão o mesmo acolhimento de sempre.

«MILITIA».



Cavalheiro Freire

Ilustração de Félix Morgado

*Meu Menino Jesus — o teu olhar clemente
quem sabe não mereça a pobre e humana gente;
mas olha que incerteza envolve todo o céu,
tecendo em cada fronte um lutuoso véu!*

*Senhor, a vida é outra e a humana inteligência
prostituiu o pensar:
na terra prevalece, infelizmente, o olhar
da sórdida cobiça
que proscreve a razão e o pensamento atíça
para as lutas do mal e as guerras de conquista.*

*Impera em tôda a parte o fim materialista
do feroz argentário,
e surge, a cada passo, oculto entre o tropel
da vida transformada em Torre de Babel,
da inocência o corsário!*

*Quanta lama se arrasta em meio da torrente
dessa vida fugaz,
que brilha como honesta e engana a muita gente,
hipócrita e falaz!...*

*Desçam cantos de amor nos vales e colinas,
derramando concórdia, afastando neblinas...
Nem se pense jamais que a mão esquerda é feita
para apagar, de vez, os traços da direita...
Nem volva o fero Marte aos campos de batalha,
e fale ao mundo a paz mais alto que a metralha!...*

*Senhor, vós que fazeis sair à tona d'água
o caniço que verga aos látegos do vento,
tão humilde e sem mágua;
aos homens, daí, também, que o altivo pensamento
se curve reverente
como outrora, em Belém, os Magos lá do Oriente,
e aprendam, enfim, no olhar do meigo Salvador
— a imensa lei do amor!...*

COISAS DA FÔRÇA PÚBLICA

Cel. Anchieta Torres

Ilustração de Félix B. Morgado

— I —

Compromisso à Bandeira

O Juramento à Bandeira, pelos que ingressam nas fileiras da Fôrça Pública, nem sempre obedeceu o cerimonial com que é realizado em nossos dias.

Noutros tempos o ato era muito simples. Alistado o indivíduo, o se-

tes, para impressionar mais o novel soldado, cobriam-lhe a cabeça com o pavilhão nacional durante a cerimônia. Como os alistamentos eram diários, diariamente o comandante era chamado a receber aquêle juramento. Com o tempo tal prática

decaiu e nos últimos anos do século e primeiros dêste, o juramento, que já era prestado na secretaria foi, em alguns corpos, relegado ao esquecimento. Com o advento da Missão Militar Francesa, restabeleceu-se êsse compromisso, que voltou a ser prestado nas mãos do comandante, em seu gabinete.

Em 1912 foi criada a Companhia Escola e nomeado seu comandante o cap. Francisco Júlio Cesar Alfieri. Com essa criação todos os alistados passariam a ser mandados servir adidos àque-



cretário do corpo levava-o juntamente com a Bandeira Nacional ao gabinete do comando e, ali, êle prestava o sagrado compromisso «nas mãos do comandante», como rezava o regulamento. Alguns comandan-

la cia., responsável pela instrução, e ali permaneciam até serem considerados soldados prontos. Entendeu, então, o comandante da Cia. Escola, oficial de escol e adepto do formalismo, que o compromisso à Bandeira

deveria ser realizado em cerimônia pública e com tal pompa que ficasse indelêvelmente gravado no sub-consciente dos que dêle participavam.

Aprovada sua idéia, ordens foram dadas e o ato do juramento à Bandeira passou a ser realizado da forma como o encontrei em 1913, no pátio do Quartel da Luz, às 15 horas do dia 1.º de cada mês, ou do dia 2, caso fôsse ferido ou domingo aquêle dia.

De véspera era escalado, em Boletim do Comando Geral, um oficial superior, geralmente major, para o presidir. Apresentava-se êle de grande uniforme, como de grande uniforme se apresentavam a companhia de guerra, guarda de honra da Bandeira e os recrutas que iam prestar o sagrado compromisso. Todo o pessoal aquartelado naquela caserna, cavalaria e infantaria, formava nos alpendres que lhe, circundam o pátio interno, em uniforme azul ferrete.

Prestado o juramento, desfilavam a tropa, guarda de honra e os recrutas, perante o símbolo da Pátria, o qual era, em seguida, recolhido com as continências regulamentares.

Cerimônia bonita e impressionante, pelo aparato de que era revestida.

Depois... Bem, depois os uniformes simplificaram-se, como tudo na vida, e o juramento à Bandeira passou a ser feito sem aquêle aparato e sem uniforme de gala, embora em formatura geral no pátio do quartel do Corpo Escola, ainda mensalmente e, em nossos dias, em formatura geral da Fôrça ou nos próprios batalhões, uma vez cada ano, no Dia do Soldado.

O que é fato é que perdeu êle, com essa modificação, todo o esplendor com que era realizado no tempo em que me alistei.

— II —

História de um almôço

Em 15 de novembro de 1914 a Fôrça Pública realizou uma parada militar no Prado da Moóca. Nada de notável nessa realização, sabido que as paradas naquele local eram espetáculos habituais para o paulistano que, anualmente, para ali se dirigia a fim de admirar as evoluções da sua tropa, os conjuntos de esgrima de baioneta, de boxe e de ginástica suéca, realizados por vários batalhões, as empolgantes cargas do Regimento de Cavalaria e outros números que constituíam o programa das festividades.

O que de importante teve aquêle dia 15 de novembro, para um pe-

queno núcleo da Fôrça Pública, precisando melhor, para os sargentos da 2.ª Cia. do 1.º Batalhão, não foi propriamente a parada. Foi um almôço — de confraternização — como se diz hoje, fora do rancho. Cansados da «bóia» servida no quartel, embora soubessem que, por ser dia feriado, seria ela melhorada com a substituição da indefectível carne de vaca, pela de porco, com a distribuição de uma caneca de vinho, de um pedaço de queijo e de um pouco de goiabada, como sobremesa, resolver aqueles sargentos comemorar o grande dia com um almôço melhorado.

Escolhido o local — o bar do Cine Eden — na rua de São Caetano e resolvido o «financiamento», que ficou a cargo do 1.º sargento, nada mais restava aos componentes do grupo senão aguardar o regresso da tropa ao quartel, para marcharem resolutamente aos comes e bebes, que se comporiam de uma boa salada mista e de outros pratos escolhidos na hora, segundo o gosto de cada um. Como bebida, a cerveja gelada.

Tudo correu «segundo os planos prèviamente estabelecidos» e, chega-

diria si não fôsse interrompido pelo sargento Gabriel Moreno, que disse:

— «Estou de acôrdo com o senhor, «Primeirão», mas os sargentos aqui presentes são também uns grandessísimos idiotas.»

Terminados os protestos que sua afirmativa provocara êle concluiu seu pensamento.

— «Sim. Uns grandessísimos idiotas, repito, porque enquanto passam suas horas de folga promovendo almoços e outras reuniões, para o que tudo serve de pretexto, esque-



Em pé, da esquerda para a direita: 2.ºs sargentos João Regis de Oliveira, João Antonio do Nascimento, Antenor José de Lima, Justino Ferras de Carvalho e Furriél João Domicildes

Sentados, na mesma ordem: 2.ºs sargentos Gabriel Moreno, José Anchieta Torres, Romulo Rezende, 1.º sargento Benedito Pedro dos Santos e 2.º sargento Mario Vasconcelos

da a hora dos discursos, porque também haveria discursos, o 1.º sargento, por ser mais graduado, «puxou a fila». Disse êle, no seu aranzel, que os presentes eram a flor dos sargentos do Batalhão; que isso acontecia porque êle tinha «dedo» para escolher os seus sargentos; que não via na unidade, nem mesmo na Fôrça Pública, melhor quadro de inferiores do que o «seu» e mais

cem-se de que, há tempo, da 2.ª cia. não sai nenhum oficial. Por que? Porque fugimos da escola. Ainda êste mês eu e o Rômulo fomos punidos por termos dado as 8 faltas de aulas. Tenho uma propôsta a fazer: tomemos o compromisso solene de que o mais cedo possível sáia algum oficial do nosso meio. Somos 10. Nem todos poderão ter êxito, mas, será possível que, dentre os sar-

gentos melhores da Fôrça Pública, como acaba de dizer o nosso «Primeirão», nenhum consiga ser oficial?»

Concordes com as palavras do sargento Moreno, os promotores do almoço assumiram o compromisso lembrado e, para selá-lo, foram ao «fotógrafo oficial da Fôrça Pública» (você sabem onde é) e tiraram o grupo que ilustra estas linhas.

Dos dez sargentos que o integram cinco atingiram o oficialato. Quatro conseguiram postos superiores e se os restantes não conseguiram o objetivo visado, não foi por falta de esforço. Faltou-lhes sorte.

Inegavelmente a Fôrça Pública possui hoje sargentos mais bem preparados do que os daquele tempo e poderão fazer mais ainda. É verdade que possuem êles a oportunidade de adquirir as dragonas de oficial pela porta da reforma. Mas, pergunto: que é mais interessante, um galão, com possibilidades de ser acrescido de outros, conquistado pelo esforço próprio, em plena mocidade, ou aquêles que chega às portas da velhice, pendente apenas do fator tempo de serviço?

Meditem os jovens sargentos ainda em idade escolar e escolham o rumo a seguir.

— III —

O quepe do tenente

Aí por mil novecentos e vinte e poucos comandava a Fôrça Pública o cel. Pedro Dias de Campos, chefe ilustre e rigoroso, que não admitia insuficiências de qualquer espécie em seus comandados.

Madrugada ainda, descia do bairro do Paraiso, onde residia, e iniciava sua visita diária aos corpos e serviços da Capital, a começar pelo 5.º B.C., cujo quartel se localizava em Vila Mariana.

Depois de inspeccionar ligeiramente todos os corpos sediados na Capital, demorava-se um pouco mais no H.M., cujo Diretor, por sua idade um tanto avançada, necessitava do auxílio do Chefe, para dominar as «feras», que eram os seus dirigidos na ocasião. Encaminhava-se em seguida para o Q.G., onde encontrava seus auxiliares mais diretos a postos, supervisionados pelo Assistente, ten. cel. Benvindo de Melo, que também não era «biscoito».

Na ocasião um dos seus ajudantes de ordens era o tenente N., boêmio conhecidíssimo, levado para perto do chefe, que desejava controlá-lo melhor. Ao chegar ao Q.G., olhava para o cabide de entrada e lá avistava o quepe do tenente, a atestar sua presença na casa, o que nem sempre era real. O quepe do cabide era um. O do uso, outro. Graças a êsse ardil o tenente N. ia servindo mais ou menos a contento e dormindo além das horas regulamentares.

Mas... «um dia cái a casa», lá diz o velho rifão e a «casinha» do tenente caiu mesmo... por descuido ou maldade de um fachineiro. Ao entrar, certa manhã, notou o coronel que o quepe do seu subordinado estava empoeiradíssimo, o que era de estranhar, dado o cuidado do mesmo com os seus uniformes. Mandou chamá-lo e não foi êle encontrado. A tramóia foi descoberta...

O dia seguinte encontrou o tenente N. em um trem da Sorocabana, rumo a Presidente Epitácio, a fim de ir reunir-se ao 2.º B.C., em operações de guerra no Estado do Paraná. Mas, quem tem sorte, tem mesmo. Enquanto aguardava condução naquêlo pôrto, o batalhão recebera ordem de regresso a este

Estado e, dias mais tarde era de ver-se o aprumo com que o nosso tenente desfilava, comandando a 1.ª secção da 1.ª cia. do Batalhão sob o arco de triunfo armado na Avenida Tiradentes, aplaudidíssimo pela multidão que aguardava aquela brava unidade da Fôrça Pública.

Consumir

É um dever de patriotismo.

Produtos

É contribuir para o desenvolvimento da nossa produção

Nacionais

É ajudar a libertação econômica do Brasil.

HONRAS MILITARES

Falecendo em Praga a tia solteirona de um rapaz residente em Viena, solicitou êste fossem-lhe enviados os despojos, a fim de serem sepultados no túmulo da família.

Ao chegar o caixão mortuário, qual não foi o espanto do destinatário ao verificar que a urna mortuária continha não o corpo de sua tia, mas o de um general em uniforme de gala.

Reclamou ao encarregado do despacho, que lhe respondeu: "Nada podemos fazer. Corpo enviado Leningrado".

Novo telegrama, desta vez para Leningrado, de onde veio a resposta: "Enterre general sigilosamente; sua tia tia sepultada mais altas honras militares".

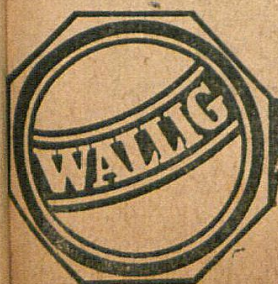
Completamente



Diferente

O fogão a carvão Wallig
Sem chaminé
Rápido
Econômico
Remoção da cinza por
rapidez

Wallig
SÍMBOLO DE QUALIDADE



METALÚRGICA WALLIG S.A.

Rua Conselheiro Crispiniano, 57 — SÃO PAULO

Caixa Postal, 2268 — Fone: 36-1252



Fuga

1.º ten. Félix B. Morgado

Ilustração do autor

Estirou o corpo como pôde, sonolento. Dormitava há longos minutos no fundo do caminhão, respirando poeira e quase esmagado por aquela gente que viajava com êle, suada e cheirando mal. Abriu os olhos amendoados, bovinos, incrustados na cara triangular. Já não sabia por onde andava... Perdera a noção do tempo e do espaço. A noite devia estar caído, porque tudo ia ficando vago, cheio de sombras.

O caminhão saltava pelo caminho, furando nuvens de poeira vermelha, sacudindo Zé dos Anjos que tinha o corpo moído como se tivesse levado pauladas a valer. Esperava descansar dentro em breve, porém, quando se livrasse dessa correria que parecia uma sina maldita.

Zé dos Anjos vinha de longe, duma terra calcinada por um sol inclemente. Terra sem rios, sem lagoas, sem florestas... Paragens perdidas lá no norte, onde as planícies e as elevações peladas e pedregosas, desérticas e poeirentas, constituíam um cenário desolador e sem vida.

Pretendeu certificar-se por onde andava, mas ninguém sabia. Achou melhor fechar novamente seus olhos mansos. De nada lhe adiantava olhar trechos de

paisagem enegrecida pela noite ou caras cansadas, em que as sombras botavam máscaras grotescas.

Parecia-lhe incrível que morasse uma esperança no coração daqueles seres estenuados e maltrapilhos. Mas êle também tinha uma esperança dentro do peito. Pouco almejava, que não era do seu feitio querer muito. Nada mais que um lugar onde pudesse parar e criar raízes, raízes profundas que o prendessem bem a um chão úmido e palpitante de vida. Estava decidido a esquecer seu povoado perdido no sertão nordestino. Foi com relutância que o havia abandonado. A despeito de tudo um pingão de afeição ligava-o àquele amontoado de casebres. Quando todos fugiram sob a coação impiedosa da sêca, foi êle, talvez, o último a sair. Agora, porém, já se alegrava em poder esquecê-lo definitivamente. O chão lá era duro como a pedra e a folhagem enfezada do arvoredado ralo e comburido tinha a côr sanguinolenta da terra, grossa de poeira acumulada durante infundáveis dias de soalheira.

Fugiu do seu povoado, cravado nos confins do mundo. Trazia-lhe, contudo, as marcas, na pele tisonada e sem côr definida — côr de sujeira — sob a qual

os músculos pareciam cordas esticadas. Todo o seu povo esfomeado trazia marcas indeléveis, aliás. Marcas no corpo e na alma. A aceitação da fatalidade como eterno consôlo, constituía a sublimação dos sofrimentos e da depressão moral que os perseguiram desde o nascimento. Mas da sua infância pouco se lembrava Zé dos Anjos, pois o tempo ia, aos poucos, apagando-lhe da memória os pormenores. Sabia, porém, que não teve brinquedos. Cresceu ao Deus dará, comendo pouco, bebendo quase nada, participando desde cedo duma batalha desigual contra a natureza hostil e impiedosa. Dessa luta sobraram ruínas, entre as quais a do seu próprio corpo, maltratado por uma seqüência dolorosa de doenças que o reduziram a um farrapo humano, como um arbusto que a sêca crestou e sugou até a última gota de seiva. Não dava outra impressão. Enxuto de carnes, cabeça grande equilibrando-se sobre um pescoço descarnado, tronco sêco — como se fôsse vazio de vísceras — braços e pernas compridas e sem firmeza. “Filho de pais velhos”... tinham dito uma vez. Zé dos Anjos nascera por último, de fato, como o mais novo duma trempe familiar e numerosa que foi se dispersando com o tempo. Zizinha era a mais graciosa das irmãs. Quando botou corpo e os seios já estufavam a blusa de pano grosso, lá se foi com um vaqueiro que pousou no povoado, em demanda do litoral.

Zé dos Anjos tornou-se adulto precocemente. Foi uma transição que não sentiu. As contingências pelas quais passou submeteram-no à tirania dos complexos, sem defesa. Revoltava-se contra tudo e contra todos. Não era uma oposição física — que seus músculos não lhe inspiravam confiança — mas um ódio mórbido e infundado. Chegou

a admirar o bandoleiro, como uma personificação dos seus sentimentos doentios. Esteve prestes a seguir com um punhado de cangaceiros que, errando pelas caatingas, surpreendeu o povoado de madrugada, depredando e saqueando. Faltou-lhe, porém, coragem para enfrentar as caatingas sem fim. Mais tarde, um caso de amor sacudiu sua vida medíocre e ôca. Nada mais restou dessa paixão incompreendida que uma dolorosa certeza da sua inutilidade. Com o tempo a natureza foi acabando com êle e com seu ódio. Era um aniquilamento de dia para dia, sem esmorecer a sua intenção de derrubá-lo de inanição, como fazia com as rêzes, cujas carcassas pontilhavam os descampados, apodrecidas.

Isso tudo Zé dos Anjos desejava esquecer. Recomeçaria a vida como se antes nada houvesse acontecido. Julgava que o futuro poderia proporcionar-lhe algo desconhecido, mas que de antemão considerava melhor. A terra oculta pelas montanhas do horizonte concretizava essa idéia de conforto físico e moral que ressumava do seu discernimento primário. Só a presença úmida dos seus rios e o verde virente da sua vegetação seriam um estímulo permanente para êle, tão necessitado da proteção da natureza. O conformismo, o apêgo à fatalidade como o meio mais ao alcance para justificar a agressividade com que os elementos até então sitiavam seu povo dentro um círculo de miséria e sofrimentos, desapareceriam, como por encanto. Ouvira contar muitas histórias sobre as terras do sul, onde chovia durante todo o ano e os vales se cobriam de plantações intermináveis. As cidades, as fábricas, as lavouras, enguliam milhares de trabalhadores diariamente, querendo mais e mais gente para cons-

truir, fabricar, plantar. Zé dos Anjos se perderia no meio dêsses milhares, como uma formiga num formigueiro. Talvez até fizesse fortuna.

Quem o observasse no fundo do caminhão não poderia jamais avaliar a multidão de idéias que se atropelavam na sua cabeça.

Depois, Zé dos Anjos não agüentou mais de canseira. Caiu num profundo sono, a despeito das trepidações do veículo. A viagem vinha prolongando-se por vários dias a fio, com ligeiras paradas para o descanso do motorista. Tinham empregado nela tôdas as suas economias e não fôra o interêsse do proprietário do caminhão em abandonar a região da sêca, teriam, por certo, ficado à mercê desta. Todos estavam estenuados ao extremo.

*

Zé dos Anjos sonhou uma porção de coisas. Errava por uma planície coberta por um capim verde como jamais tinha visto. As hastes, as folhas, eram tão suculentas que estalavam sob seus pés, desfazendo-se num líquido grosso e viscoso. Não se via terra. Os barrancos, as baixadas, tôdas as anfratuosidades sumiam sob aquela vegetação exuberante, que um vento fresco ondulava. Havia árvores enormes, cujos últimos galhos Zé dos Anjos não alcançava com a vista. Era de embasbacar. Em tôdas as direções corriam riozinhos de água cristalina e Zé dos Anjos logo se enfartou de tanto beber água. Havia um pormenor ameaçador, todavia: é que o mato ia crescendo, crescendo. Cada touceira de capim pisada, cada galho quebrado, refazia-se instantaneamente — agigantando-se logo depois — como se recebesse um estímulo de vitalidade, milagroso. Em poucos minutos Zé dos Anjos quase não podia caminhar. Tinha

agora que abrir picadas e era com dificuldade que se equilibrava naquele chão de talos esmagados vertendo uma babugem grossa e escorregadia. O céu havia desaparecido, pois as copas das árvores gigantescas se uniam por cima da sua cabeça e Zé dos Anjos começou a tremer de frio, naquele ambiente úmido e sombrio. Já se desesperava ao notar que o mato não parava de crescer, a germinação se processando instantaneamente, com ruído, com estalidos, como se as sementes, as raízes enterradas naquele chão rico de humus estivessem sob a ação dum fertilizador diabólico. Quando a galharia fechou sobre êle, entrando-lhe, de todo, os movimentos, espetando-lhe o corpo — a folhagem a roçar-lhe o rosto, visguenta, pegajosa — não se conteve mais... danou a gritar com tôdas as suas fôrças.

*

Zé dos Anjos acordou sobressaltado, com alguém a gritar-lhe no ouvido: "Chega de berrar, meu irmão. Acorda que já é dia". Com muito custo desenvencilhou-se duma dezena de pernas que o prendiam ao fundo do caminhão e ficou de pé, como todos os outros.

Havia uma grande ansiedade estampada nos olhos dos retirantes. Olhavam o céu, magnetizados, obstinadamente e sorviam o ar, como feras farejando a prêsa próxima. Zé dos Anjos não escapou à atração daquele céu de nuvens negras rolando umas sobre as outras. Havia uma expectativa angustiante em cada folha imóvel, dentro do ar pesado, denso e o caminhão rodava com esforço redobrado, sob aquele céu de chumbo. De súbito alguém violentou a muda expectativa que tudo queria paralizar, com um berro que saiu meio estrangulado pela emoção:

— É a chuva, irmãos!

O céu parecia estar aguardando êsse alarme. Despejou chuva grossa sôbre tôda a região.

Zé dos Anjos tirou o chapéu de palha e deixou que os cabelos se ensopassem com a água que caía compacta, molhando os campos, formando enchurradas. Tinha a impressão de que estava chorando, mas não tinha certeza. Queria gritar de alegria, mas não tinha voz. Pôde apenas pensar que quando o batizaram nem água benta havia na vila.

Aquela chuva anunciava para os retirantes o limiar duma nova vida. Penetraram nela encharcados até a medula dos ossos. Uns choravam de emoção, outros rezavam alto e havia os que permaneciam abobados, a olhar os campos

molhados, o arvoredo se debatendo sob o vergalho da aguaceira, as enchurradas de água vermelha como sangue descendo pelos barrancos e ganhando a estrada.

Tinham chegado à terra onde os rios são eternos e uma fonte borbulha em cada canto.

*

Um grande contentamento fazia arfar o peito de Zé dos Anjos. A água da chuva parecia ter-lhe lavado a alma, retirando-lhe as marcas do seu povoado cravado nos confins do mundo, livrando-o do cunho da miséria e do sofrimento. Viveria outra vida, que a que vivera até agora não tinha sido mais que uma dolorosa preparação para a morte.

COOPERATIVAS REGIONAIS:

Santa Isabel — Jacareí — Santa Branca — São José dos Campos — Paraibuna — Taubaté — Pindamonhangaba — Roseira — Guaratinguetá — Lorena — Valparaíba — Aguai.

COOPERATIVA CENTRAL DE LATICÍNIOS

DO

ESTADO DE SÃO PAULO

Regist. M. A. sob n.º 4 e S.A. sob n.º 47



Escritório e sede central: (Diretoria 9-2658
Rua Dr. Almeida Lima, 523 Fones (S. Comercial .. 9-2659
SÃO PAULO (S. Técnica 9-2681

MOLHADO OU ÚMIDO, FRIO OU QUENTE!

Tradução de «El Automóvil Americano»,
pelo major Romeu C. Pereira

“Esta campanha aérea contra as reservas petrolíferas, tende a fazer realçar uma das maiores vantagens que temos tido sobre o inimigo em tôdas as campanhas do Mediterrâneo e Europa. Consistiu na mobilidade relativa. O Exército americano distinguiu-se sempre pela mobilidade em sua organização e no equipamento de suas forças. Antes do advento do automóvel, nossos exércitos eram proporcionalmente mais fortes, por sua cavalaria, que a maioria dos outros exércitos do mundo, em sua época. Com a introdução do motor, o Exército americano beneficiou-se grandemente e não perdeu tempo em obter maior mobilidade. Nossa vantagem neste aspecto foi aumentada sensivelmente pelos métodos de produção em massa da indústria americana. Certamente nenhuma outra nação do mundo teria podido abastecer, reparar e manter a grande frota de transportes motorizados que as forças armadas americanas utilizaram na segunda guerra mundial.”

(Do livro “Cruzada na Europa”, por Dwight D. Eisenhower).

Mais veículos autopropulsionados para mover mais homens, mais artilharia e mais suprimentos, com maior rapidez, sobre tôda a classe de terreno, debaixo de tôdas as condições de tempo, em batalha e atrás das linhas de combate é o que está ocorrendo atualmente no exército dos E.U.A.

Desde a verdadeira infância do transporte motorizado militar — há somente 35 anos — com o enorme desenvolvimento dado na segunda guerra mundial e com os melhoramentos adicionais na campanha da Coréia, é agora possível emitir-se um conceito inteiramente novo. Este é o resultado da cooperação entre os engenheiros do Exército — que

sabem o que querem — e os engenheiros da indústria automobilística — que sabem como realizar. Isto só pode ocorrer em um país inclinado profundamente para a motorização.

LIBERDADE DE AÇÃO

Este será um exército com completa mobilidade e liberdade de ação, exceto em terreno montanhoso.

O Exército está utilizando plenamente os veículos, tanto de rodas como de lagartas. Os novos modelos podem tornar evitáveis as estradas a não ser em terreno muito montanhoso e reduzir assim o risco de serem metralhados pelo inimigo.

PEQUENA UNIDADE GRANDE PRO- DUÇÃO

O operador desta pá mecânica parece um gigante em comparação com o veículo. Temos essa impressão devido ao pequeno porte da unidade, desenhada para passar pela porta de carga de um avião e pesando menos de 7.200 quilos



Foram necessárias grandes mudanças nos veículos motorizados para que se tornassem capazes de fazer tôdas estas coisas. Todos os veículos nas zonas avançadas ou de combate, formam o que o Quartel General do Exército chama «táticos», capazes de serem utilizados em combate efetivo, diferenciando-se dos veículos «administrativos» encontrados por trás das linhas de fogo.

Todos os veículos táticos, de rodas, usados pelo Exército americano, terão propulsão em tôdas as rodas, sejam eles de quatro, seis ou mais. Isto é aplicável indiferentemente aos veículos empregados nos transportes de carga ou nos usados em combate.

A facilidade dêsses caminhões para chegar a qualquer parte foi aumentada grandemente ao equipá-los com pneumáticos de tamanho grande e baixa pressão, os quais proporcionam «flutuação» em areia, lama ou neve.

E todos os veículos táticos, tanto de rodas como de lagartas estarão equipados com sistema elétrico de 24 Volts, totalmente impermeável ou capaz de ser facilmente impermeabilizado ao se lhe aplicar um tratamento especial. Os veículos do exército assim equipados podem tra-

balhar submergidos totalmente na água, podendo cruzar rios de varios pés de profundidade sem utilizar pontes nem embarcações ou vadear por si próprios nos desembarques costeiros.

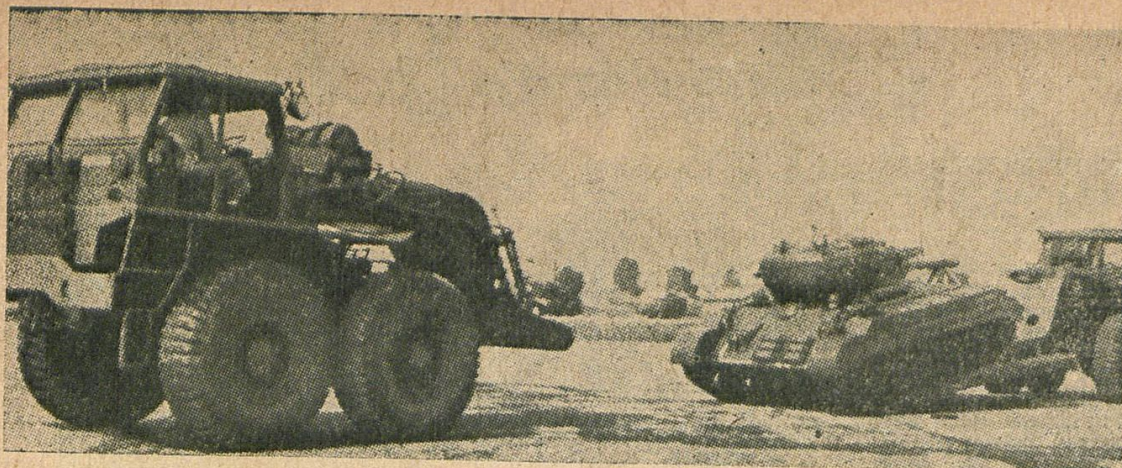
Estas coisas requerem potência e, conseqüentemente, todos os veículos têm muito mais força que os da segunda guerra mundial. Têm até mais potência que os modelos projetados depois da guerra.

Tudo isto se baseia na conclusão do Exército:— o transporte para a batalha e da batalha é tão importante como os próprios homens e armas. Além de tudo o soldado melhor treinado, com a arma melhor do mundo é inútil ao ser colocado em um lugar errado; nem tão pouco vale muito ao ficar sem munições. Suplementando êstes simples princípios, estão as opiniões de que as tropas descansadas são as melhores; que os soldados bem alimentados lutam melhor que os famintos e que o escoamento rápido dos feridos para a retaguarda salva muitas vidas.

Tudo isso soma maior necessidade crescente, para o transporte motorizado.

UMA DIVISÃO NORMAL

Talvez a melhor maneira de ver o alcance da atitude do Exército é



ESTA PODEROSA UNIDADE REALIZA ENORME TRABALHO

O fantástico e novo transportador de tanques é fortemente blindado e comporta duas partes

O pesado tanque sobe com facilidade à cama entre as duas secções que, uma vez unidas, constituem um veículo cujas manobras são feitas como nos carros de bombeiros com rodas trazeiras dirigíveis.

tendo em conta uma divisão normal de «infantaria». Esta consistia antigamente em tropas a pé acrescentadas dos abastecimentos de serviços indispensáveis. Uma divisão desta classe estava ligada perenemente às linhas ferroviárias, sem poder afastar-se delas mais que alguns quilômetros. Quando deixava as estradas de ferro era regulada pelos passos dos soldados que marchavam. Mais adiante, no desenvolvimento do transporte militar, uma D.I., dispunha de caminhões em lugar de cavalos e carretas, mas nunca, até a atualidade, dispôs da quantidade suficiente de caminhões. Uma divisão não podia mover-se sem estabelecer uma espécie de transbordo pelo qual podia mover-se pouco a pouco.

Na atualidade uma D.I. dispõe de quase toda a quantidade de transporte motorizado de sua dotação para poder transladar-se a qualquer parte por si mesma. Pode levar consigo suas armas e munições, seus alimentos importantes e seus utensílios médicos e movê-los todos ao mesmo tempo. Isso porque a D. I. da atualidade tem 2.585 veículos

terrestres autopropulsionados e 1.530 reboques além de sua aviação própria.

O QUARTEL MESTRE

Tudo o que a divisão tem de fazer é pedir ao «Quartel Mestre» do corpo, que lhe consigne sete companhias de caminhões adicionais, que somam 270 veículos, para transladar seus 4.000 soldados à frente. Uma D.I. compreende 18.800 oficiais e praças.

A D.I. da atualidade inclui sua própria artilharia a qual dispõe de canhões automáticos propulsados, de até 155m/m de calibre. Tem sua própria tropa blindada com 144 tanques e uma dezena de enormes e grotescos veículos para o transporte e recuperação dos tanques. Tem seus próprios engenheiros que podem colocar as pontes, que carregam consigo ou podem construir caminhos e pistas de aviação com as motoniveladoras e abridoras de caminhos da divisão; tem seus próprios compressores de ar montados em caminhões para acionar serras, martelos e perfuradoras pneumáticas.

Já não é a D.I. uma equipe de soldados a pé. Não. Com todo esse transporte, uma divisão, assim, será completamente autônoma em seu movimento. É a primeira vez na história das guerras que isso é uma verdade. Raras vezes uma divisão se move completamente e é por isso que não conta com os últimos 270 caminhões de seu equipamento. Estes estariam inativos a maior parte do tempo e são consignados ao Quartel Mestre do Corpo, para serem utilizados pelas diversas divisões que compõem o Corpo de Exército.

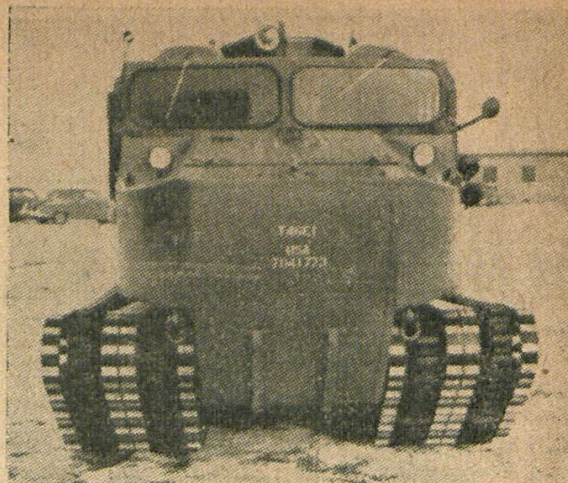
UMA DIVISÃO MOTORIZADA

Uma divisão motorizada que muito pouco combate a pé, dispõe de 3.299 veículos terrestres autopropulsionados, mais 1.394 reboques, etc. Uma divisão transportada por ar, que conta com as Forças Aéreas para seu transporte principal para a frente, tem assim mesmo 1.644 veículos terrestres autopropulsionados e 1.029 reboques.

TRÊS ZONAS

Ao projetar a organização geral o Departamento de Defesa dos E.U. A., tem em vista três zonas de atividade, das quais duas são instáveis, mudando à medida que se alteram as condições de guerra. Estas são as zonas de combate e a zona de comunicações. Atrás delas está a zona do interior, identificada hoje como os E.U.A. continentais.

Como já se disse, todos os veículos usados na zona de combate, quer sejam de rodas, de truques ou lagartas, para carga ou combate, são chamados «táticos». Por outro lado o Exército e as Forças Aéreas utilizam caminhões normais de comér-



“OTTER”, eis o nome disto

Este anfíbio é muito veloz e faz meia volta quase no mesmo lugar. Sua transmissão é igual a dos tanques e as lagartas o movimentam mesmo sob a água.

cio para trabalhos «administrativos» na zona de comunicações e na do interior — normais quanto ao funcionamento — a não ser a cor de sua pintura e talvez em outros detalhes especiais. Um destes detalhes é a colocação de pedras de conSIGNAÇÃO de um grande número de ônibus cujos interiores podem ser convertidos rapidamente de assentos para transportar soldados à frente, em ambulâncias com macas para evacuar os feridos à retaguarda. Mas as características mecânicas e estruturais principais são as mesmas dos tipos normais que o comércio utiliza.

CUSTAM O DÓBRO

Os veículos táticos custam o dobro dos modelos comerciais ao serem comprados e também o dobro para operá-los. Além disso, o uso de unidades normais atrás das linhas de combate reduz a necessidade de manter depósitos especiais de peças para os caminhões. As Forças Armadas atuam igualmente como um proprietário civil de frota comercial comprando automóveis e caminhões, peças e equipamentos, segundo suas necessidades, por intermédio de sua

fonte comercial. Este desejo por parte das Forças Armadas de economizar dinheiro e a vontade de resolver com facilidades os problemas de abastecimento por meio de simplificação, resultou no uso de somente seis tamanhos básicos de caminhões e de somente cinco tamanhos de pneumáticos. Há, todavia, dezenas e dezenas de todas as classes de equipamentos nos caminhões, mas estes são os mesmos. Vejamos aqui alguns tipos de carroceria que o Quartel Mestre Geral do Exército está construindo na atualidade: armações para carga, mudanças, oficinas, basculantes, talha, socorro, ereção de pontes, tanques de combustíveis, e água, gabinete dentário, purificação de água, laboratório criminalístico, laboratório fotográfico, laboratório para ensaios de terra, banhos, lavanderia, ambulâncias (as táticas são idênticas mecânicamente com o chassis de 3/4 de ton. usado para o transporte de pessoal e armas); instalação de telefones, hospital de campanha, trabalhos de manutenção, reparações de soldas elétricas, reparação de artilharia, panificadora e cozinhas e equipamento para oficinas. Os «chassis» são de caminhões de 1/4 de ton. — que são os chamados «jeeps» — de 3/4, 2 1/2, 5 e 10, ton. e os grandes transportes de 15 ton. As tabelas de organização mostram ainda caminhões de quatro e seis ton.; entretanto, serão trocados por modelos maiores, na medida da disponibilidade industrial. Os reboques variam de 1/4 a 60 ton. de capacidade.

OS USOS

Os tamanhos e pesos de alguns dos caminhões e de outros veículos

autopropulsionados são controlados pelos usos para os quais são empregados. Por exemplo: as carrocerias táticas de ambulâncias devem ter o comprimento suficiente para carregar as macas; as mais modernas e leves motoniveladoras projetadas para ser transportadas pelo ar, às posições avançadas, não devem exceder ao tamanho da porta nem à capacidade dos aviões.

O transporte aéreo entra no quadro de outra maneira espetacular. Um comentário casual do capitão J. L. Quinnelly, do Quartel Mestre do Exército americano, no Arsenal de Detroit, ao dirigir-se recentemente em um discurso à Sociedade de Engenheiros Automotrices, foi que: «... os caminhões até a classe de 2 1/2 ton., devem ser bastante fortes estruturalmente para resistir ser despejados em paraquedas de um avião.»

AGUDO CONTRASTE

Em agudo contraste com esse requisito está um parágrafo das especificações que pesa e que diz: a altura do piso de carga dos caminhões não pode ser muito pronunciada devido a que as munições e acessórios pesados têm de ser manipulados por soldados no solo, em condições nem sempre favoráveis ao trabalho. Igualmente, todos os veículos táticos devem ser capazes de operar em enorme variação de temperatura de 65 graus F. (Fahrenheit) abaixo de zero a 125 graus F. acima (-53,8 a + 51,8 graus C.) Os motores esfriados tanto por ar como por água devem ser utilizáveis em ambos os extremos. O Exército continua experimentando o resfriamento por ar para os motores de caminhão e já o está

A garoa de dióxido de carbono e água que este veículo lança apaga os incêndios nos campos de aviação

Os tubos que se vêem ligados às extremidades dos eixos servem para encher ou esvasiar os pneumáticos desde o interior da cabina.



usando nos tanques e em outros veículos de lagartas.

Recentemente adotou-se uma nova graxa de engrenagem para toda temperatura substituindo seis lubrificantes diferentes, pelo menos para veículos e peças de artilharia. Esta graxa não congela em temperatura baixa nem se derrete com o calor em toda a gama de temperatura acima especificada.

O Quartel Mestre do Exército está adquirindo invólucros normalizados para adaptar os veículos ao uso sob estas condições e em outras circunstâncias especiais. Um dos tipos de estojo é um «pacote» para tratamento invernal consistindo de de uma capota dura para substituir a capota normal de lona e aquecedores, tanto para o pessoal como para o motor. Proporciona-se caminhões com os furos de montagem já feitos e com seções da caixa que se pode desmontar sem necessidade de cortar o material para proporcionar espaço para os tubos de admissão e descarga de ar. Também oferece para uso nas regiões árticas um invólucro especial de lona acolchoada de fibra de vidro, piso isolado e aquecedor para o pessoal.

Para as cabinas dos caminhões se equipam capotas duras e moles em uma espécie de contrução «convertível». Quando se deseja a capota dura substitui-se a mole. Também dispõe-se de cabinas blindadas para certos usos, como esta informação da guerra na Coréia «...os tanques chocavam com minas quando cruzavam a estrada, fêz-se todo o possível para permanecer fora dos caminhos, mesmo quando o terreno era acidentado. Essa marcha por terrenos maus mantém em ação mais tanques e tripulantes. Fornecem-se invólucros especiais de proteção para melhorar as possibilidades de que os veículos mediantemente blindados possam passar pelos campos minados sem sofrer dano.» (adaptação do tradutor) Um detalhe interessante dos desenhos dos veículos táticos é a adoção de parabrisas verticais em lugar dos inclinados para eliminar a reflexão da luz e passar despercebidos pelo ar.

Acima se fêz referência às maiores potências dos novos veículos.

Para proporcionar abundante força para manipular cargas estipuladas fora dos caminhos e até em rampas de 60%, assim como transportar 100% da sobrecarga permi-

tida pelo Exército em caminhos bons com superfície dura, os aumentos no rendimento dos motores são muito grandes.

Dois exemplos disso são: um aumento de 92 a 114 H.P. no caminhão de 3/4 de ton. e um aumento de 104 a 146 H.P. nos de 2 1/2 ton. de 6x6 os quais continuam sendo a coluna mestra do transporte por caminhão do Exército. Seis por seis significa que o caminhão do Exército tem seis rodas e propulsão em tôdas elas. Os «jeeps» e o modelo de 3/4 de ton. são 4x4. Este aumento de potência é ainda mais destacado nos novos veículos de avanço sobre lagartas, tanques, plataformas de canhões e outros tipos mais. Equipados geralmente com motores resfriados por ar de um novo desenho anunciado somente no ano passado, estes veículos têm uma estipulação ampla de 800 H.P. em comparação com os 500 da segunda guerra mundial. Um aumento de 60%! Isto proporciona uma velocidade que nunca haviam tido os tanques e uma grande flexibilidade pois têm potência suficiente para poder usar

transmissões completamente automáticas. Os tanques grandes podem parar em muito pouco espaço, dar a volta e arrancar novamente como se fossem cavalos de corrida, com estas transmissões automáticas.

«HALF-TRACK» (meia-lagarta)

Até este momento não mencionamos o interessante veículo chamado «half-track», visto em ação por milhares de soldados na segunda grande guerra. Não o fizemos porque já não se o fabrica. Na manutenção de suas lagartas ou carris havia dificuldades no campo e suas rodas dianteiras se atolavam a miúdo na lama. Agora, esse trabalho é realizado por caminhões com pneumáticos do tipo de flutuação e por veículos de carris completos. Para ilustrar a diferença de pneumáticos (e lembrem-se que só há cinco tamanhos no total, em lugar dos 20 anteriores) os «jeeps» usam agora pneumáticos de 7.00x16", em lugar de 6.00x16". Os caminhões que utilizavam anteriormente os pneumáticos do tamanho de 9.00x20" têm agora 11.00x20".

—:—

Dos comandos que a Milícia Bandeirante tem tido desde sua criação, os mais longos e os mais breves, foram:

— Exercidos por oficiais do E.N.: cel. Joaquim Gonçalves de Souza Cananéia, que comandou 11 anos, de 1850 a 1861; coronel Sérgio Tertuliano Castelo Branco, que comandou 8 dias, de 11 a 19 de dezembro de 1891.

— Exercidos por oficiais da própria corporação: coronel Antônio Batista da Luz, que comandou 9 anos, de 1909 a 1918;; general Júlio Marcondes Salgado, que comandou 3 meses, de maio a julho de 1932. Ambos deixaram o comando por haverem falecido.

ENFERMAGEM

PROBLEMA DO LAR

Cel. Tenório de Brito

Entre as graves dificuldades com que se defronta a vida hospitalar no Brasil, avulta, em primeiro plano, o serviço de enfermagem. Conhecem-lhe os doentes as dificuldades durante os dias de internação para delas logo se esquecerem com o restabelecimento da saúde que tudo aplaina e amacia. Só a direção dos hospitais — seja qual for a sua categoria — tem-na permanentemente, cotidianamente, como desagradável companheira de interminável viagem.

O poder público, embora com boas intenções, agrava-lhe a complexidade da precária existência, pondo em prática inexequíveis medidas, objetivando a solução do problema. É que, numa esfera de atividade onde nada havia organizado, aparece, de momento para outro, tão complicada legislação sobre o assunto, que os poucos candidatos dotados de vocação para o interessante mister abandonam a sua tendência espiritual, em procura de outra profissão, deixando, não raro, livre o caminho à intrugice e à falsa fé. Trabalho de natureza essencialmente feminino, pois que exige da parte de quem o exerce maior dose de sensibilidade de sentimentos, dedicação, espírito de sacrifício e solidariedade na dor — predicados êsses muito mais frequentes na mulher — têm nele, as nos-

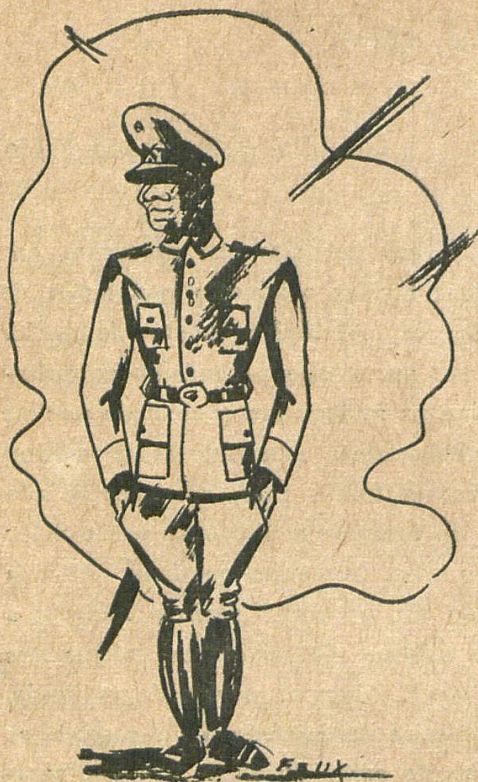
sas jovens patricias que procuram em árduas tarefas o honesto ganha-pão de cada dia, nobilíssimo ponto de apôio. É, por outro lado, a condição de enfermeira, na mulher, um apostolado que ela exerce desde a mocidade até a velhice. Filha, espôsa e mãe, outra coisa não faz no transcorrer dos anos senão velar pela saúde dos entes queridos. Porque então não aprender desde a infância a arte sublime de aliviar os sofrimentos alheios? Com as noções de culinária, os ensaios de bordado e de costura, as lições de como dirigir a casa que recebem do gênio materno, guardariam elas, com facilidade, preceitos de enfermagem que desenvolveriam mais tarde, conforme as circunstâncias da vida. Necessário convir, além disso, que saber tomar a temperatura de uma criança enfêrma, aplicar uma injeção na hora certa, acompanhar a dieta prescrita pelo médico, são dotes que se devem incorporar às demais qualidades de uma boa dona de casa, já não falando nas perspectivas de um bom emprêgo para aquelas que precisam prover a própria subsistência.

Indispensável se torna que certos preconceitos cedam lugar a exigências que a vida moderna impõe, filiando-se, entre êles, a formação do espírito de enfermagem no lar.

“Seu” Mário, o soldado

Sargento Palma Neto

Ilustração: Félix B. Morgado



Quem de longe o vislumbrasse, diria: — é um policial.

Quem de perto o encarasse, exclamaria: — que homenzarrão!

Quem o conhecesse intimamente, como eu, teria que dizer: — um coração de criança, em peito de soldado.

Era, a um tempo, soldado, homenzarrão e criança.

Com um pisar lento, cadenciado, forte, quase marcial, de fardamento impecável, botinas lustrosas e com os amarelos do equipamento dando «ar», ia-se pelas ruas do lugar, na difícil e ingrata função de policial, «seu» Mário, o soldado que se identificou com Rio das Pedras,

cidadezinha às margens do ramal férreo de Piracicaba, formada de gente boa, laboriosa e pacata.

«Seu» Mário era de côr, tinha os pés avantajados dentro dos sapatos luzidios como sua pele, braços longos, terminados por possantes mãos calejadas de manejarem o velho «1908» e o «São Paulo», seus companheiros inseparáveis. De olhar altivo, sem ser petulante, dirigia-se a todos com brandura, educação, delicadeza e austeridade, quando necessário. Era o homem.

Entretanto, na sua modesta casinha, brincando com seus filhos ou escutando a espôsa, companheira mais de infortúnios que alegrias, já nem parecia o mesmo. Era o marido e o pai carinhoso.

De fisionomia sempre risonha, mostrando alvos dentes, característico da sua raça, respondendo à molecada peralta que ia para a escola, com os «Bom dia, seu Mário», era então uma criança.

.....

Em julho de 1939 aportava àquela vilazinha mais uma praça para o destacamento policial, como tantas outras o fizeram. Rio das Pedras cresceu, transformou-se, da villa pobre que era, no próspero município de hoje. Enquanto isso, crescia também na amizade daquela gente, a figura simples do soldado Mário. Conseguiu impor-se no conceito po-

pular, não com o prestígio da sua farda, nem com o da prepotência ou da valentia, mas pela bondade e pela delicadeza no convívio com o próprio povo. Tratava com solicitude tanto seus superiores hierárquicos como o mais humilde detento confiado à sua guarda.

No serviço de policiamento na estação, no jardim, no cinema, nas procissões ou mesmo na «rua da Amargura, os contraventores tinham de «seu Mário» sempre uma palavra amiga, um conselho. Para corriqueiras atribuições ou perigosas diligências era ele o indicado, muitas vezes, com prejuízo da sua folga. Nunca reclamou. Era compenetrado dos seus deveres, com elevado senso de responsabilidade.

Os meninos que o conheceram à sua chegada, tornaram-se moços e os moços, homens, que aprenderam a respeitar dentro daquela farda amarela, o cidadão civil, social e justo, antes do soldado.

Dez anos de contacto com pessoas de tôdas as camadas sociais — sempre educado, ensinando, aconselhando, prevenindo e só em último caso reprimindo — conquistaram-lhe a estima da sociedade riopedrense. Na difícil tarefa de mantenedor da ordem, conquistou inúmeros elogios, fazendo valer mais a linguagem cordial do que a autoridade emanada das suas funções. No círculo de seus companheiros era acatado e respeitado como se fôsse um superior.

MÁRIO JÚLIO DE SOUZA, era

êsse o nome do soldado que em julho de 1939 chegava a Rio das Pedras. Muitos outros vieram, e se foram. Ele não. Só saíria de Rio das Pedras, para sempre.

A 5 de setembro de 1949 a cidade amanhecera triste e silenciosa. A infausta notícia do falecimento de «seu tio» Mário, correrá célere pelo modesto burgo.

Tombou com o vendaval da morte, mas não morreu. À beira do seu túmulo a cidade pranteou-lhe a partida, pela voz das autoridades presentes, do vigário da Paróquia, e dos representantes da Câmara Municipal. A Prefeitura, por solicitação da Edilidade, que já lhe hávia consignado um voto de pesar, ofertou-lhe o pedaço de chão onde o incansável lutador repousará, após uma década de trabalhos ininterruptos em prol da segurança e da tranqüilidade da família riopedrense.

Não morreste, soldado Mário, pois a tua memória estará sempre presente naqueles que tiveram a ventura de conhecê-lo, e tua família recebeu de herança o mais precioso patrimônio a ser legado aos nossos descendentes: o nome ilibado de quem foi exemplar como cidadão e policial. Nós, os teus companheiros de farda, ao ouvirmos junto à tua tumba o plangente toque de silêncio, nos firmamos no propósito de seguirmos teu exemplo para sermos digno da própria Família, da Corporação, da Sociedade e da Pátria.

*

“Coopere produzindo, produza cooperando”.



Sétima ARTE

Ortiz Monteiro

Critico de cinema da "Folha da Manhã", professor de História do Cinema do Museu de Arte de São Paulo e presidente em exercício da Associação Paulista de Cinema

Quem inventou o cinema?
Quem lhe deu o nome?

Onde e quando foi realizada a primeira sessão cinematográfica do mundo?

Coube a Louis Lumière, cidadão francês de muitos méritos, a glória de inventar o mais extraordinário instrumento de conhecimento e de ligação entre os povos.

O cinema, todavia, tanto quanto a eletricidade ou a escrita, constitui o fruto de um esforço remoto, longo e continuado. A primeira pergunta, pois, a despeito de ser a mais comumente formulada, é tão absurda como querer atribuir a uma única pessoa a construção da cidade de S. Paulo.

A Câmara Escura, inventada no século 16, pelo napolitano João Batista Della Porta, a Lanterna Mágica, atribuída ao jesuita alemão Kirscher, que viveu no século 17, e, posteriormente, a Fotografia, realizada pelo oficial francês Nicéphore de Niépce, em 1820, são alguns dos muitos elos que compuseram a infinita cadeia de descobertas, que, por sua vez, criou condições para o aparecimento do cinema.

Alguns historiadores, por demais apaixonados pelos Estados Unidos,

pretendem atribuir a Edison a invenção do cinematógrafo. Acontece, porém, que o aparelho do inventor americano não projetava, sendo muito diverso do filmador e projetor de Lumière. Consistia em uma caixa, em cujo interior os espectadores observavam as cenas, de tamanho reduzidíssimo, havendo necessidade de espiar por um pequeno orifício. Apenas um espectador, de cada vez, podia apreciar o filme. O aparelho, todavia, foi logo fabricado em série, e, através de enorme publicidade, principiou a atrair os curiosos. Americanos de todas as classes formavam filas, para ver as figurinhas dentro da caixa, contribuindo com sua moeda para a propriedade econômica de Mr. Edison. Como se vê, as filas de cinema são um problema bastante antigo...

Quem batizou a nova arte da luz e sombra, foi um outro cidadão francês, de nome Leon Bouly, que registrou um «aparelho destinado a obter uma série de clichês analíticos do movimento, denominado CINEMATÓGRAFO».

A palavra é de origem grega, composta de «KINEMA», que significa movimento, e «GRAFEIN», que quer dizer gravar. Cinematógrafo,

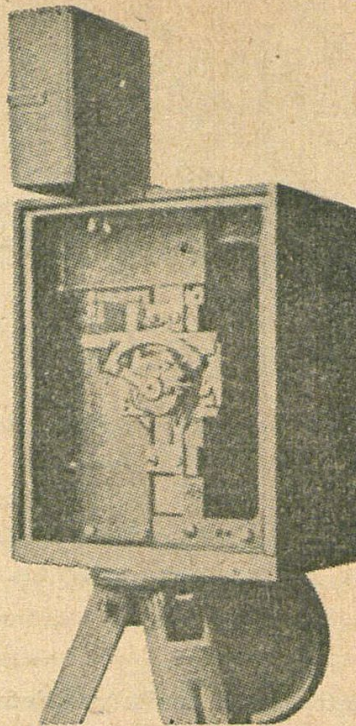
portanto, quer dizer grafia ou escrita do movimento.

Ninguém, que se saiba, viu jamais o cinematógrafo de Leon Bouly. Resta-lhe, contudo, o gôsto de ter criado o nome, que, nas suas abreviações, cinema ou cine, ganhou consagração universal, sendo usado em tôda as línguas.

A primeira sessão cinematográfica do mundo, realizou-se numa sala situada no subsolo do Grand Café, no Boulevard des Capucines, 14, em Paris. Isto ocorreu a 28 de dezembro do ano de 1895, dia que ficou sendo a data natalícia do cinema. Ao contrário de Edison, que era antes de tudo um bom comerciante, que defendia as suas patentes com um exército de detetives particulares, Louis Lumièe sempre se recusou a tirar partido econômico de seu invento. Foi o fotógrafo Clément Maurice quem organizou a histórica sessão no Grand Café, tendo entrado em entendimento com o proprietário, um esperto senhor Volpini, a quem foi oferecida uma participação de 20% nas rendas líquidas dos espetáculos.

Volpini, imediatista e desconfiado, pouco ligando para os aspectos culturais e artísticos do novo invento, recusou a oferta, para exigir contrato escrito de locação, a razão de 30 francos por dia. Mais tarde, iria lamentar-se enormemente.

O extraordinário sucesso da primeira sessão, levou Clément Maurice a organizar um programa diário, com



Aparêlho que serviu para as primeiras sessões de projeção de Lumièe

exibições de meia em meia hora, que começavam de manhã e terminavam alta hora da noite.

O primeiro dia de espetáculo rendeu 35 francos. No dia 6 de novembro de 1895, a receita das salas cinematográficas espalhadas no mundo alcançou 125 milhões de francos, revela Charles Delac, presidente da Câmara Sindical Francêsa de Cinematografia. As duas cifras indicam, por si sós, o caminho percorrido.

O cinema demonstrou muito rapidamente que seria, entre muitas outras coisas, uma fabulosa máquina de fazer dinheiro.

*

“Si queres um Brasil maior, sê perfeito na produção”.

A Seleção e o Treinamento do Policial

Cap. Rodolpho Assumpção

O capitão Rodolpho Assumpção, tendo estagiado na «Royal Canadian Mounted Police», vem de oferecer aos leitores de «Militia» mais uma série de dois artigos, agora sôbre o importante tema da atualidade que serve de título ao seu trabalho.

Assunto que há muito vem interessando a toda corporação policial, pareceu-nos palpitante abordá-lo entre nós. Recebemos umas poucas aulas sôbre o que diz respeito, de dois distintos oficiais R.C.M.P., os Inspetores L. Bingham e L. M. Lapointe, respectivamente oficial encarregado do pessoal na "Divisão "F", com séde em Regina, e comandante da Sub-Divisão de Fort Smith, nos Territórios do Noroeste. O pouco que aprendemos tentaremos transmitir.

O "Personnel Officer", como é o Inspetor Bingham na Divisão a que pertence e outros o são nas diferentes unidades da milícia Canadense, tem por função primordial a execução de todo um processo que se executa em relação a cada pretendente ao ingresso nas fileiras da Corporação; além disso, assiste moral e materialmente, quando necessário, aos elementos de sua Divisão, aos quais é obrigado a conhecer pessoalmente e de quem deve saber também detalhes sôbre a vida particular, situação financeira, dificuldades, etc.

O povo, de um modo geral, pouco ou nada sabe a respeito das forças responsáveis por fazer cumprir as leis e encarregadas da manutenção da ordem em sua cidade ou em seu Estado, desinteressando-se, em consequência, pelo seu serviço e não fazendo apreciações simpáticas sôbre os problemas de cuja solução se incumbem, particularmente na proteção de sua pessoa ou de sua propriedade.

Muitos chegam a tomar a proteção da polícia como uma concessão, tal o limite conceitual que têm de sua importância e função na vida de uma comunidade.

Essa indiferença ou ignorância não é coisa nova e tem sido um dos maiores inimigos a enfrentar para a consecução de eficiente combate ao crime pelas organizações e corporações responsáveis. Assim tem sido desde que começou a história da polícia; no entanto, o cumprimento da lei tem experimentado sensíveis melhorias, porém, tão sômente à custa da perseverança e do

contínuo trabalho daqueles que se dedicam ao empreendimento da tarefa e dos que em estudos se esforçam por aperfeiçoar os métodos de prevenção e investigação criminais. Como coroamento desse esforço e trabalho contínuo, resultaram, por evolução, as mais modernas forças policiais. Mas o progresso destas não anulou a criminalidade. Ao contrário, o número de criminosos cientistas e técnicos aumenta dia a dia, exigindo cada vez mais e melhor aperfeiçoamento das corporações e impondo, gradativamente, o emprêgo no serviço de melhor elemento humano. Surge daí a necessidade sempre crescente do aprimoramento dos métodos de seleção e de treinamento dos homens.

As condições de vida dos profissionais da lei e sua falta de eficiência no passado eram tão espantosas, a ponto de se tornarem incríveis. Não é necessário, no entanto, rebuscarmos muito longe a História para encontrarmos condições que, apesar de nos parecerem absurdas, perduram, se bem que não de maneira absoluta, até nossos dias.

Em 1796, um magistrado de Londres, que infelizmente preferiu permanecer anônimo, sentindo a imperiosa necessidade de melhorar a polícia inglesa, escreveu um livro intitulado "*Dissertação sobre a Polícia da Metrópole*".

Num dos capítulos mais interessantes de sua obra dizia o autor:

"A Polícia da Metrópole é um assunto que deve ser conhecido e compreendido, pois cada cidadão da Comunidade tem particular interesse na perfeita administração de tudo quanto se relacione com a proteção do público contra depredações, fraudes e com a prevenção do crime. Seguindo-se aos benefícios que a Nação usufrue de leis ex-



O autor, no quartel da R.C.M.P., em Regina, Canadá

celentes e de uma competente administração, devem estar as vantagens que resultam de uma bem regulamentada e laboriosa polícia, conduzida com pureza, atividade, vigilância e discreção. Disto depende, no mais alto grau, o conforto, a felicidade e a segurança do povo e, por mais atenção e trabalho que se dedicasse a êsse mister, nunca seria possível estabelecer um sistema completo".

Falando da espantosa criminalidade da Metrópole e da situação de sua força policial, salientava êle que, sobre um total de 1.000 guardas, somente 50 eram assalariados, sendo os demais policiais das paróquias e bedéis. Não recebendo estes últimos remuneração alguma eram, em consequência, frouxos e ineficientes no exercício de seus deveres. Suas palavras, com referência ao detalhe exposto, são as que se seguem:

"Pouco se pode esperar de oficiais paroquiais que, dependendo para seu sustento, principalmente de seu trabalho diário, não podem dedicar ao outro mais tempo que o absolutamente necessário ao desempenho de seus deveres paroquiais, durante os doze meses que permanecem no seu escritório".

Ao discorrer sobre os guardas-nocturnos e patrulhadores, cujo número já se elevava a 2.044, em Londres, fazia-o penalizado ante a avançada idade, o estado de debilitação e a quase situação de indigência a que estavam reduzidos, face à parca gratificação auferida pelos elementos empregados em serviços de natureza tão estafante.

Em 1796, portanto, na Inglaterra, país que possui hoje uma das melhores polícias do mundo, já se desaconselhava o emprêgo de elementos semi ou não remunerados no serviço policial, bem como o daqueles que normalmente exerciam outra ocupação como principal.

É obvio que mudanças consideráveis se efetivaram e melhoramentos se introduziram no que se relaciona ao modo de agir do policial e com os métodos de investigação criminal, infelizmente também acompanhados "pari passu", pelos criminosos. Lei e crime continuarão a disputar sua interminável corrida. Com o crescente desenvolvimento dos meios de transportes, cada vez mais rápidos, já se vem reconhecendo até a necessidade de que as polícias deixem de circunscrever sua ação ao país de origem para cooperar em ação de conjunto e em estreita ligação com as co-irmãs estrangeiras, como única maneira de evitar a proliferação do crime internacional organizado.

Embora bafejada pelo auxílio científico, a luta continuará, previsivelmente, com o surgimento de problemas cada vez mais complexos; e a segurança pública periclitará se não mantivermos o aparelhamento policial em nível que lhe garanta suficiente margem de segurança sobre o crime. Essa segurança, no entanto, somente no emprêgo do material e dos modernos métodos e processos de investigações e prevenção. O papel

dêstes últimos continuará sendo acessório.

Na seleção do pessoal, quanto às qualidades de integridade de caráter, de preparo intelectual, de capacidade de produção e de robustez física, se concentra a atenção daqueles sob cujos ombros pesa a responsabilidade do comando e direção das melhores organizações de combate ao crime da terra. Como na guerra entre povos, de nada valerão o excelente material e a ajuda científica, se os homens encarregados de manejar o primeiro ou de trabalhar com a última não possuem a têmpera e a competência necessária para imprimir-lhe vida e ação. Admite-se — e com razão — que o rondante e o patrulhador continuam sendo, em última análise, o esteio na obtenção dos propósitos policiais fundamentais: a proteção, a deteção e a investigação criminais, maximé sob os aspectos de prevenção, e de proteção à vida e à propriedade. Daí o considerar-se, em primeiro lugar, *para admissão nas corporações* que se destinam ao policiamento, a seleção dos melhores homens e unicamente dos melhores que se apresentarem como candidatos à incorporação. E por melhores não se devem compreender os mais fortes, os fisicamente mais perfeitos, embora seja esta uma das qualidades a ponderar-se. Conquanto tenha havido no passado uma tendência generalizada em superestimar o valor do aspecto físico, prestando-se, em consequência, pouca atenção à constituição mental e aos traços da personalidade que poderão dizer de antemão se o indivíduo, como soldado da lei, está fadado ao sucesso ou ao fracasso, não é mais possível, no presente, deixar-se de pesar criteriosamente o recruta também sob os últimos aspectos.

Uma decidida tendência para explorar mais cuidadosamente o potencial do futuro profissional, sob os pontos de vista de caráter, traços de personalidade e de seus valores temperamental e emocional, se evidencia do estudo dos processos de alistamento em uso nas mais adiantadas Corporações da Lei. A vida e a natureza do trabalho nelas é de tal ordem que um brilhante sucesso em outras carreiras pode fracassar no seu serviço, e vice-versa. Não cabe ao indivíduo a culpa, pois que o possível fracasso ou sucesso se apresenta como a resultante de impoderáveis, atuando em condições acima do seu contrôlo. Êsses impoderáveis, entretanto, podem ser aferidos até certo ponto pela aplicação de regras descobertas recentemente.

A aceitação dêsse fato deu origem à criação dos departamentos de seleção do pessoal em algumas das grandes forças, cujo trabalho consiste na verificação dos padrões físicos e educacionais dos candidatos. Nesta seleção faz-se uma tentativa (provada com algum sucesso) de aferição dessas qualidades imponderáveis, cuja posse ou ausência, têm seu significado no desempenho da profissão escolhida. Os oficiais selecionadores, cuidadosamente treinados de antemão, dedicam-se com ardor à solução de cada um dos casos particulares que constitue o estudo de um candidato. Devido ao bom êxito no emprêgo desses métodos, hoje, até as pequenas polícias já o usam e não tardará o dia em que se estranhará quando uma delas não possuir êsse seu departamento especializado.

Diga-se, no entanto, tais métodos não são absolutamente infalíveis. Longe disso. Seu emprêgo nos proporciona apenas um meio planejado de escolha, pelo qual podemos expurgar da massa

de candidatos a maioria dos indesejáveis que nas condições normais de recrutamento ingressa nas fileiras, resultando num contínuo criar de preocupações ao Comando e em incalculáveis e imprevisíveis prejuízos para a Corporação. Do ponto de vista produção, elementos dessa natureza se fazem duplamente perniciosos porque, além de não prestarem serviço algum, dão-no a outros que deveriam dispendir suas energias diretamente em benefício do povo a que servem.

Para vos darmos um exemplo do que é a seleção de candidatos ao ingresso na ROYAL CANADIAN MOUNTED POLICE, citaremos apenas algumas cifras. Desde o início da segunda conflagração mundial até há bem pouco tempo, 15.832 candidatos haviam se apresentado para alistamento. Dêstes, apenas 3.403 chegaram a ser entrevistados pelo "Personnel Officer", tendo sido os demais reprovados nos exames médicos, nos testes de educação e nas investigações sobre o seu caráter. Realizada a entrevista 1.500 foram recomendados para alistamento e alistados. Em suma: dos que chegaram à entrevista, última instância da seleção, ainda caíram 56%. Resultado: dos que se apresentaram apenas 10% foram aceitos.

Para que, entretanto, não se faça uma concepção errada dos métodos empregados pelo selecionador devemos declarar que êles absolutamente não envolvem, nem a aplicação de elevados conhecimentos de psiquiatria, nem de psicologia. No método da entrevista pessoal aplicam-se somente princípios de psicologia elementar.

Seguindo-se a esta última fase do trabalho selectivo provou ser conveniente também o pôr-se o candidato ao par do que realmente é a carreira policial,

desiludindo-o, se for o caso das falsas idéias geralmente preconcebidas de encará-la como a proporcionadora de uma vida de romance e aventura, livre de trabalho, preocupações, etc. Esclarecendo-o sobre a realidade dura de uma profissão estafante sujeita a trabalho sem horário limitado, fazendo-o ainda sentir que polícia é carreira e profissão na qual não há lugar para aventuras e o que êle pôde esperar dela e vice-versa. Com isso evitaremos não só as decepções dos sonhadores de aventuras, romance e vida sem preocupações e trabalho, como ainda pouparemos despesas inúteis para o Estado, e atribuições e preocupações extras e desnecessárias a outros elementos da força policial. Enfim, dizendo-lhe que pedra é pedra, praticaremos um ato de bondade humana empregando simultaneamente um legítimo método de seleção.

Sem irmos às qualidades especiais ou à sua ausência, nas quais o selecionador procura penetrar no exercício de sua função transcreveremos da "The Garde Review" do Eire o trecho abaixo em que sobre o assunto se tecem as considerações seguintes:

"Desde que o oficial de polícia deve dispende virtualmente um terço do seu tempo em serviços à noite em todas as estações e tempos, êle próprio deve atestar que seu físico e saúde suportarão perfeitamente as exigências de tal vida. Tendo em vista as tentações a que será exposto, a autoridade recrutadora deve insistir nos padrões de integridade, ambos social e moral, os quais requerem não só uma acurada investigação sobre a vida do provável recruta, como também sobre os antecedentes de toda a sua família. Desde que em momentos críticos, êle pode ser seu próprio oficial comandante, sua coragem

física e moral não devem ser mediocrês. Êle deve ser um estudante permanente, mas um estudante dos homens e das cousas, tanto quanto dos dispositivos legais. Êle deve ter o senso de filosofia e humor para combater o isolamento de uma ocupação que o afaste dos colegas. Para ser exato, êle nunca deve deixar que o mau lado da vida, com o qual êle entra em contacto, afete sua crença na infinita bondade da natureza humana. Numa palavra, a profissão do policial exige muitas cousas mais do que um diploma de Ginásio ou mesmo de Universidade".

Não é possível contestar-se que hoje se tenha de exigir dos integrantes de uma força policial mais altos padrões de inteligência e educação, pois a tendência é atribuir-lhe missões cada vez mais complexas e delicadas, que demandam se situem em graus bem diferentes tôdas as qualidades individuais, além da física, única considerada há trinta ou quarenta anos.

Supondo que física, mental, moral, emocional e temperamentalmente o futuro recruta satisfaz o padrão exigido, que mais deve ser considerado? Antigamente o treinamento de um policial consistia em fazer a batida de pé durante alguns dias, ou mesmo semanas, acompanhado de um elemento pronto. Durante êsse período mostravam-se-lhe todos os locais habitualmente freqüentados por criminosos. Depois disso eram-lhe pagos um distintivo e um bastão e o homem solto ia cumprir o seu dever o melhor que pudesse. Não admira que nestas ou em mais ou menos analogas condições o serviço produzido por policiais sem formação tenha gravado na mente do público os quadros mais impressionantes causados pelos desatinos de uma atuação brutal, ignorante e ine-

ficiente. Podiam ser, com toda certeza, homens honestos, sinceros; ansiosos por prestar bons serviços ao público, entretanto falhavam por falta de um treinamento adequado, conseqüente à falta do reconhecimento de que, para competir contra o crime, não basta o consentimento dado pelo público para a execução do serviço. Reconhecemos a impossibilidade de, no curto período letivo que destinamos aos recrutas para seu aprendizado, proporcionarmos-lhes um completo curso de polícia e para cujo funcionamento se tomam ainda em consideração fatores tais, como condições locais de serviço, missões atribuídas à força policial, efetivo da corporação, verbas atribuídas para treinamento, etc. contudo, a par de um ótimo treinamento físico e de defesa pessoal, será indispensável proporcionar-lhes um completo conhecimento dos deveres do policial e das leis do país, um fortíssimo senso de disciplina e, acima de tudo, o senso dos deveres para com o público, evidenciando-se bem a diferença existente entre um estado policiado e um estado policial, no primeiro dos quais o senso do dever orienta-se no sentido de proteger e servir o público, e no último, a única consideração dispensada ao público é fazer apenas o que ordena a mais alta autoridade.

Se as grandes forças podem manter seus centros de treinamento e formar policiais mais ou menos em condições de exercer a profissão, o mesmo não se verifica quanto às pequenas, que continuam a soltar seus elementos no cumprimento do dever em condições mais ou menos análogas àquelas em que se praticava há dois séculos. Sabemos, no entanto, que a existência dessas micro-organizações é perfeitamente legal, tanto em nossa pátria como lá fora.

Com o objetivo de amparar os municípios nessa parte de sua vida administrativa os governos dos Estados Unidos e do Canadá mantêm respectivamente a ACADEMIA NACIONAL DE POLÍCIA e o COLÉGIO DE POLÍCIA CANADENSE, funcionando como dependência a primeira, do F.B.I. e o segundo, da R.C.M.P., ambos com períodos letivos regulares. A convite das respectivas direções grande número de policiais matricula-se nos diferentes cursos de especialização e aperfeiçoamento. Um corpo de instrutores e professores escolhido, nêles ensina o que de mais moderno se conhece na profissão dos que fazem respeitar e cumprir a lei e investigam o crime. Em suas aulas versam-se não somente problemas policiais como também expõem-se de maneira sempre objetiva o emprêgo dos meios de ajuda científica no trabalho de cada dia, do qual não mais pode alheiar-se o profissional moderno. Não pretendem essas academias fazer de cada homem um cientista. Ensinam ao aluno técnica policial com cunho absolutamente prático, indicando-se-lhe apenas como e quando a ciência pode ajudá-lo. Além de um melhor preparo técnico do profissional de polícia, em geral três vantagens de capital importância resultam desses cursos ainda:

- a) - facilitam às pequenas polícias a disseminação dos métodos superiores e modernos;
- b) - contribuem para o estabelecimento, entre todas, de uma unidade de doutrina;
- c) - possibilitam uma cooperação cada vez mais estreita entre as diferentes corporações policiais.

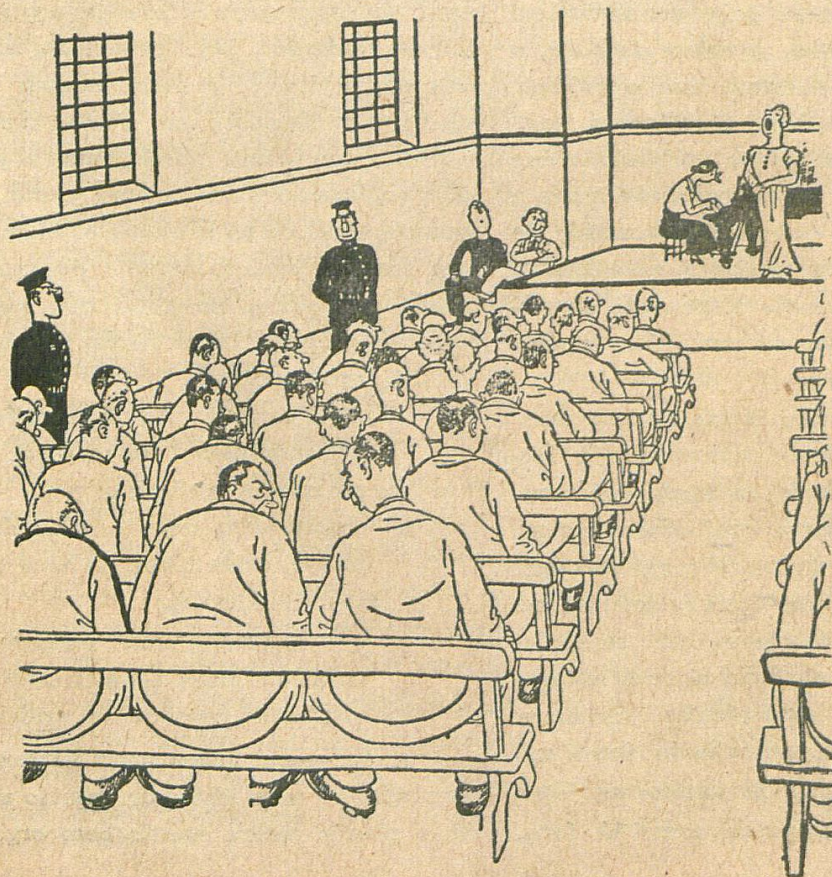
É obvio que todas essas vantagens se obtêm no mais alto grau quando uma só e grande polícia existir bem organi-

zada para todo o Estado. Os períodos graves para a vida nacional o têm provado.

A fase do trabalho individual em que brilharam detetives excepcionais pertence a um passado que se distancia. Continua, no entanto, a ter seu grande valor, porém, dentro da equipe. Não mais podemos deixar de conceber o entrelaçamento que deve existir entre o trabalho do médico, do fotógrafo, do perito em impressões digitais, dos técnicos de laboratórios e de todos os demais profissionais da polícia, especializados neste ou naquele ramo de investigação criminal. Qualquer um deles, se quiser desempenhar-se a contento na sua profissão, deverá conhecer pelo menos como e quando lhe poderão os demais ajudar. A idéia de equipe jamais poderá sair da mente do moderno poli-

cial, porquanto do trabalho de todos depende, na maioria das vezes, uma prova eficiente, sem a obtenção da qual todo e qualquer esforço terá sido dispêndio inútil de energia.

Conquanto se deva instruir o recruta dentro de um quadro de coletividade não nos poderá passar despercebido que muitas vezes, em determinadas circunstâncias, êsse mesmo homem deverá agir isoladamente, sem poder voltar-se a uma autoridade superior em busca de amparo. Então êle mesmo terá de tomar suas próprias decisões, agir, e ser bem ou mal sucedido. Sua ação será naturalmente resultante de sua capacidade de julgar e competência. Por esta última a direção de sua polícia tem maior responsabilidade do que êle próprio.



E dizem que a Lei proíbe duas penas para o mesmo crime...

Bilhetes a um Aspirante (1)

ÚLTIMO BILHETE

SÊ DURO CONTIGO, BENEVOLENTE COM OS OUTROS

Recorda os bilhetes anteriores:

1. *Respeita o soldado;*
2. *Ama-o, devota-te de corpo e alma ao seu bem estar;*
3. *Entrementes, constrói tua autoridade:*
 - *pelo conhecimento dos caracteres,*
 - *pela clareza e precisão das ordens,*
 - *pela dedicação ao trabalho,*
 - *pela observação paternal feita em particular e*
 - *pela repreensão pública enérgica, porém rara.*

Isto constitue a base elementar do mecanismo do comando. Não é suficiente.

O tenente precisa ser digno dêste nome. Possuir valor moral e intelectual. Êste, necessário, aquêle indispensável ao exercício da autoridade militar. Os galões, por si sós, estabelecem uma hierarquia fictícia, ilusória apenas. Só o valor moral desperta o respeito e obediência entre os subordinados.

(1) Os BILHETES foram extraídos da obra de Arthur Deloge — CONDUIRE LES HOMMES! (Nota do autor).

Atos Louváveis

Monte Serrat Filho

Dia 12 de setembro, duas horas da tarde, sol a pino, Maria Tereza, sem forças, deixara-se cair à beira da estrada. Não pôde continuar a caminhada, embora a exortasse a amiga e acompanhante. As pernas fraquejaram; uma dôr estranha e violenta impedia-lhe de percorrer os dois quilômetros que ainda a separavam do Hospital Santo André.

Maria Tereza enfrentava os azares a que estão sujeitos os moradores da distante e dificilmente atingível Vila Lucinda. (Há muitas Vilas Lucindas pelos arredores dêste Maior Centro Industrial da América Latina que é São Paulo). Muito antes do provável advento do ser que ela sentia, amorosamente, vibrar nas próprias entranhas, esteve na maternidade, mas lá informaram-lhe que a ambulância não ia até sua casa, pois a estrada a ser percorrida era intransitável. Por isso, naquele dia, ao sentir as primeiras dôres da maternidade, procurou a futura comadre e, amparada pela prestativa vizinha, pôs-se a caminho da distante casa hospitalar.

O mesmo trajeto que ela empreendera tantas vêzes, lépida, sorrindo, alegre, sem perceber passar o tempo, em companhia do noivo, para irem às festas na cidade de Santo André, parecia-lhe não ter fim. Fizeram inúmeras estações, e, sempre animada pela companheira, reencetava a marcha. Agora o calor sufocante apertava-lhe a garganta ressequida e um torpor tomou-lhe as pernas. Deitou-se no barranco à margem da estrada e já não ouvia as palavras

animosas da vizinha. Tudo rodava. Os ouvidos zuniam. Era o fim.

A morte rondava para roubar à vida o ente prestes a nascer. E já sorria satisfeita, a megera de todos tão temida, pois talvez conseguisse arrebatá-lo nos seus braços descarnados, mãe e filho.

.....

A ambulância havia saído do 1.º B.C. com destino a Santo André. Um soldado do Batalhão adoecera em casa e devia baixar ao H.M. O enfermeiro Gilberto Tenório Manso, depois de recolher o colega doente, aconselhou o chofer a que tomasse por um atalho, pois assim ganhariam tempo na volta para o quartel. A estrada não era das melhores, porém, encurtava bem o trajeto.

Seguia célere a ambulância, quando Tenório divisou, à margem, numa curva da estrada, o vulto de uma mulher desfalecida.

— Pare o carro companheiro!

— O que é que há?

— Você não viu uma mulher desmaiada na beira da estrada?

— Vi, e o que é que nós temos com isso? Não crie caso velhinho, já passei da hora de sair de serviço e quero ir para casa o quanto antes.

Tenório não se deixou convencer pelas razões do colega. Lembrou-se dos ensinamentos que lhe foram ministrados no curso de enfermagem: “nunca deixar de prestar socorro a um necessitado, ainda que êste seja inimigo”.

Insistiu com o motorista e fez com que a ambulância voltasse para cum-

prir a humanitária missão de socorrer indistintamente a todos os enfermos.

.....
O seu avental branco fêz nascer, nos olhos baços da parturiente, um brilho de esperança.

— Doutor! Me salve doutor!

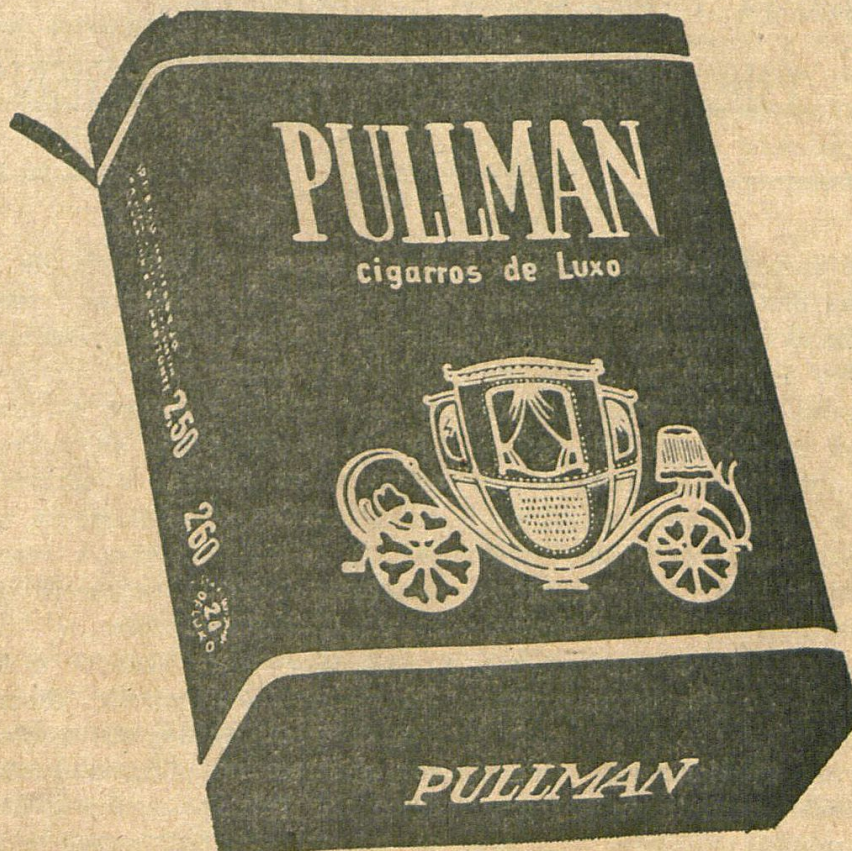
— Dona, eu não sou doutor, sou enfermeiro, mas se a senhora confiar em mim, estou pronto a socorrê-la.

.....
Maria Tereza foi levada para dentro da ambulância, que pouco depois chegava ao Hospital Santo André. Envolvendo no seu avental, robusto pimpolho, o soldado enfermeiro apresentou-se ao diretor da casa hospitalar, dr. Oity Campos, relatando-lhe o fato. Este, na

presença do corpo de enfermeiros da casa, enalteceu o gesto do soldado Tenório e congratulou-se com a Milícia Bandeirante por contar em seus quadros com elementos tão compenetrados, como era o caso do militar ali presente.

Tomâmos conhecimento do caso por meio de ofício elogioso enviado pelo dr. Campos, ao Hospital Militar da Fôrça.

Quizemos registrar nas páginas de MILITIA o gesto altamente humanitário do soldado Gilberto Tenório Manso, para que nele se espelhem os seus camaradas e como preito de louvor a quem soube fazer da sua profissão um sacerdócio e motivo para crescente prestígio da centenária Fôrça Pública, no conceito do laborioso povo de São Paulo.



No corpo humano consideram-se quatro faces da localização de sinais. Estas faces são a frente, a parte de trás e os lados .

Para a descrição das cicatrizes e tatuagem, de preferência, inicia-se no indivíduo em pé. Localizam-se todos os sinais, começando-se da direita para a esquerda. Examina-se a palma da mão, a seguir o dorso, tendo-se atenção para não haver troca de região sinalética.

Para a situação das marcas, cicatrizes e tatuagens, existentes na cabeça, toma-se por base uma linha imaginária, na base do cabelo, a qual, passando pelo meio do nariz, limita a face em dois lados. Esta

quiloses (privação dos movimentos articulares) das articulações, classificam-se elementarmente da maneira seguinte:

a) anquilose parcial (em que o órgão diretamente ofendido tem movimento; entretanto, não volta à posição normal);

b) anquilose angular (no caso em que o indivíduo tem as articulações dobradas, sem poder readquirir o estado normal); e

c) anquilose total (no caso em que a articulação parece soldada e o membro impossibilitado de movimentação).

E' necessário também o estudo detido dos quistos de várias espé-

MARCAS PARTICULARES CICATRIZES E TATUAGENS

Antônio Vieira

Insp. Chefe de Divisão da Guarda Civil

linha serve para a puxada ou determinação das distâncias das marcas ou cicatrizes existentes na cabeça.

O exame de qualquer marca, no corpo humano, exige caracterização de seu grau de indelebilidade, perenidade e imutabilidade, tendo-se em vista que o exame dessa ordem somente é feito para estabelecer futuros confrontos; portanto, seu levantamento descritivo deve ser rigoroso. Por outro lado as marcas que se recompõem não constituem exame sério, difícil.

1. Marcas Particulares. Quase sempre a lesão, seguida de inflamação deixa marca profunda. Os sinais de panarício (unheiro) as an-

cies, não só de verrugas de côres e conformações diversas, como as pintas e as manchas sardentas. No caso do presente estudo, recomenda-se igualmente o exame do pescoço, levando-se em conta as marcas de adenites, as fístulas e escrofuloses. As anomalias congênicas, as amputações, desarticulações, resecções (nervos cortados) requerem igualmente exame cuidadoso.

2. Cicatrizes. Quando o indivíduo examinado é portador de muitas cicatrizes ou tatuagens, basta que se registrem na planilha quatro ou cinco das principais, acrescentando-se, porém: «muitas outras em tais e tais regiões».

3. Dimensão da Cicatriz. Na medição das marcas, cicatrizes, etc., empregam-se a régua e outros instrumentos matemáticos. Neste caso, então, descrever-se-á a marca nas condições seguintes: marca situada, em tal ponto, em tal região, lado esquerdo ou direito, distando tanto da linha mediana.

Segundo o método Vucetich o exame das marcas limita-se apenas às partes descobertas das mãos e da cabeça, sendo, portanto, dispensável o desnudamento da pessoa. Sobre o assunto o livro «**Datilosopia e Filiação Morfológica**», de autoria de Manoel Viotti, constitue excelente estudo.

4 Divisão das Cicatrizes. Em linhas gerais, Otolenghi assim as classifica:

«retilíneas, curvilíneas, (em cavidade; superior, inferior, esquerda, direita; quebradas sinuosas) e as não lineares (circulares, ovoidais, elipsóides, fusiformes, triangulares, irregulares)».

Na medicina legal, porém, as cicatrizes são de quatro classes:

- a) post-traumáticas;
- b) sucedâneas às queimaduras;
- c) de lesão inflamatória e
- d) oriundas de intervenção cirúrgica.

Das quatro ordens de cicatrizes, resume-se: que as post-traumáticas são causadas por lesões de instrumentos cortantes, puntórios ou perfurantes, pérfuro-cortantes, contundentes, corto-contundentes, pérfuro-contuso; que as queimaduras são produzidas por corpo sólido, líquido, vapores ou cáusticos; que as alterações de vasos sanguíneos nos tecidos, formando a bossa sanguínea ou hematoma são

de origem hemorrágica; que qualquer intervenção cirúrgica deixa sobre o tegumento traços indeléveis de seu emprêgo.

A cicatriz pode ser também o resultado de uma moléstia interna ou externa: escrofulose, abcesso etc., dos vesicatórios (remédio externo que faz levantar a pele), cautérios (agentes mecânicos ou químicos que produzem queimaduras) etc.

5. Tatuagens. A tatuagem é um grotesco ornamento, desenhado sobre a epiderme humana, cujo sacrifício para a fixação das marcas, além de ser muito penoso, concorre notavelmente para ótimo meio de identidade.

Empregam-se na tatuagem a tinta nanquim ou tinta da China, por ser mais duradoura, ou o carvão de madeira dissolvido em água e tinta azul comum. Quando o tatuado pretende retirar as marcas desas tintas, isto é, os desenhos feitos por elas, de seu corpo, transforma a tatuagem em enormes marcas particulares.

Não obstante, êsse processo de ornamento grotesco vem de época remota. A prática da tatuagem parece remontar mesmo à antiguidade. Por processos semelhantes os escravos estampavam no corpo o nome do seu senhor. Nos tempos presentes pratica-se a tatuagem num grande número de tribos da África do Norte, nos Tonguêses, Japão, no Hawaï, na Nova Zelândia etc.

Em certas profissões: marinha, metalurgia etc., ou em certas classes da sociedade os indivíduos (por vezes os dos dois sexos) cobrem os braços e o peito de desenhos fantásticos ou simbólicos, obtidos por meio de picadas com agulhas em cujo

local escolhido no corpo, deixa-se subcutâneamente a tinta na forma do desenho preferido.

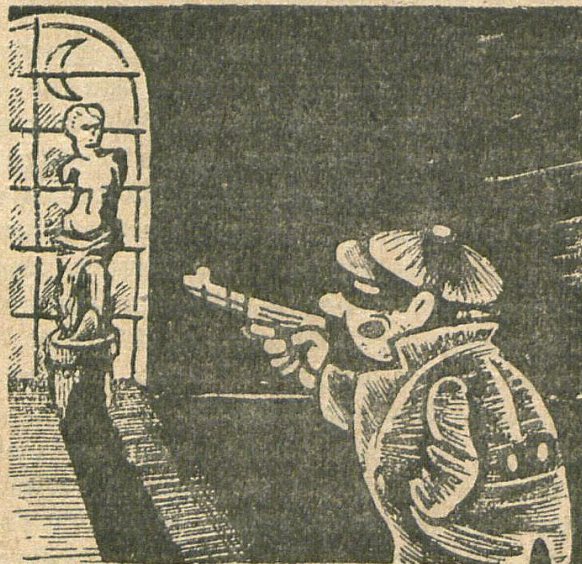
Tatuam-se mesmo a própria córnea ocular. Esta prática dizem alguns médicos que atenua o nefélio e a albugem. Nesse caso pica-se vivamente o ponto endurecido com quatro agulhas justapostas embebidas num líquido corante.

A tatuagem é de fácil aplicação, como se viu, pela descrição apresentada aqui. Sua eliminação... já é outro problema. O leite de peito e a carne de gado (sem sal) têm sido aplicados para eliminar a tatuagem; entretanto, seus vestígios ficam indelévels, no ponto tatuado.

Lacassagne, estudioso da tatuagem, contou seis processos de aplicação da mesma, sendo mais comum a tatuagem por picadas. Fu-

ra-se o corpo do indivíduo por meio de agulhas. As agulhas levam a matéria corante por baixo da pele morta; aí, então, forma o desenho visto pela transparência da pele.

Em resumo: a tatuagem, que alguns criminalistas consideram laivos de degenerescência humana, — é um processo de cromodermia artificial em que se pigmenta a pele do indivíduo, introduzindo-se entre a pele inerte e as camadas vivas dos tecidos do corpo humano, substâncias corantes. Esta prática, mais usada pelos criminosos profissionais, inexperientes ou primários, autorizara a certos criminólogos a afirmação de que esse hábito tornou-se preferível por muitos delinqüentes, não obstante certos povos (particularmente asiáticos) e certas classes do povo, supersticiosas, também se tatuarem.



MÃOS AO ALTO!

Uma Página para os Destacamentos

Ten. Evandro Martins

Viajemos por estas terras sagradas de Piratininga, e encontraremos em cada cidade, vila ou distrito, um destacamento da Fôrça Pública. E' a nossa imortal Corporação que se apresenta em todos os núcleos bandeirantes, velando pela normalidade da vida cotidiana, guardando o sossêgo público e transformando-se no alicerce onde se baseia tôda a ação da Autoridade Constituída.

Ainda nos primórdios dêste século, quando não havíamos iniciado esta caminhada cheia de louros progressistas, São Paulo contava com regiões quase desconhecidas, onde imperava a lei do mais forte, em desprezo à lei elaborada pelos nossos mais eminentes juristas. Foi nesta época de iniciação que correu muito sangue de nossos companheiros, em jornadas idênticas à que viveu o Bandeirante setencista. Inúmeros sacrifícios em prol da manutenção da Ordem, e em apôio à Autoridade.

Atualmente, já não existe aquêlle ambiente de imposição da Lei, pela fôrça, mas a luta prossegue incessante e cheia de peripécias. Visitando as cidades, quase que percebemos, nos velhos prédios das cadeias públicas, a presença daquêles bravos que as guarneciam, e delas partiam em busca dos «dioguinhos», acompanhando, quase sempre, autoridades leigas. Hoje, a situação, em muitos aspectos, é bastante diferente. Não mais existem as delegacias de

sexta classe, e as de quinta são dirigidas por bacharéis. As comunicações entre os destacamentos e a séde dos batalhões são mais rápidas.

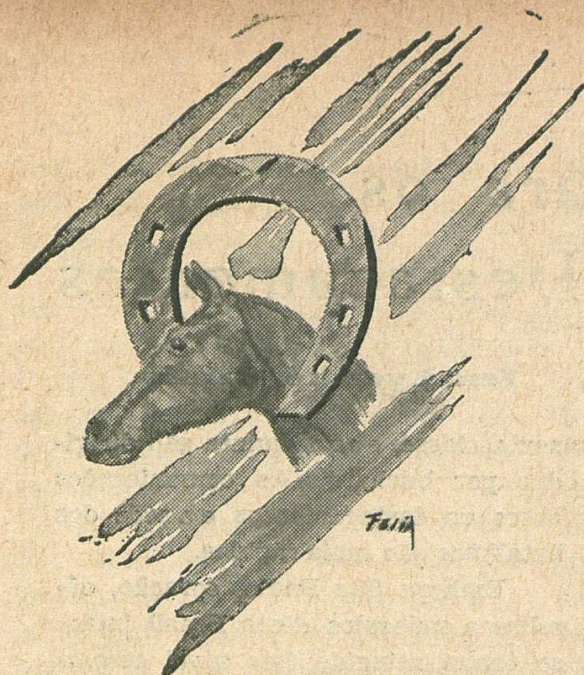
Embora São Paulo, coração, cérebro e músculos dêste Brasil imenso, tenha atingido êste nível assombroso de progresso, e a Corporação tenha aproveitado um pouco de seu bafêjo, pelo Interior, os destacamentos continuam a manter a mesma portia.

Em paralelo ao progresso, a desobediência à Lei deixou de caminhar a pé, ou a cavalo. Ela também faz uso do automóvel, do avião, do rádio, do telefone, do telégrafo, e ainda abusa do sigilo dos dois últimos.

Nas cidades menores, a quem o Delegado de Polícia recorre para dar combate aos delinqüentes? A resposta é uma só: ao destacamento.

É nessa ocasião imprevista que a farda côr de chumbo se embrenha no mato, transpõe invernadas, invade quintais escuros, espreita ranchos de beira de estrada, vasculha capelas abandonadas, ou se atola pelas estradas lamacentas, à procura do inimigo público que não conhece nem vê, mas por quem pode ser vista e alvejada.

Isto tudo, como já frizei, em cidades pequenas e em situações imprevistas. Em cidades grandes, os destacamentos exercem a mesma função, auxiliados por elementos da polícia civil.



Equitação e Teoria

Ten. Cel. J. Canavó Filho
Ilustração: ten. Felix B. Morgado

A memória do saudoso Capitão de Cavalaria, Manuel da Rocha Marques, falecido quando no desempenho das funções de Diretor do Departamento de Equitação.

Ouve-se dizer, habitualmente, que é montando o cavalo que se aprende a governá-lo. Nada mais certo. Suportando-se as reações das diversas andaduras do cavalo, conseguimos a fixidez sobre a sela. Por meio dos flexionamentos eliminamos as contrações, combatemos os defeitos da posição e conseguimos a independência das diversas partes do corpo. Dirigindo, enfim, o cavalo, aprendemos a dominá-lo.

Da continuidade do exercício, decorre a liberdade de espírito e perfeita independência do cavaleiro.

Embora, porém, de pleno acôrdo com o adágio de que é montando a cavalo que se aprende a governá-lo, somos de opinião que se acrescenta aos meios que vimos de descrever o RACIOCÍNIO ESCLARECIDO.

Efetivamente, se temos montado a cavalo para aprender a dirigi-lo, sem que nesta tarefa tenha participado a observação e o bom senso, não fizemos outra cousa, senão criar falsos hábitos que, entrando para o domínio do nosso sub-consciente e tomando a forma de reflexos, jamais serão abandonados, com prejuízo para o progresso e transmissão racional da arte.

Ora, assim sendo, onde buscar os elementos que nos permitam a assimilação, embora modesta, do ensinamento para o início da aprendizagem da arte que nos propomos estudar?

Segundo a nossa opinião, sòmente a história registra os feitos e as descobertas resultantes da meditação e experiências feitas pelos mestres. Onde encontrar, pois, êsses princípios, No estudo. Único meio, porque, não temos um gen. L'Hotte em exibições permanentes, a mostrar os seus meios de conduta do cavalo.

É verdade que, recorrendo ao estudo e à prática racional da equitação, num ambiente onde as falsas teorias já se impregnaram, ficamos expostos a críticas sistemáticas.

O nosso escopo, entretanto, não é o de convencer a estes mestres da crítica, mas, o de preparar as futuras gerações de cavaleiros.

O objetivo almejado é, pois, a preparação do espírito, apelando para o raciocínio do homem.

Trabalhando, já se vê, dentro deste desígnio, não temos a ilusão de que o sucesso venha coroar os nossos esforços imediatamente.

Almejar isto, seria desconhecer as grandes dificuldades que se nos antepõem, quando nos propomos à tarefa de transformar mentalidades erradamente formadas.

Estudamos a tática pela invocação das batalhas travadas pelos grandes capitães e não no flagrante desencadear de uma guerra.

É em classe, no estudo dos princípios consagrados pelos mestres que viveram situações reais, que criamos os reflexos, os quais, adaptados à prática, nos põem em condições de agir no momento psicológico.

Impossível seria invocar o estudo destes princípios em plena batalha. É, pois, em classe e no campo de manobras, que criamos o reflexo útil, extraído dos princípios que a história registra.

Se podemos admitir que os gênios, pairando acima dos homens, sejam os únicos capazes de criar, não podemos deixar de transcrever o que nos diz Napoleão:

«Fazei a guerra ofensiva como Alexandre, Aníbal, Cesar, Gustavo Adolfo, Turenne, o príncipe Eugênio e Frederico. Lede e relede a história de suas oitenta e três campanhas, modelai-vos sobre elas; é o único meio de vos tornardes grandes capitães e de surpreender os segredos da arte; vosso gênio, assim esclarecido, vos fará lançar máximas opostas às desses grandes homens. (Obras de Napoleão — Santa Helena) — (Vues Politiques, pág. 288)».

É este gênio da guerra, Napoleão, quem nos manda estudar, ler e reler os ensinamentos dos grandes capitães.

É certo que Napoleão, ao aconselhar o estudo da história, não teve em mira dizer que a sua assimilação era o suficiente para formar o gênio da guerra, pois, mais adiante diz:

«Quando medito, permaneço em uma agitação torturante...»

«Não é um gênio quem me revela, de improviso e em segredo, aquilo que tenho a dizer ou fazer ante uma circunstância não prevista pelos outros; é a reflexão, a meditação».

Assim também, o general L'Hotte, que em «Questões Equestres», pág. 12, diz:

«Quanto às teorias equestres mais ou menos sábias, pertencem ao instrutor.

Elas lhe são úteis para esclarecê-lo na prática de sua arte e para aperfeiçoar o seu ensinamento, colocando-o em condições de abordar qualquer assunto a respeito».

O grande mestre ao fazer essa afirmativa não teve, por certo, em mira dizer que aqueles que o compulsarem, tornar-se-ão cavaleiros como êle. Não quis realmente dizer que os livros dos sábios, formam os gênios da arte.

Uma cousa, entretanto, ressalta. Aqueles que têm a felicidade de conhecer tôda a história desses sábios da arte, ficam isentos de criar, em seu sub-consciente, o hábito das falsas teorias, ou seja, o de aceitar preceitos não justificados pela razão, nos quais, não entra a menor dose de bom senso.

Baucher, o homem que revolucionou a arte da equitação e aperfeiçoou os ensinamentos em parte oriundos da escola italiana, representada por Cesar Fieschi, Frederic Grison e Pignately, pode ser considerado, entre outros, o maior gênio da arte.

Baucher vinha da plebe era um saltimbanco, fêz-se por si. A revolução que operou na equitação, causou geral descontentamento no seio da fidalguia da época, cujo orgulho não permitia a intromissão de um plebeu na brilhante arte de montar a cavalo.

Urgia que se lhe opuzesse um nobre para suplanta-lo. Onde buscá-lo? O gênio não se faz; surge como uma estrêla. Eis que na Escola de Versailles, fiel consersadora da tradição da Escola franceza, tendo à testa d'Absac, é descoberto o conde d'Aure, ex-oficial de infantaria (Ver **Um oficial de Cavalaria**, do gen. L'Hott), cujo amor à arte fêz com que êle abandonasse o exército para ingressar na mesma como praticante.

D'Aure, aluno de d'Absac durante dez anos, de caráter pouco induzido à reflexão, cujo procedimento no picadeiro, apesar do seu amor à arte, lhe custara muitas repreensões, foi oposto a Baucher e conseguiu brilhar tanto quanto êste.

Aí fica representado o nobre que, tendo por base os ensinamentos assegurados pela tradição da escola franceza, atinge as culminâncias e coloca-se ao lado do gênio. Eis o sábio.

De outra parte, o plebeu que, vindo do circo, consegue alcançar os pináculos da arte, criando e aperfeiçoando os processos da equitação. — **Aí esta o gênio.**

Ambos fizeram escola. Tiveram alunos e brilharam.

O gen. L'Hott, aluno dos dois, é a sùmula dos conhecimentos desses mestres.

Nos nossos dias, não nos consta que exista qualquer inovador que possa figurar, mesmo à distância, ao lado destes apaixonados da arte da equitação.

O ensinamento de Baucher, o grande criador, era o fruto da meditação e, se chegou a abalar o próprio prestígio da Escola de Versailles, foi porque reconheceram-lhe o gênio, apesar de saltimbanco.

Opuzeram-lhe um nobre, o conde d'Aure, que trazia como credenciais, os ensinamentos da Escola, assegurados pela tradição.

Esta tradição da Escola de Versailles, vinha dos grandes gênios que não se apresentavam em estado permanente para o ensino das gerações de alunos, mas, ficara assegurada pela rigorosa observância do estudo e da prática destes gênios registrados pela história.

Neste modesto introito, procuramos, apenas, apontar o esboço dum pequeno histórico da arte de equitação, hoje desprezada, segundo nos diz Gustave Le Bon, em «Equitação Atual e seus Princípios».

Opera-se, no momento em São Paulo e, quiçá em todo o País, um movimento hípico que, a julgar pelo número (e qualidade às vezes), nos revela um desenvolvimento notável na arte de montar a cavalo.

Porque, pois, não começar pelo caminho certo? Nós que não somos sábios nem gênios, porque não seguimos os princípios oriundos de maduras meditações dos mestres.

Muito embora a equitação seja uma arte que não tem limites, não alimentemos ilusão, porque, neste mister, nada temos a acrescentar em nossos dias.

Contentemo-nos com algum método, ou princípio bem ordenado. O pouco que hoje conseguirmos, será a base segura para o nosso progresso no futuro.

Não se diga que os velhos mestres da escola franceza eram apenas equitadores de alta escola, ou seja, de picadeiro. Lembremo-nos da resposta que o conde d'Aure deu ao príncipe d'Artois, quando este, saltando um fosso, lhe dissera: **Eis como salta um príncipe!!!**

D'Aure, saltando um rio, lhe replica:

Veja alteza, como salta um «écuyer».

Lembremo-nos, igualmente, do conde de Taubenheim que, ao completar oitenta anos de idade, para demonstrar o seu vigor físico, saltou a barreira do picadeiro, elevada à sua maior altura.

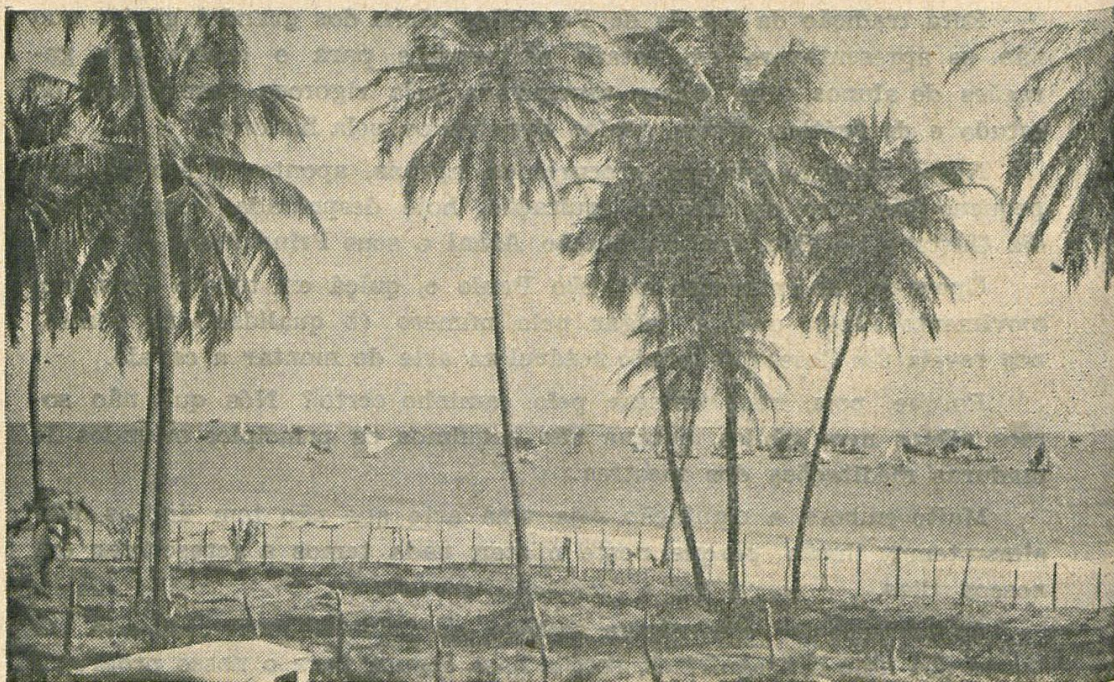
Recordemo-nos de d'Absac que, ao submeter um cavalo que puzera em dificuldade um soldado alemão, provocou deste, esta exclamação: «Se o senhor não é o diabo, deve ser d'Absac!!!» São estes, os finos cavaleiros da escola franceza e da sua tradição, os cavaleiros de picadeiro.

Não é demais analisar, quando nos vêm à mente, o que diz o gen. L'Lotte, à página 204, das suas «Questões Equestres»:

(Cont. à página 56)

"TODOS CANTAM SUA TERRA TAMBÉM VOU CANTAR A MINHA"

Sargento Azarias de Oliveira



Praia dos Meireles — Fortaleza

Embalada pelo ciciar de verdes coqueirais, Fortaleza, a capital cearense, sorri ante a efusão de afagos de que a cerca a primorosa natureza. Reclinada no largo divã de fulvas areias respira indolentemente, a poesia que exalça a paisagem de suas praias encantadoras.

As palmeiras, agitando-se no ar, espalham suas copas grandiosas, numa pertinaz insistência de querer atingir as alturas para toldar o azul diáfano onde farrapos de nuvens se congregam e suavemente deslisam na placidez dos espaços imaculados.

A seus pés estende majestático o «verde mar bravio», o mais revôlto dos mares brasileiros, cujas ondas esmeraldinas se associam ao concêrto maravilhoso, entoando-lhe um solfejar eterno de endeixas soluçantes, um cântico perene de dolentes queixas. Mas o oceano, às vezes medonho e iracundo, lança-se com instinto de maldade ou talvez de inveja, sôbre os recantos pitorescos, destruindo quase tôda a opulência da decantada praia de Iracema, que sem favor algum é uma das mais belas do Brasil. Em tôrno da capital da terra de Alen-

car, há um festival sem fim glorificando a beleza que tanto tem inspirado os poetas e prosadores.

Fortaleza, a formosa enamorada do sol, oferece aos olhos de quem a contempla, uma paisagem de reflexos doirando os zimbórios; no vertice do Infinito, o sol desabrocha em rosa de luz esparzindo pétalas tremeluzentes, cristalizando a verdade que o poeta escreveu:

«O sol que te ama a pobreza,
de raios tôda te veste
cidade de Fortaleza
Noiva do sol do Nordeste».

E a cidade «loira de sol e branca de luares» é, na concepção de outro vate, filho da terra, como uma «hóstia de luz cristalizada».

Mas, quando se pensa no Ceará acode-nos a lembrança do jangadeiro, o humilde homem do mar, enfrentando na sua frágil embarcação os mistérios do oceano traiçoeiro. Empenhado em luta vemo-lo constantemente arriscando a vida na conquista do pão de cada dia. Quantas vezes é surpreendido por tempestades que com fúria selvagem desabam assustadoramente, ameaçando tragar a embarcação e o jangadeiro, valentemente, enfrenta com destemor, jogando-se sozinho aos perigos dos quais se arroja com a trivialidade de suas forças. E dentro da medonha vovagem escapa das vagas tumultuosas da imensidade que se confunde com a própria morte.

Entretanto, não se limita somente aí a glória e o heroísmo do cearense. No sertão outro drama subrepuja

a todos os demais. Refiro-me ao horripilante e intraduzível quadro da seca, destruindo sonhos, esmagando esperanças, desfazendo alegrias, arruinando lares e expulsando os filhos que tanto têm sabido idolatrar sua terra. Escorraçados pelo fantasma, fogem para lugares distantes, reduzidos à triste condição de flagelados. Pelos caminhos incertos se desenrolam episódios constrangedores. Nas margens das estradas distantes, pessoas queridas tombam sucumbidas pela fome e, se não fôra a solidariedade de mãos piedosas, não se ergueriam rudes cruces assinalando o local onde jaz uma alma vitimada pela fome, abatida pela morte.

Dentro da atmosfera escaldante se derrama um triste mugir de rez, como protesto ao céu quente e luminoso, pela falta de pastagem nos campos mirrados.

As nuvens já esfiapadas transfiguram-se em arabescos tingidos de rubro pelo sol de sangue. A tarde arquejante provoca os passarinhos a desatarem pela amplidão um conjunto de harmonias, como para abafar as lamentações da terra combusta.

Que esplêndido poema a exaltar o terrífico destino de um povo!

Ceará, assim como há na luz Divina do teu Sol tanta beleza, no destino errante dos teus filhos há tanto heroísmo...

Ceará, terra de crenças e superstições; terra de linguajar pinturesco, terra longínqua e misteriosa, como te admiro!... como te quero bem!...

*

“Não se queixe; produza mais”.

AS POLÍCIAS ESTADUAIS

e a sua Federalização

1.º ten. F. Assis Veloso
da P.M. da Paraíba

Numerosas foram as reformas e as transformações realizadas em nosso País, no atual regime constitucional, e muitos foram os problemas administrativos resolvidos pelos nossos deputados nas assembléias estaduais e federal, nos setores da educação, da agricultura, da saúde, da justiça, da indústria, etc. Mas, inúmeros são ainda os erros que temos a corrigir nas instituições vindas do Império e da Primeira República, as quais, com organizações antiquadas, vão atravessando os tempos como que guardando a reminiscência dos primeiros dias de nosso Brasil.

Dentre os problemas que estão a desafiar a argúcia administrativa dos nossos homens públicos, encontram-se, em primeiro plano: o transporte — que deve ter por base a disseminação de estradas de ferro em todo o território nacional; o amparo à infância — com a assistência médica e a fundação de institutos para receberem as crianças abandonadas; auxílio ao homem do campo — distribuindo-lhe terras, gados e sementes sob a orientação do Governo, além de proporcionar-lhe assistência médica e financeira; a habitação das regiões férteis como a planície amazônica — fundando cidades artificiais ligadas por estradas de ferro; disseminação de açudes e

barragens nas zonas secas do Nordeste — para fixar o homem na terra, com as plantações, criação de gados e a pesca; exploração do petróleo e desenvolvimento da indústria — para mecanizar a agricultura e difundir trilhos e veículos em todos os recantos; difusão de ginásios oficiais em tôdas as cidades do Brasil e de faculdades em tôdas as capitais — cada cidade deve ter como característica um ginásio e cada capital uma faculdade; aproveitamento dos minérios existentes em abandono na superfície da terra — para aumentar os recursos econômicos de nosso País; cooperação do Exército nas construções de pontes, estradas de ferro e cidades; e, por fim, a transformação geral do sistema policial do Brasil, que é o nosso caso particular.

As Polícias Estaduais, vindas do Império com organizações imitativas às do Exército, se tornaram, por isso, de há muito obsoletas para a sublime missão de cooperar com o governo na orientação e defesa da sociedade. Independentemente umas das outras, com uniformes e legislações diferentes, formam corporações heterogêneas, dando um cunho de regionalismo para os habitantes de cada Estado do Brasil. Com a organização e regulamentos do Exército, deixam-se levar ingênuamente pelos apa-

ratos da vida militar, enquanto que se esquecem por completo do estudo da legislação policial e das leis que estabelecem os direitos e os deveres do homem na sociedade e que garantem a liberdade e o direito de propriedade.

Em nosso Estado, temos um soldado de polícia semi-alfabetizado, conduzindo uma arma de guerra que é o antiquado fuzil ordinário, sem a instrução técnica de ataque e defesa pessoal, policiando, a pé, 2.000 pessoas numa área de 70 quilômetros quadrados. E o resultado desta irrisória estatística, que é a evidência da verdade, é o índice assombroso de criminalidade verificado em nosso interior, onde o primeiro sacrificado é sempre o policial que toma um dos caminhos: cadeia, cemitério ou hospital. Tal situação, no entanto, se tornaria pior se diante da ignorância do nosso policial não estivesse contraposta a ignorância às vezes maior do nosso patrício comum, que, desconhecendo as leis e os seus deveres cívicos e sociais, desconhece também os erros e os abusos muitas vezes cometidos pelo policial. Exceto os homens que exercem funções públicas, os intelectuais e os comerciantes, os demais não se preocupam em colecionar e ler as nossas leis, sobretudo os homens do campo.

Para modificar tal semblante de atraso e irregularidade, temos o grande problema da federalização das Polícias Militares que, apesar de representar um largo passo de pro-

gresso administrativo e social para o País, infelizmente, ainda não foi compreendido pelos responsáveis pelo destino do Brasil. A federalização nacionalizaria a legislação policial e unificaria as Polícias Estaduais, tornando-as corporações homogêneas, com uma só organização, instrução e fardamento, e modificar-lhes-ia a mentalidade policial, dando aos seus elementos independência de ação, uma vez que ficariam livres das influências regionalistas, sem contudo perderem a subordinação e obediência ao governo de cada Estado. O reconhecimento dos direitos e as promoções dos membros das Polícias Militares partiriam de um poder central, fora dos limites da província, o que levaria o policial ao estímulo da eficiência pessoal para, depois de modernamente armado e instruído, cumprir fiel e serenamente o seu dever.

Com a federalização teríamos novas imposições tirando-nos da indolência intelectual e obrigando-nos a cursos técnicos e de especialização, para a conquista de direitos. Assim, chegaríamos ao soerguimento social e intelectual, a ponto de bem servir à sociedade. Além disso, a federalização das Polícias Estaduais representaria, para o Governo Federal, uma nova unidade de força e de defesa, acionada por um só dinamismo que seria o Comandante Único, e formaria mais uma cadeia de elos ligando os Estados e os brasileiros de Norte a Sul.

—::—

«Árduo é o trabalho que se faz de má vontade».

Visita do Cardeal Mota

à Fôrça Pública



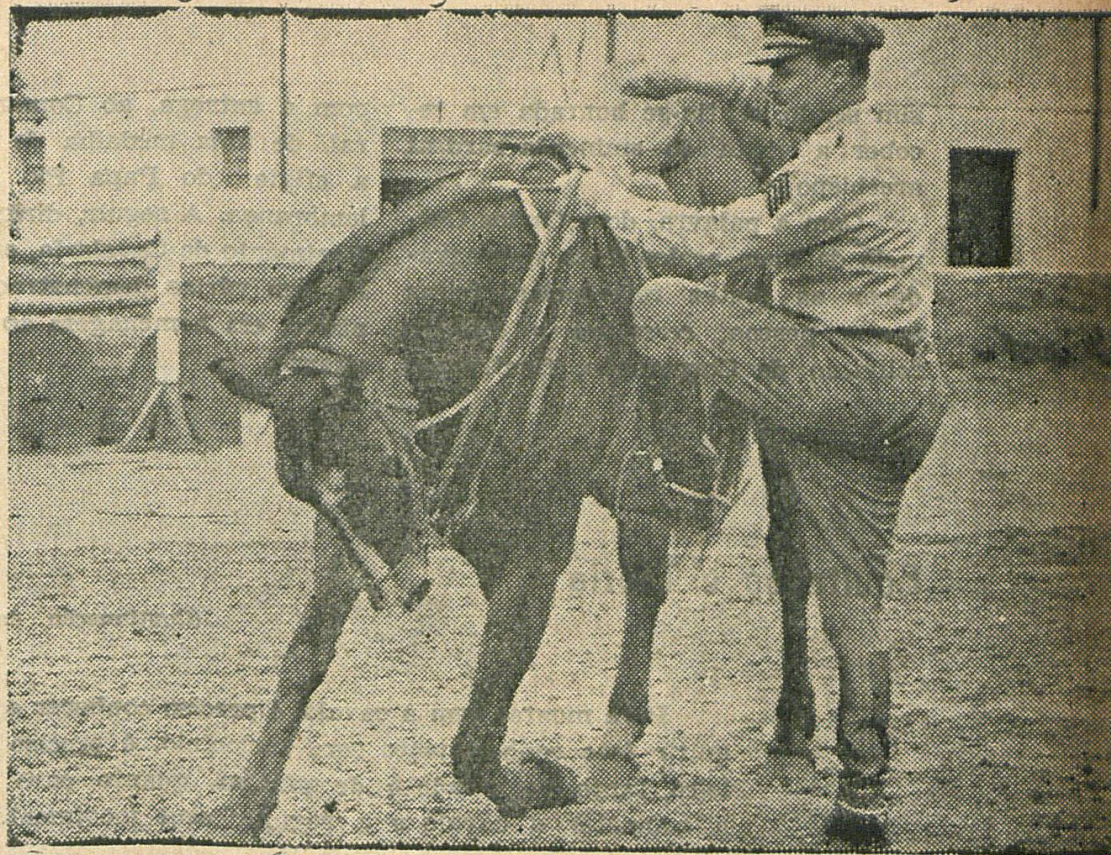
Em baixo, s.e. revma. palestra com o cel. Jesus Zerbini, no salão nobre do Quartel General; ao alto, o cardeal Mota é saudado pelo cel Cândido Bravo, no R.C., unidade de que é comandante.

No dia 29 de outubro, esteve em visita oficial à Fôrça Pública de São Paulo, S.Eminência Revma. D. Carlos Carmelo de Vasconcelos, cardeal arcebispo de São Paulo, que se fez acompanhar pelos seguintes membros do Clero Secular: dom Paulo Rolim Loureiro, bispo titular de Bria; monsenhor João Pavesio, cônego Roque Viggiano, padres Matheus Nogueira Garcez e Tarcísio Geraldo da Silva.

Ao chegar no Q.G., foi recebido pelo Cel. Euryale de Jesus Zerbini, Comandante Geral, e pelos Comandantes de Corpos e Chefes de Serviços que servem na Capital.

Após apresentação da oficialidade, o Cel. Euryale de Jesus Zerbini, em rápidas e significativas palavras, saudou o ilustre prelado, ressaltando que a Fôrça Pública constitui, pelo trabalho e fé cristã, autêntica expressão da gente de Piratininga. As-

O sargento Mário Bruno, quando fazia um dos seus apreciadíssimos números de equitação, com o cavalo "Diamante".



Um esquadrão do R.C., em uniforme especial e comandado pelo 1.º ten. Bráulio Guimarães, além de prestar as continências do estilo, fez evoluções no pátio do quartel

sim sendo, sentia-se honrada em receber a visita do eminente cardeal arcebispo.

Com a palavra, dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, após agradecer as justas referências feitas à sua pessoa, ressaltou o espírito religioso da Corporação, finalizando

com a entrega, ao Comandante Geral, de uma medalha de prata com a efígie do Papa Pio XII, como lembrança. A seguir, dirigiram-se ao Regimento de Cavalaria, onde se realizaram várias demonstrações de hipismo, em homenagem ao ilustre visitante.



Equitação e Teoria

(Continuação da página 49)

Para montar bem a cavalo, é preciso conhecer e, para adquirir êste conhecimento com raciocínio, é preciso ao cavaleiro, tanto de estudo e de prática, quanto para aprender a submeter o cavalo e a regular seus movimentos, o que encerra o objetivo da equitação, propriamente dito».

É certo que, ao pesquisarmos os preceitos dos grandes sábios da equitação, não temos em vista encarnar de modo servil a sua personalidade, mas, ficamos imunizados da aceitação de teorias descabidas, consagradas unicamente pela rotina, ou das chamadas receitas infalíveis.



Inauguração, no B.G., do Cassiño "Major Uchôa"

(continuação da página 57)

aos presentes encarecendo a grande utilidade das instalações que acabavam de ser inauguradas e historiou sucintamente a vida do heróico oficial, que se resume nos dizeres da placa comemorativa ali existente, que a seguir reproduzimos:

Eternizando no Bronze mais um nome dentre aqueles já imortalizados na voz da História, rende, o Clube Militar da Fôrça Pública, justo preito

à memória do major Agostinho de Moura Uchôa, do 2.º Batalhão, heroi da Revolução Constitucionalista, que dêste quartel partiu ao primeiro dia daquela jornada épica, para ingressar no Panteon da Glória, quando, nos píncaros da Mantiqueira, no Túnel Histórico, bravamente, tombava em defesa de São Paulo e de sua gente".

São da inauguração em apreço as fotos que aqui inserimos.

Inauguração, no B.G., do Casino Militar "Major Uchôa"



Prosseguindo na execução do seu programa social, o Clube Militar fez inaugurar, em outubro, as novas instalações deste centro de recreação, situado no Batalhão de Guardas, ocasião em que ofereceu um coquetel e um "chopp" a todos os oficiais e praças da unidade.

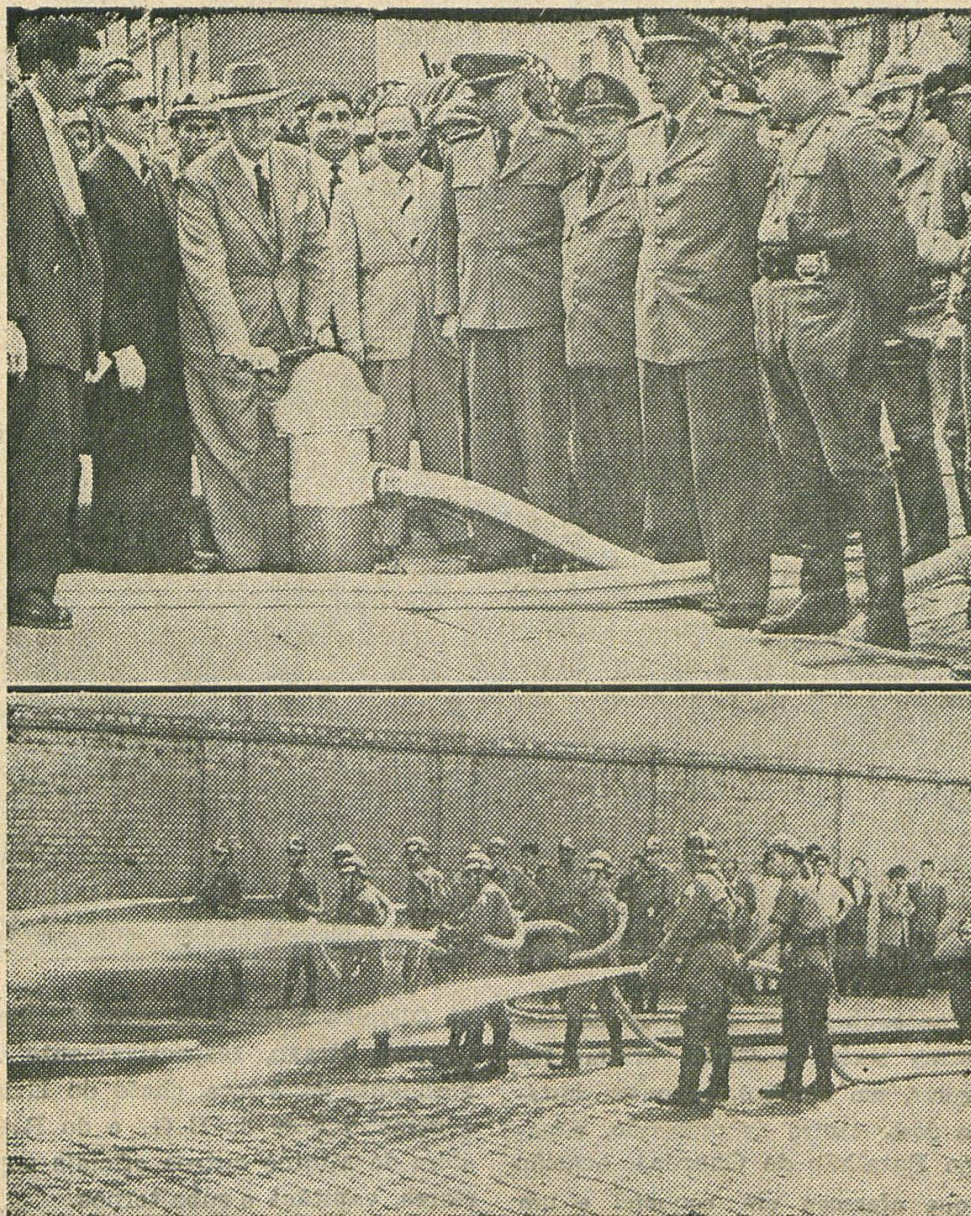
Prestigiaram o ato com a sua presença os ceis. Jesus Zerbini, João

de Oliveira Melo, Guilherme Rocha e Cândido Bravo, respectivamente comandante da Fôrça, chefe do E.M., e comandantes do B.G. e do R.C., além de muitos outros oficiais superiores, capitães e subalternos.

O cel. Odilon A. de Oliveira, presidente do Clube Militar, saudando as autoridades que ali se achavam, e agradecendo-lhes a presença, falou

(Continua à página 56)

Inaugurada a primeira válvula de coluna para incêndio



Ao alto, o dr. Armando Arruda Pereira, prefeito da Capital, inaugurando a primeira válvula de coluna; em baixo, quatro linhas de mangueira entram em ação, ligadas à nova válvula. (gentileza de A GAZETA).

A 2 de outubro foi inaugurada a primeira válvula de coluna, instalada na avenida Presidente Wilson. Este novo tipo de válvula de incêndio está destinado a substituir as atuais válvulas existentes na capital paulista, pelo fato de estarem situadas trinta centímetros abaixo do nível do solo oferecendo ainda outros inconvenientes: entupimento dos boeiros onde se encontram as válvulas, por areia e cascalhos; cobertura das válvulas de incêndio, por andaimes, junto aos prédios em construção, e, finalmente, o mais grave, que é de possuírem as atuais válvulas o diâmetro de 2½ polegadas, não aproveitando assim toda a capacidade da rede de água, que possui diâmetros de 3 a 12 polegadas. As novas válvulas, que possuem uma altura de 6 polegadas, darão, por isso, maior rendimento no combate ao fogo. Acresce que estas válvulas serão adaptadas à rede especial para incêndios, que a Repartição de Água e Esgotos de São Paulo está construindo no centro da cidade. Os oficiais do Corpo de Bombeiros e as altas autoridades que presenciaram a inauguração da válvula de coluna, manifestaram-se favoravelmente impressionados com o volume de água que tais bombas proporcionam. Foi assim que o dr. Armando Arruda Pereira, prefeito da capital, prontificou-se a doar as quinhentas primeiras válvulas de



O ten. cel. Lopes da Silva comandante do C.B., esclarece ao prefeito Arruda Pereira, as vantagens da válvula de coluna. (A GAZETA)

coluna das duas mil a serem instaladas na capital bandeirante. O maior Centro Industrial da América Latina estará, então, aparelhado para dar combate eficiente ao fogo que, não só reduz a cinzas grandes riquezas, mas que rouba também preciosas existências.

1901 - 1951

O 4.º B. C. completou meio século de existência

E Bauru comemorou o LV ano da fundação — Da criação da Unidade aos tempos atuais — Festejos que assinalaram a efeméride.

Texto do Ten. Odilon S. Neto



O PRIMEIRO COMANDANTE
Major Artur da Fonseca Osório

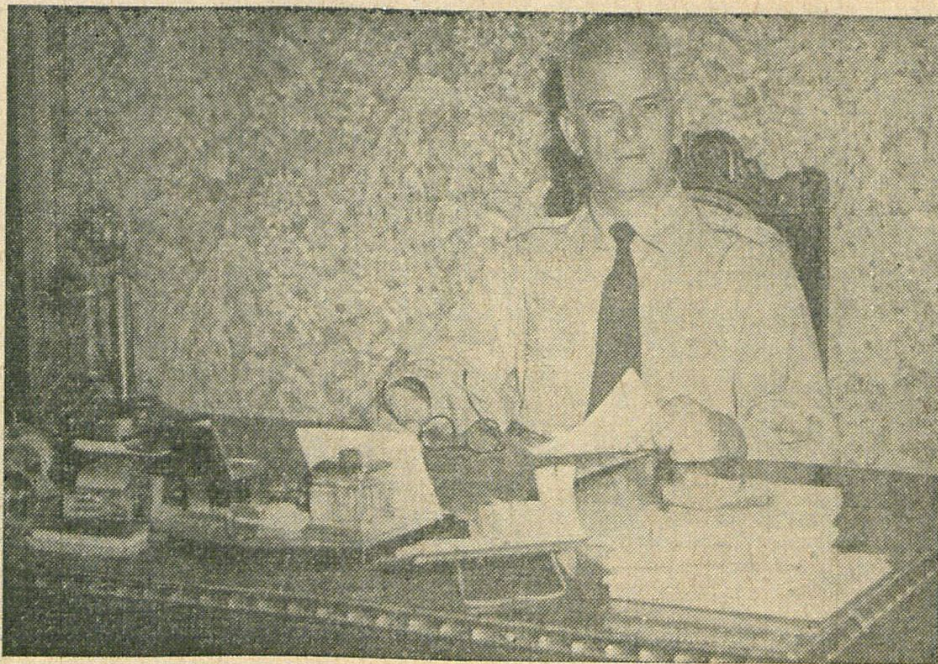
Levando a efeito um expressivo programa de solenidades do 4.º

B. C. comemorou, no dia 8 de agosto do corrente ano, o seu quinquagésimo aniversário de fundação.

Aproveitando o feliz acontecimento, e, acedendo ao gentil convite da direção de «Militia», resolvemos escrever algo a respeito da brilhante unidade em que servimos, donde um pouco da sua gloriosa história, da sua vida agitada e dos trabalhos, sempre a serviço de São Paulo e do Brasil.

Foi o 4.º B. C. criado em 8 de agosto de 1901, segundo a Lei 776, de 26 de junho do mesmo ano, a qual reorganizou, também, a Força Pública, dando-lhe o nome de Força Policial do Estado de São Paulo.

Juntamente com o 4.º B. C. foram criados mais três Batalhões de Infantaria, uma Guarda Cívica, um Corpo de Bombeiros, um Corpo de Cavalaria e uma Secção de Enfermeiros, além dos auxiliares previstos na respectiva Tabela de Efetivos, todos em substituição ao Corpo Policial do Interior.



O COMANDANTE DE HOJE
Ten. Cel. Acari França

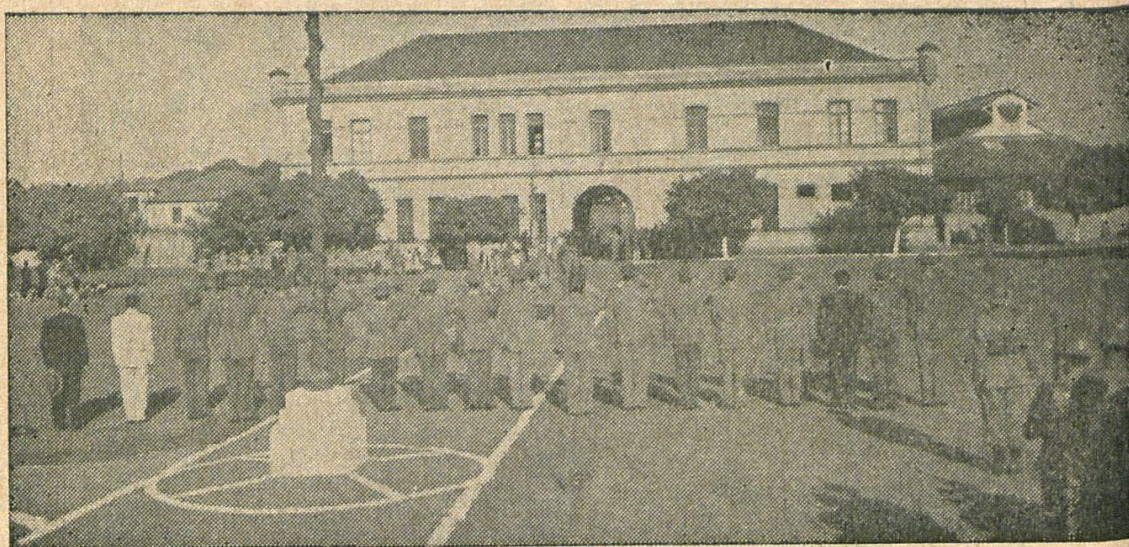
O primeiro efetivo do 4.º B.C., constituído de elementos do Corpo Policial do Interior, — extinto por força da lei supra — perfazia um total de 1244 homens, isto é, 21 oficiais, 43 sargentos e 1180 praças, devidamente distribuídos em um Estado Maior e 4 Companhias de Fuzileiros.

A novel Unidade teve o seu primeiro quartel no edifício situado à rua Dr. Américo Brasiliense, nas proximidades da porteira do Pari, passando a ser conhecido por «Quartel da Alfândega».

Instalado em local pequeno e inadequado, as suas dependências comportavam apenas a administração do Batalhão e das Companhias, rancho, alojamento para uma Cia., xadrez e reservas de armas. É certo que em determinada ocasião, ante

a necessidade de reunir grande parte do seu efetivo, viu-se o comando daquele Batalhão obrigado a alugar um armazém situado na esquina da rua Santa Rosa com a rua Dr. Américo Brasiliense, pois só assim poderia alojar as praças recolhidas à sede da Unidade.

Até o ano de 1910, o 4.º Batalhão ocupou essas dependências; a 18 de maio daquele ano transferiu-se para o bairro da Luz, onde ocupou o prédio sito à rua Jorge Miranda, próximo ao Quartel do 1.º B.C., antigo edifício do Colégio de Santo Agostinho. Tal transferência veio a processar-se em virtude da compra, pelo Governo do Estado, do prédio em questão; no ano seguinte, a 29 de julho, volta a Unidade àquêle edifício — «Quartel da Alfândega» — onde permaneceu até o ano de



HASTEAMENTO DA BANDEIRA

Em frente ao pavilhão principal do quartel, oficiais e tropa, em continência.



NO CENTRO DA CIDADE

O Batalhão homenageia Bauru na sua data máxima, com um desfile pelas ruas principais.



COMANDANTE E OFICIAIS DA UNIDADE

1913. Em seguida, instala-se num prédio da alameda Barão de Piracicaba, esquina com a alameda Ribeiro da Silva, cujas dependências, por inadequadas, eram piores do que as do «Quartel da Alfândega»; a 21 de dezembro de 1917, transfere-se novamente o Batalhão, e desta vez para a avenida Tiradentes n.º 74, onde permaneceu até janeiro de 1923. Mudando-se para o prédio do Corpo Escola, situado na avenida Tiradentes n.º 15A, atualmente Grupo Escolar «Duque de Caxias», ali permaneceu durante quatro anos e meio.

Finalmente, deixou a Capital a 6 de setembro de 1927, transferindo-se para a cidade de Bauru. Em dois barracões de madeira foram instalados o alojamento das praças e o rancho, passando a administração do B.C., e as reservas das Companhias,

a funcionar em duas casas, alugadas, na rua Araújo Leite.

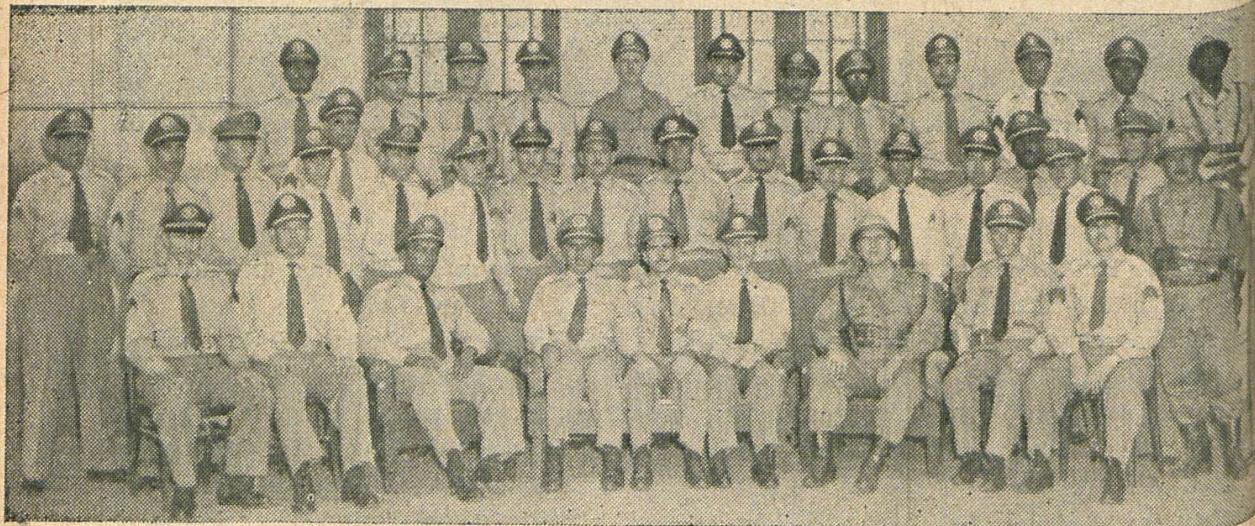
No ano seguinte, a 27 de abril de 1928, no local em que se achava um dos barracões, foi lançada a pedra fundamental do prédio destinado à administração. O Bol. Regimental n.º 87, dessa data, em belos e elevados conceitos, fêz especial menção à solenidade. Tal construção, autorizada pelo Presidente do Estado, sr. dr. Júlio Prestes de Albuquerque, possibilitou, após efetivada, a centralização de todos os órgãos da unidade em um só prédio, dispensando-se, dessarte, as duas casas alugadas na rua Araújo Leite.

Porém, não comportando o novo prédio, como era de desejar, todas as repartições da unidade, tornou-se imprescindível a construção de novos pavilhões, o que realmente foi feito no ano de 1937, pelo nosso

Serviço de Engenharia, quando da fecunda administração do ilustre cel. Milton de Freitas Almeida. Acha-se o 4.º B.C. muito bem aquartelado, atualmente, sendo amplas, modernas e higiênicas, as suas dependências. Possui um grande pátio de instrução, estande de tiro para revólver e pistola, uma Enfermaria Regimental, báias para o destacamento montado etc.

O primeiro comandante do 4.º B.C. foi o major Artur da Fonseca Osório que, antes, integrando o quadro de oficiais do glorioso 1.º B.C.,

mente destacados em pontos mais longínquos. Assim, possuía o Batalhão elementos nas cidades de Ribeira do Apiaí, Caconde, Santos, Santo Antônio da Alegria, Patrocínio do Sapucaí, Santa Rita do Paraizo, Santana dos Olhos D'Água, Rio Preto, Ibitinga, Bauru, Fartura, Itararé, Capão Bonito etc. Além do serviço de policiamento do interior, que absorvia a maior parte do efetivo do Batalhão, tinha a unidade que faz face ao serviço interno das delegacias da Capital, tais como: Lapa, Pinheiros da Consolação, Cerqueira



SARGENTOS DO 4.º B.C. (na sede da unidade).

como capitão, participara da Companhia de Canudos.

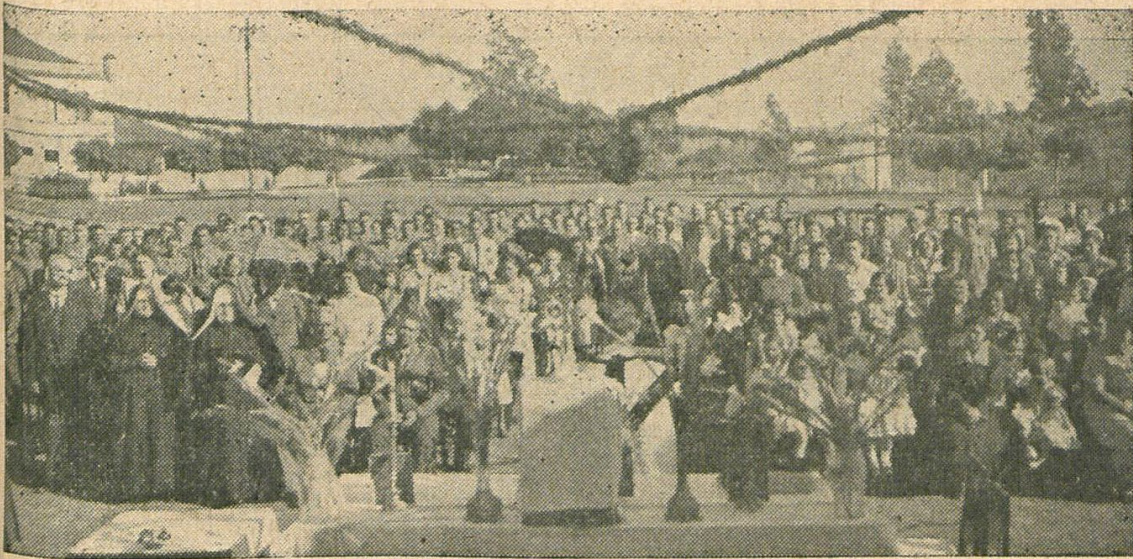
O primeiro Boletim da Unidade foi o de 8 de agosto de 1901, firmado pelo major Osório.

Inicialmente, passou o 4.º B.C. a fornecer praças para o serviço de policiamento em quase todo o Estado, isto em virtude de terem sido transferidos para essa unidade, quando da extinção do Corpo Policial do Interior, todos os elementos anterior-

Cesar, Água Branca, Consolação e Freguezia do Ó.

De outra forma, o 4.º B.C., ao lado de outras valorosas unidades da Fôrça, tomou parte saliente em diversos movimentos revolucionários.

Em 1924, lutou em São Paulo, em Goiás e em Mato Grosso; em 1930 e 1932, novamente chamado a combater ao lado dos seus irmãos, escreveu, nas operações em que to-



Missa campal no pátio do quartel.

mou parte ativa, páginas memoráveis de heroísmo e bravura.

Também no setor policial, o 4.º B.C. tem-se imposto, pelos seus feitos, à admiração geral. Grande já é o número de homens sacrificados no cumprimento do dever, dentre os quais queremos destacar o nome do 1.º tenente Alcides Teodoro dos Santos que, após salvar uma criança, veio a tombar trágicamente na cidade de Araçatuba, em janeiro de 1950, vitimado por uma explosão.

Atualmente o 4.º B.C. destaca elementos nas seguintes cidades:

1) **Zona da 1.ª Cia.** — Delegacias subordinadas à Delegacia Regional de Marília:

Gália, Herculândia, Rinópolis, Garça, Tupã, Dracena, Alvares de Carvalho, Bastos, Paulicéia, Vera Cruz, Oswaldo Cruz, Junqueirópolis, Marília (Séde da Regional), Adamantina, Oriente, Lucélia, Pacaembú, Pompéia, Parapuã, Gracianópolis, Quintana e Flórida Paulista.

Quando for instalada a 5.ª Cia. Ind., com séde em Marília, perderá o 4.º B.C. a zona de policiamento acima, recebendo, em compensação, a zona atribuída à Delegacia Regional de Polícia de Jaú, cujos destacamentos, no momento, são providos pelo 8.º B.C..

2) **Zona da 2.ª Cia.** — Delegacias subordinadas à Regional de Araçatuba: Avanhandava, Mirandópolis, Araçatuba (Séde da Regional), Birigui, Lavínia, Bilac, Bento de Abreu, Coroados, Guaraçai, Glicério, Andradina, Penápolis, Guararapes, Valparaíso, Rubiácea e Pereira Barto.

3) **Zona da 3.ª Cia.** — Delegacias subordinadas à Regional de Bauru: Avaí, Getulina, Pirajuí, Agudos, Guarantã, Piratininga, Baurú (Séde da Regional) Lins, Promissão, Lençóis Paulista, Presidente Alves, Cábralia Paulista, Pongaí, Riginópolis, Cafelândia, Júlio Mesquita e Duartina.



COQUETEL AS AUTORIDADES E VISITANTES
O ten. cel. Acari França saudando aos presentes

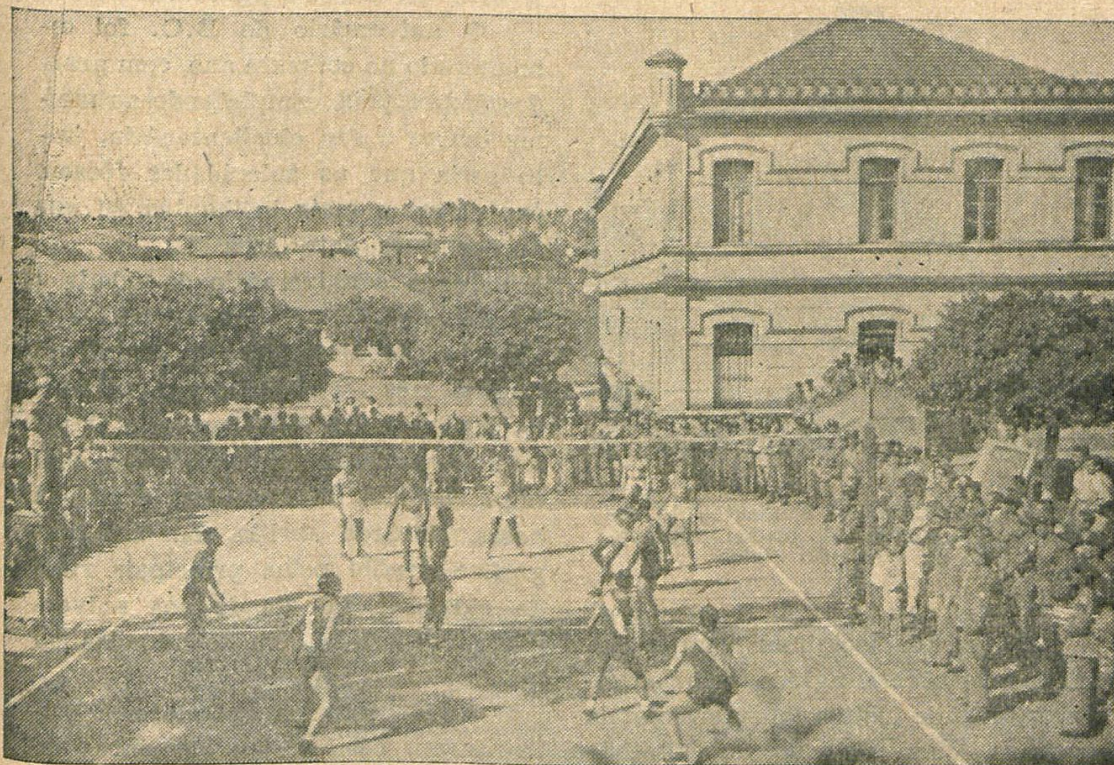
A 1.ª Cia. tem seus elementos destacados na zona da Alta Paulista; a 2.ª Cia. na zona da E.F.N.O.B., e a 3.ª Cia. em trechos da E.F.Sorocabana, Paulista e Noroeste do Brasil.

O 4.º B.C., face aos claros existentes em seu efetivo, tem os seus destacamentos incompletos, salvo raras exceções.

A Banda de Música Regimental, tal como as de outras Unidades da Fôrça, realiza concertos aos domingos no coreto principal da cidade, e isso de acôrdo com o contrato celebrado entre a Prefeitura local e o Batalhão; freqüentemente a Banda tem abrilhantado festejos de várias naturezas em localidades vizinhas.



Demonstração de esgrima de baioneta, feita por elementos da Escola de Educação Física.



O voleibol continua a ser o esporte coletivo que desperta maior interesse na Corporação. No clichê, um instantâneo da disputa entre um quadro de civis, de Bauru, e outro do 4.º B.C.

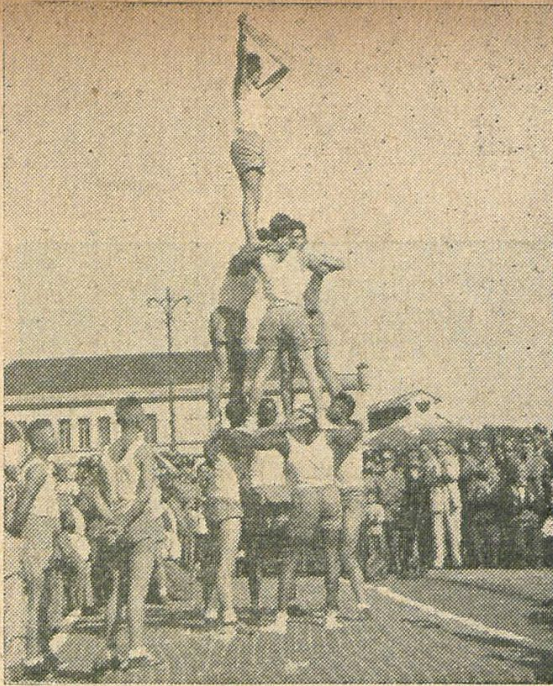
Para fazer o policiamento noturno da cidade, e dos campos de futebol aos pomings e feriados, possui o 4.º B.C. um destacamento montado que, sem dúvida, vem prestando ótimos serviços.

Infelizmente não possui a cidade de Bauru, apesar de industrial, o seu Corpo de Bombeiros. Tal serviço, se contratado, daria uma despesa insignificante à Prefeitura de Bauru, porquanto os elementos e materiais necessários à sua organização ficariam aquartelados no próprio edifício do 4.º B.C. que, para tanto, dispõe de espaço suficiente. Prestaria excelentes serviços não só a essa cidade, como às diversas cidades vizinhas que, por certo, contribui-

riam para a manutenção desse serviço público, de real utilidade e atualmente indispensável às grandes e modernas cidades.

O batalhão desfruta, não só em Bauru como nas demais cidades da região, de grande prestígio e ótimo conceito, graças aos serviços excelentes que seus elementos vêm prestando.

No Comando encontra-se o sr. ten. cel. Acari França, que desde dezembro de 1950 vem realizando uma ótima administração. Oficial experimentado, seus trinta e tantos anos de serviço, sempre na tropa, bem dizem das suas possibilidades de realização à frente dos destinos da unidade.



Pirâmide executada por elementos do Batalhão, sob a direção do oficial regimental de educação física

Na parte disciplinar vêm o Comandante Acari agindo com elevado espírito de justiça, quer premiando os bons, quer alijando do Batalhão os elementos nocivos. Para tanto, há O CONSELHO PERMANENTE... DE DISCIPLINA, que realmente tem colaborado em prol da melhoria do nível disciplinar da Unidade.

Os oficiais do B.C., em número reduzido são, no momento, os seguintes: major René da Silva Velho, sub. cmt.; cap. Olintho Ferreira de Lima, cmt. da 2.ª Cia.; cap. Geraldo Otoni, ajudante; cap. Plínio Rolim de Moura, cmt. da 3.ª Cia; cap. dr. Oswaldo Cavalheiro, Chefe da F.S. R.; 1.º ten. Maurício de Macêdo Cardoso, Cmt. Int. da 1.ª Cia., 1.º ten. Domício Silveira, oficial regimental de educação física; 1.º ten. Odilon Spínola Neto, encarregado dos cursos regimentais; 1.º ten. William Aparecido Gonçalves Teixeira, chefe da F.I.F.; 1.º ten. Aparecido do Amaral Gurgel, secretário; 1.º ten. Hélio Fernandes Cardoso, freqüentando cur-

so no S.T.M., e 2.º ten. Waldomiro Portes, almoxarife aprovisionador

O aniversário do B.C. foi comemorado no corrente ano, com grandes festas, pois, completando ao mesmo tempo o seu cinquentenário, justo seria que as solenidades fôssen superiores e mais brilhantes do que as dos anos anteriores.

Sendo o aniversário da cidade a 1.º de agosto, — quarta-feira — e sendo o do Batalhão no dia 8 do mesmo mês — também quarta-feira — resolveram a Prefeitura e o Batalhão comemorar as efemérides com uma **Semana de Festejos**. Coube à nossa Unidade abri-la com um magnífico desfile pelas principais ruas da cidade e, no dia do seu aniversário, encerrá-la com solenidades no interior do quartel.

Como nos anos anteriores, abrihantaram os festejos elementos de outras unidades da Fôrça — R.C., E.E.F. e C.F.A. — os quais levaram a efeito inúmeras provas de esportes, concertos etc., aliás muito aplaudidos pela assistência.

O Comando Geral da Fôrça, cooperando para a maior brilhantismo das festividades, facilitou a vinda de diversos elementos de unidades da Capital, e ainda presenteou o Batalhão com esplêndido aparelho portátil de cinema.

Os diversos clichês, que ilustram esta reportagem, dizem bem do brilhantismo das solenidades comemorativas do quinquagésimo aniversário do 4.º B.C. — tradicional sentinela do sertão paulista — que, como tôdas as demais unidades da nossa querida e centenária Corporação, vem contribuindo, decisivamente, para maior grandeza de São Paulo e do Brasil.

DE SANTOS

Festa de confraternização das Fôrças sediadas na cidade praiana

A festa de confraternização das fôrças armadas com sede na cidade de Santos já se tornou uma tradição. O comandante do 6.º B.C., aproveitando a feliz oportunidade que proporciona o mês em que se comemora o dia do Patrono do Exército Brasileiro, faz realizar várias festividades destinadas ao conagraçamento das di-

va o mais perfeito espírito de camaradagem, graças ao que, o êxito foi completo.

Culminaram as festividades com o oferecimento de um churrasco, pelo cel. Cícero Bueno Brandão. Esta importante parte teve lugar no popularríssimo Hotel Internacional e a ela compareceram as mais relevantes fi-



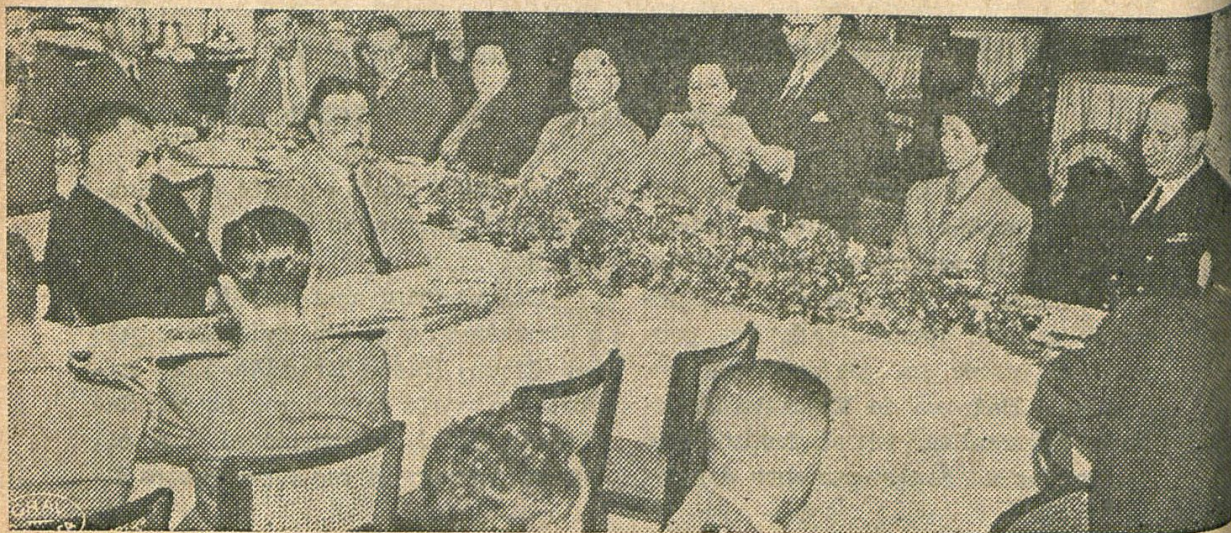
versas unidades militares sediadas na porta pela qual São Paulo olha para o mundo.

Disputas desportivas serviram para reunir elementos portadores dos mais variados distintivos. Cada competidor, ao lado e superando o desejo de vencer, revelou, em cada pro-

guras militares, policiais e representantes de destacadas organizações civis.

O clichê que ilustra esta nota, gentilmente cedido pela «A GAZETA», dá uma idéia do que foi o churrasco da Festa de Confraternização.

Homenageado pelo 6.º B.C. o prefeito de Santos



O prefeito Alcaide Valls, agradecendo a homenagem de que fôra alvo.

O comandante do 6. B.C. da Fôrça Pública ofereceu um almôço ao prefeito de Santos, dr. Joaquim Alcaide Valls. Ao ágape, que teve lugar nas distintas dependências do Grande Hotel Guarujá, compareceram altas autoridades civis e militares.

O homenageante, ten. cel. Cícero Bueno Brandão, falou, ressaltando a figura do prefeito da cidade de Santos, a quem agradeceu a eficiente colaboração que o governador da cidade tem prestado ao 6.º B.C., mórmente na realização de importante

plano em execução visando dotar o 6.º B.C. de um campo de esporte.

O dr. Alcaide Valls agradeceu a homenagem e fêz um retrospecto de sua vida desde 1912, quando serviu na Escola de Educação Física da Fôrça Pública.

O deputado Athié Jorge Coury fêz uso da palavra para dar seu apôio à homenagem.

O almôço foi alegrado com música executada pela orquestra do 6.º B.C.,

Homenagem aos Comandos da Fôrça Pública e do 6.º B.C.

No dia 10 de agosto teve lugar, no Clube da Bolsa de Santos, um almôço oferecido pela Sociedade Consular, aos comandantes da Fôrça Pública e do 6. B.C.

O coronel Euryale de Jesus Zerbine, comandante geral, e o ten. cel. Cícero Bueno Brandão, comandante

da tropa da F.P. sediada em Santos, foram saudados pelo cônsul da Inglaterra, decano do corpo consular cidade de Brás Cubas.

Os nossos camaradas homenageados fizeram uso da palavra agradecendo a significativa manifestação de apreço de que eram alvo.



O cel. Cícero B. Brandão, quando agradecia a homenagem

2.º Aniversário da 1.ª C. I. B.



O cel. Jesus Zerbini cortando o bolo simbólico.

Realizaram-se, no dia 26 de outubro, em Santos, várias solenidades comemorativas do 2.º aniversário da 1.ª Cia Independente de Bombeiros, com a presença de autoridades civis e militares, entre as quais destacamos:- dr. Joaquim Alcaide Vals, prefeito municipal de Santos; cel. Euryale de Jesus Zerbini, Comandante Geral da Força Pública, cel. Milton de Souza Daemon, comandante da Praça de Santos; Comandante Américo Jasques Mascarenhas Silveira, capitão dos Portos do Estado de São

Paulo; deputado Athié Jorge Courry; major Luiz de Cicco, sub-comandante do 6.º B.C. e outras pessoas gradas.

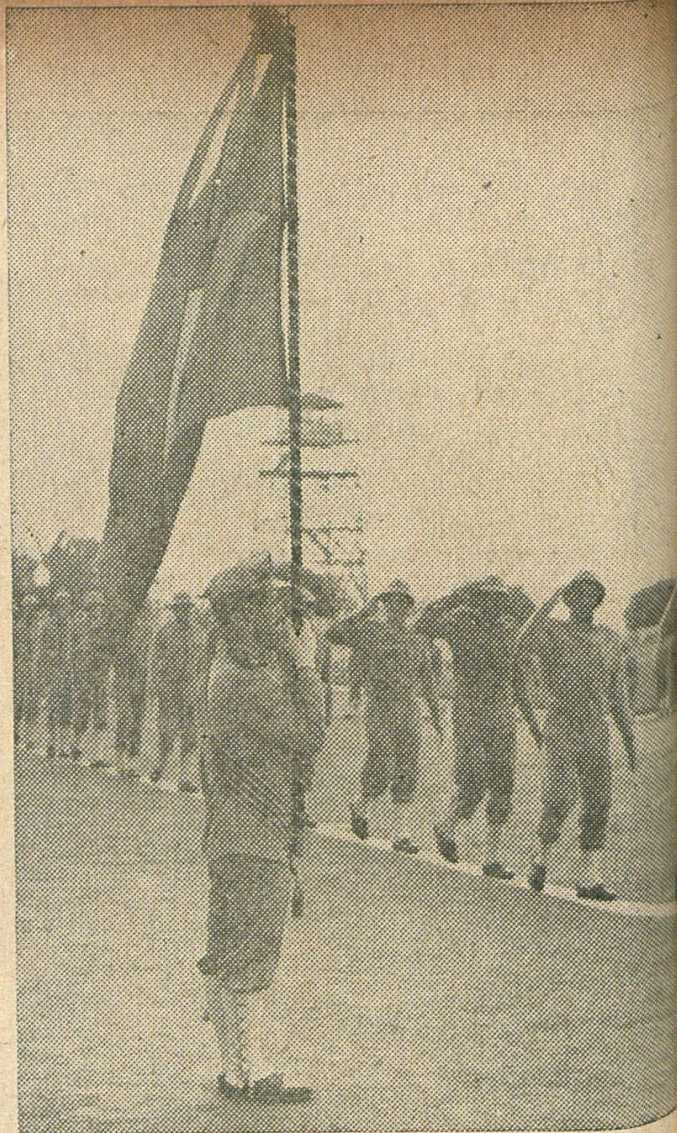
Desenvolveu-se atraente programa, culminando em demonstrações práticas pelos Bombeiros, sob a direção de seu comandante, capitão José Limongi França.

Encerrando as festividades, foi oferecida aos presentes uma mesa de doces, discursando, na ocasião, o cel. Euryale de Jesus Zerbini.

SEMANA DA ASA

Reportagem de A.J.M.

Fotos, gentileza de
"A GAZETA"



Os recrutas, em continência à Bandeira, após o compromisso.

O avião tem o privilégio de ser o mais rápido meio de transporte, até hoje idealizado pelo homem. Assim sendo, a aviação se tornou o elo mais eficiente para a ligação dos vários pontos do globo terrestre.

Nos países de grande extensão territorial é a aviação o meio eficaz que facilita o comércio, as comunicações e a própria defesa.

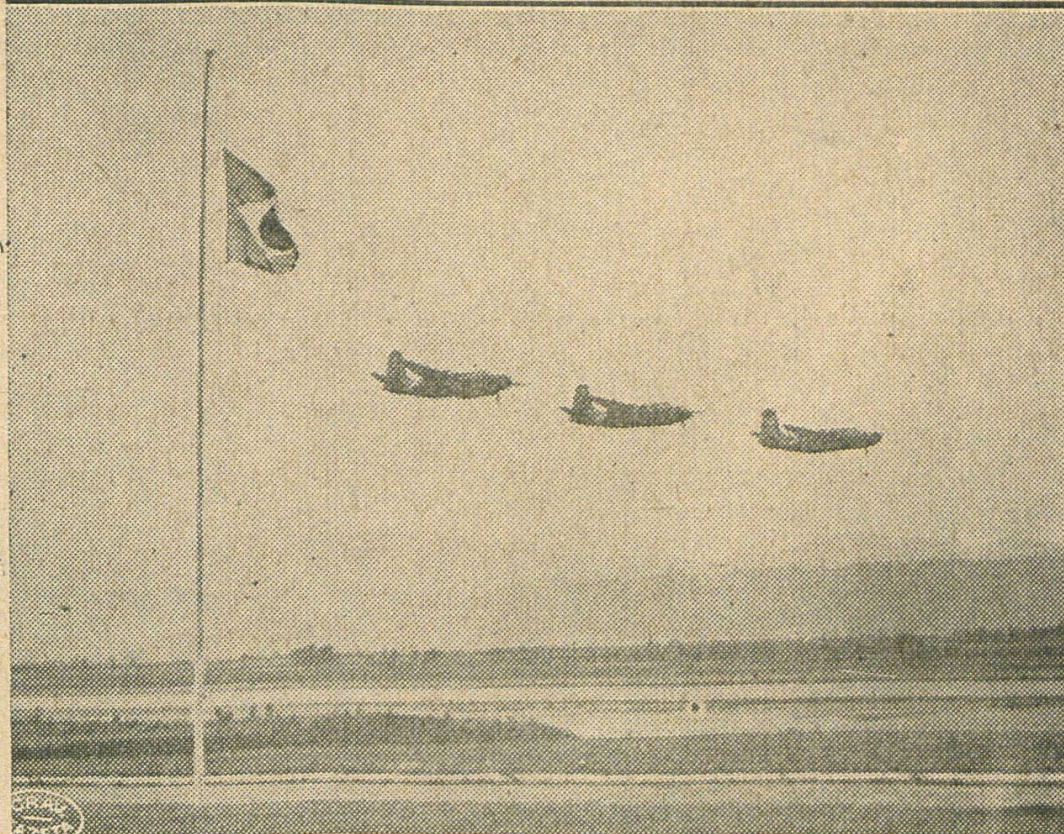
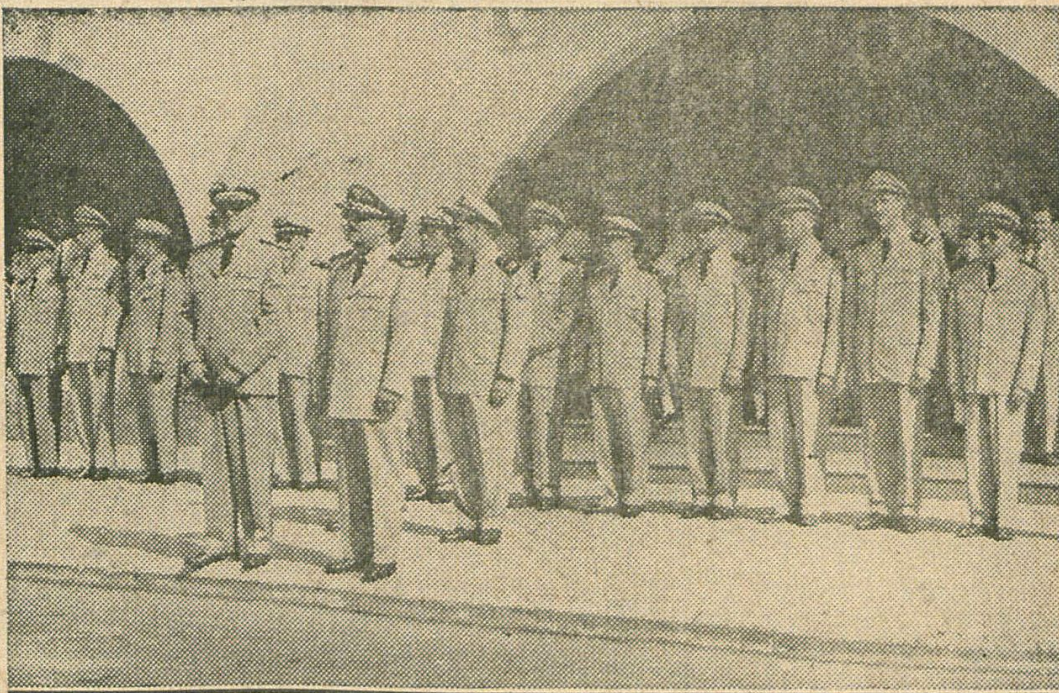
Sendo o Brasil um país de oito milhões e meio de quilômetros quadrados, muito acertada foi a decisão de nosso governo, criando o Ministério da Aeronáutica e desligando a Aviação Militar do

Exército e da Marinha e criando a Força Aérea Brasileira.

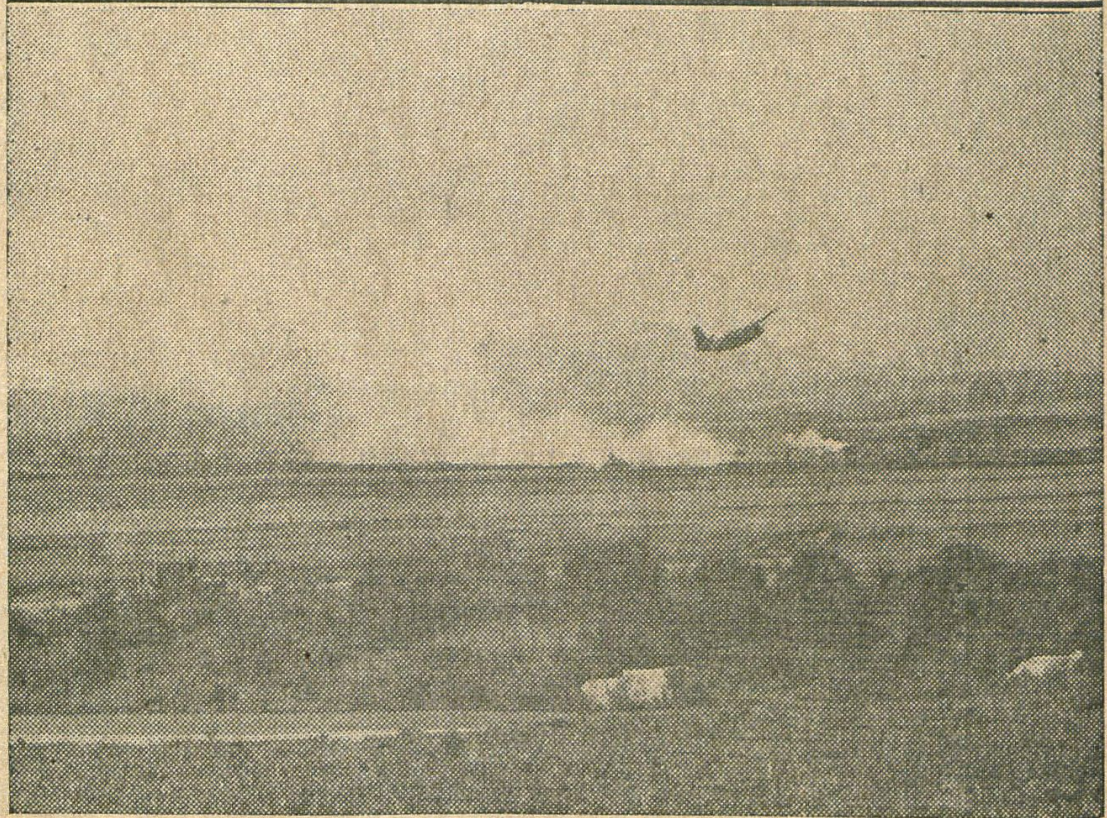
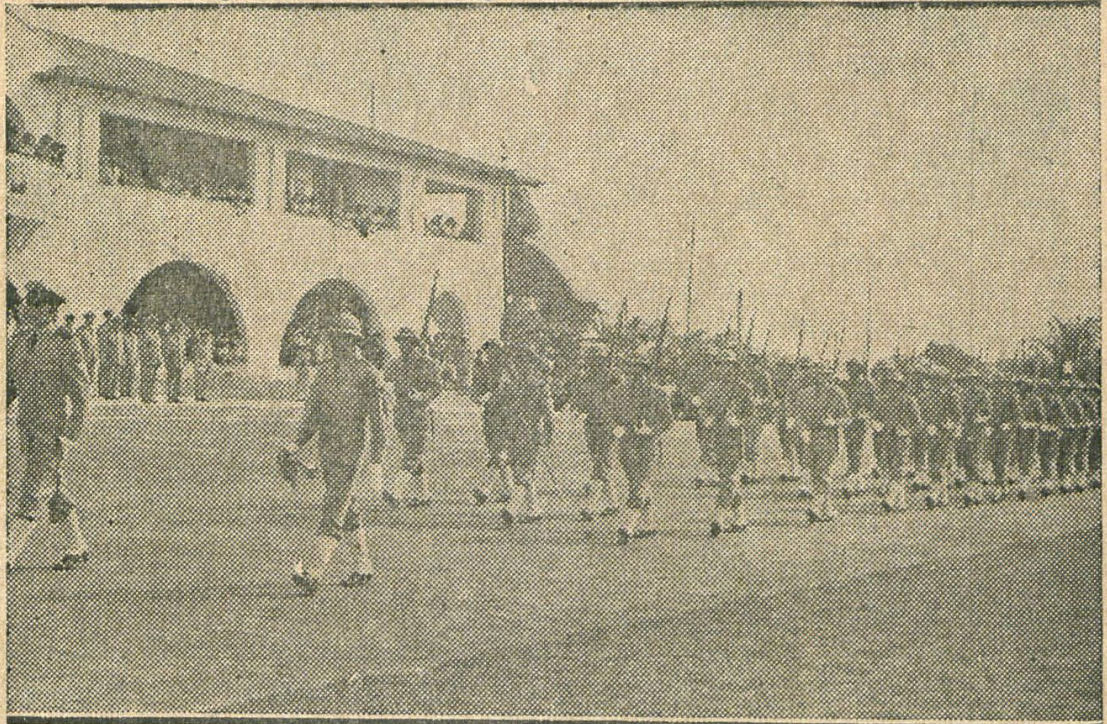
A "Semana da Asa", que reúne vários dias de comemorações, é dedicada aos intrépidos aviadores civis e militares.

Este ano, tais comemorações coincidiram com o cinquentenário do aparecimento do vôo dirigido.

Sim. Foi precisamente em outubro de 1.901, em Paris, que o brasileiro Alberto Santos Dumont levantou vôo do Campo de Marte, se dirigiu à torre Eiffel e depois de contorná-la, regressou ao local de onde partira, sob aclamação entusiástica dos parisienses.



Ao alto, oficiais assistindo ao desfile dos novos soldados do ar. Em baixo, sugestivo instantâneo de aviões em Cumbica.



Em cima, desfile da tropa de Base Aérea de Cumbica. No clichê inferior, demonstracão de bombardeio em vôo rasante.

Várias solenidades foram realizadas em São Paulo, inclusive uma exposição de motivos aeronáuticos.

A 23 de outubro, "Dia do Aviador", na Base Aérea de São Paulo, em Cubica, foi desenvolvido belíssimo programa para comemorar a efeméride.

Naquela unidade da F.A.B., comandada pelo cel. Serpa, às 15 horas, com a presença de autoridades civís e militares e numerosa assistência, tiveram início as festividades, com a continência prestada pela tropa ao major-brigadeiro Armando de Souza e Melo Arariboia, comandante da 4.a Zona Aérea, sediada em nossa Capital.

Após a revista passada à tropa por s. excia., houve o compromisso à Bandeira, prestado pelos recrutas.

A seguir, pelo ajudante do Corpo foi lido o Bol. Comemorativo, que precedeu ao desfile da tropa, em homenagem às autoridades presentes.

As demonstrações aéreas tiveram início às 16 horas, quando, em vôo de formação rasante, desfilaram esquadrilhas de "B.T-15", "N.A.", "B-25" e "A-20".

Desenvolvendo o bem preparado programa, houve demonstrações de vôos picados e acrobacias aéreas, culminando com um bombardeio de tiro real, executado por uma esquadrilha de "B-25".

As 17 horas teve início um "show", no qual tomaram parte artistas e radielistas das emissoras de nossa capital.

Finalizando, teve início um baile, no casino dos oficiais, que se prolongou por muitas horas.

Assim, foram assinaladas, em Cubica, as solenidades em homenagem aos aviadores brasileiros, êsses patrícios cujo lema é "O avião leva mais alto a Bandeira do Brasil".

*

A maior organização de Rádios, Refrigeração, Máquinas de Costura,
Bicicletas e Material Elétrico

Representantes e importadores de afamadas marcas americanas e européas

VENDAS EM 20 PRESTAÇÕES

RÁDIOS BELMONTE LTDA.

UM NOME — UMA TRADIÇÃO — UMA GARANTIA

Rua São Caetano, 315 — Fone 34-6038 — S. PAULO

Visita dos adidos militares estrangeiros à Fôrça Pública

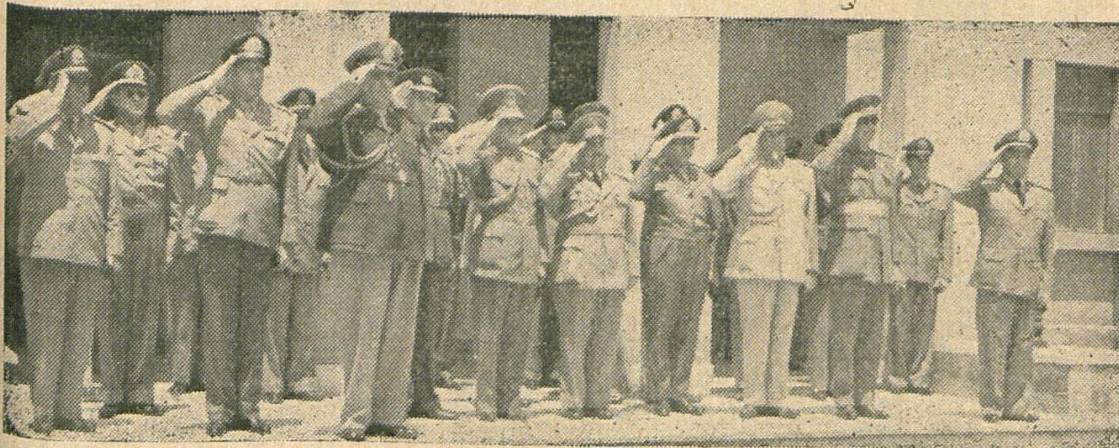


No salão nobre do Quartel General

No dia 24 de outubro chegaram a São Paulo os adidos militares estrangeiros no Brasil, pelo "Santa Cruz", da Central e nesse mesmo dia, à tarde, estiveram no Quartel General da Fôrça Pública, em visita oficial à Corporação, acompanhados pelo gen. Inácio José Veríssimo, cel. Aguinaldo José Sena Campos, ten. cel. Arold Ramos de Castro e major Esteliano Bastos de Aguiar, do E.B.

Eram os adidos militares: Cel. Pedro Eugênio Aramburu, da Argentina;

gen. Humberto Illanes Aramayo, da Bolívia; cel. Santiago Robles, do Chile; cel. Eduardo Vilamil, da Colômbia; cel. Cesar Alvaro, do Equador; cel. Burton C. Andrus, dos Estados Unidos; cel. Garcia Pumarino, da Espanha; cel. Albert Luiz Georges Buchalet, da França; Comodoro do Ar M. D. Crighton Biggir, da Inglaterra; gen. Carlos Montanaro, do Paraguai; cel. Alejandro Cuadra Rabinés, do Peru; cel. Ricardo Benavente, do Uruguai.



EM VISITA AO C.F.A.

Ao alto, os visitantes em continência, durante a execução do Hino Nacional. Em baixo, o gen. Carlos Montanaro, do Paraguai, passa em revista a tropa ali formada.





No gabinete do Comando do Centro de Formação e Aperfeiçoamento

A comitiva foi recebida pelo Comandante Geral e seu E.M. à entrada do Q.G., conduzindo-a ao Salão Nobre, onde foi feita a apresentação, aos adidos, dos cmts de corpo, chefes de serviço e oficiais do E.M. da Fôrça. Após a apresentação o cel. Zerbini, Comandante Geral, agradeceu o gesto altamente honroso dos adidos militares, visitando a Fôrça Pública e tomando contacto com a sua oficialidade.

Logo depois a comitiva deixou o Q.G. e dirigiu-se para o C.F.A., em companhia do Comandante Geral, a fim

de visitar o Centro onde são formados os oficiais e graduados da Fôrça. Ali foi prestada à comitiva a continência regulamentar por todo o efetivo escolar, formado em linha no pátio interno, destacando-se a garbosa cia. de alunos-officiais com seus vistosos uniformes. Prestada a continência a tropa desfilou perante a comitiva.

Os adidos militares encerraram a sua visita percorrendo as dependências do Centro, retirando-se òtamente impressionados.

Comércio e Indústrias Arguiso Ltda.

FORNECEDORES DA FÔRÇA PÚBLICA,
EXÉRCITO E REPARTIÇÕES PÚBLICAS

Rua Duque de Caxias, 144

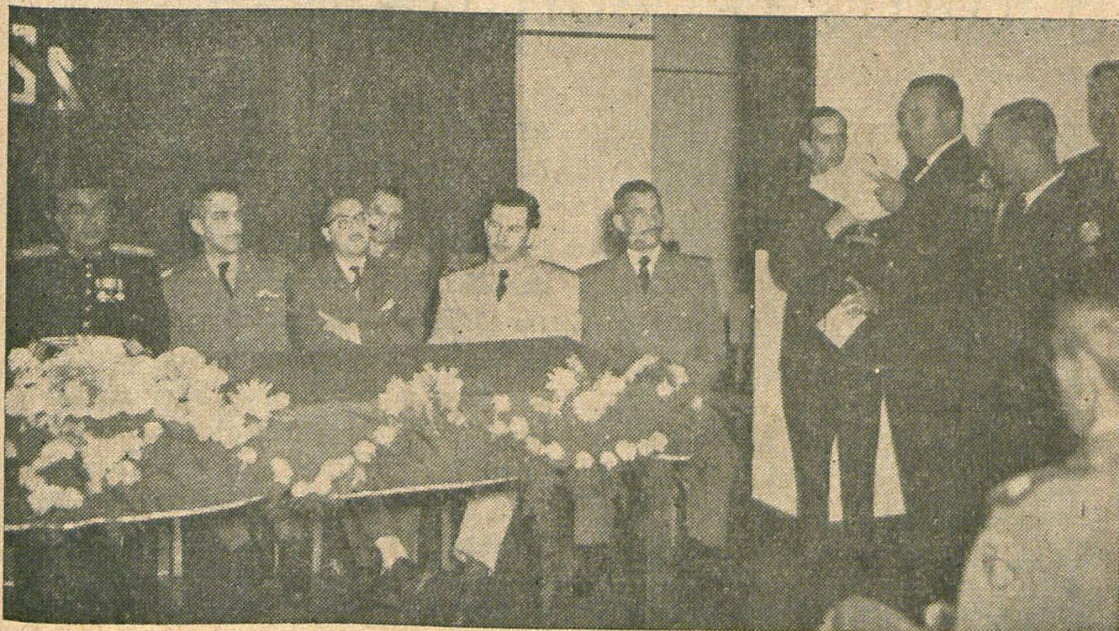
Caixa Postal, 4062

Fone 36-2397

— End. Teleg. «ARGUIISO»

— SAO PAULO

XVIII ANIVERSÁRIO DO C. S. S.



A entidade social que reúne os sargentos e sub-tenentes da Fôrça Pública comemorou, a 20 de outubro último, o 18.º ano da fundação. Assinalan-

do o evento, a diretoria fêz realizar uma sessão solene em sua sede social, que foi presidida pelo cel. Ribamar de Miranda, diretor geral de instrução, representando o comando da milícia paulista, tendo comparecido ainda representantes dos comandos da 4.a Zona Aérea e da 2.a R.M., o deputado Porfírio da Paz, o vereador major Cantídio Nogueira Sampaio, numerosos oficiais superiores da Fôrça e pessoas gradas.

Por ocasião da reunião falou o sgt. Salvador Aluísio Neto, em nome dos seus companheiros, saudando as autoridades e demais pessoas presentes.

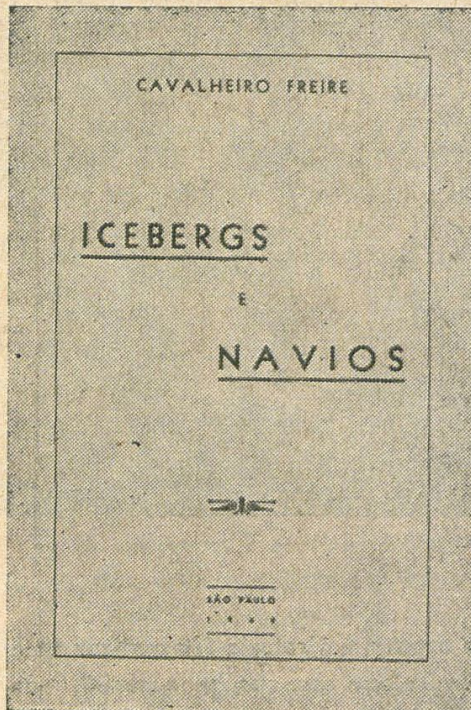
Também foram entregues as medalhas conquistadas por associados, em diversas competições esportivas.

São da festa em aprêço os aspectos fotográficos que aqui estampamos.



Livros recebidos

Por
J. A. F.



Cavalheiro Freire, o sacerdote que se fez poeta, deu-nos uma maravilhosa coleção de versos, mostrando-nos o seu mundo interior. Sua poética sai livre e cristalina da fonte e naturalmente se ajeita no recipiente das rimas, e são de uma magnífica sonoridade.

Há muita beleza nesses poemas.

Aqui, a sua tendência espiritual se revela, indicando-lhe o caminho:

"O dado estava certo e a minha sorte lida: eu devêra marchar sozinho pela vida!..."

Alí, a encantadora tendência para a liberdade: *"e fico na ilusão — doce*

felicidade — de que sou saltimbanco e tenho Liberdade!..."

Acolá, em linda moldura, a figura inesquecível dos afetos, da meiguice, dos desvelos. E o retrato da primeira dentre tôdas as mulheres, surge à sua frente, estimulando-o nos tropeços da vida, nos *"recifes ruins"*, que *"parecem gai-votas"*, fazendo-o *"um rude marinheiro afeito à tempestade e ao denso nevoeiro"*. E o *"vulto inconfundível"* da mãe querida, apontando-lhe *"um futuro melhor, sem mágoas, sem escolhos, onde mais doce a vida, e a sorte menos má!..."*.

"ICEBERGS E NAVIOS" são lindos e delicados poemas escritos com a arte e o sentimento do bom sacerdote.

"HISTÓRIA DA BANDA DA FÔRÇA PÚBLICA"

A História fornece sempre ao estudioso os mais variados elementos para serem contados e interpretados.

Laura Della Monica resolveu contar a vida da Banda de Música da Fôrça Pública. E mostrou muita coisa. Rebuscou os arquivos desta corporação, encontrou o fio da meada lá nos mesmos tempos da criação do Corpo Municipal Permanente, pelo brigadeiro Tobias de Aguiar, em 1831, desde que já estava evidenciado o valor da música junto às organizações militares.

Passam-se os tempos. A Banda vai seguindo a sua trajetória, algumas vê-



zes compartilhando do progresso e das modificações da corporação a que pertenciam, outras vezes sofrendo as vicissitudes causadas pelos reflexos dos acontecimentos imprevisíveis e que ferem a estrutura das sociedades. Mas, acompanha o progresso paulistano, e se transfigura no modelar conjunto musical, já conhecido e admirado, não somente pelo povo, como pelos críticos mais exigentes.

Laura nos dá assim uma porção de fatos que, sem dúvida alguma, fazem parte da História de nossa Banda. E ao contar os sucessos das exibições públicas, conta-nos também a vida dos maestros que muito contribuíram para o seu renome, dentre os quais se destaca a de Joaquim Antão Fernandes.

Conquanto achemos poder o historiador encontrar ainda muitos elementos para a interpretação e divulgação de sua História, não podemos deixar de reconhecer o mérito dessa publicação que é o de contribuir para a divulgação

da vida da Banda de Música da Força Pública.

“EXPIAÇÃO”

Segundo livro de versos de Ulisses Diniz. Os sonetos são a sua maioria, gênero que o autor parece preferir, conquanto sejam grandes as responsabilidades, tais as exigências da métrica, das rimas, quando sob o impulso emotivo. Com isso, faz poesia à moda antiga. Permanece parnasiano, romântico. E quase no fim da jornada expiadora, encontramos algum “contágio” do modernismo, de coisas que se podem contar com musicalidade, brancura e sentimento, como se estivéssemos falando a um amigo, ou então, no rebelde alinhar das imagens, onde a perspectiva poética foge desenfreadamente.

O poeta é um eterno enamorado da mulher. Conta-nos seus amores, suas desditas, com muita coragem e simplicidade. E com “EXPIAÇÃO” oferece-nos um bom volume que se junta ao manancial da poesia brasileira.



Instruções para o ingresso no Curso de Oficiais da F. P.

1 — **INSCRIÇÃO** — Deverá ser feita mediante requerimento dirigido ao Exmo. Snr. Cel. Cmt. Geral da Fôrça Pública, podendo os interessados remeterem a documentação ao Centro de Formação e Aperfeiçoamento (Estr. da Cantareira — São Paulo), pessoalmente, pelo correio ou através de portador, de 16 a 31 de dezembro.

2 — **DOCUMENTOS EXIGIDOS:**

- a) requerimento, de acôrdo com o modelo anexo, selado com Cr\$ 5,00 (estampilha estadual);
- b) certificado de conclusão do Curso Secundário (Ginásial ou Colegial), passado por escola oficial ou oficializada do Brasil. Obs.: — As praças da Fôrça Pública alistadas até 13-IV-950 ficam dispensadas da apresentação do certificado de ginásio e terão limite máximo de idade dilatado para 25 anos incompletos;
- c) certidão de idade, em original, que comprove ter o candidato, no mínimo 16, e no máximo 21 anos incompletos, até o dia 31 de dezembro do ano da apresentação do requerimento;
- d) nota de corretivos e juízo pessoal do Cmt. da Unidade, se o candidato for praça da Fôrça Pública ou das Fôrças Armadas Federais (comprovante de bom comportamento); atestado de bons antecedentes, passado pela Polícia da cidade onde residir, se o candidato for civil.
- e) Consentimento do pai, mãe ou tutor, se menor de 18 anos;

Nota: — 1) Os candidatos devem apresentar, com os documentos acima, 3 fotografias 3x4, de frente e descoberto.

2) — Todos os documentos devem ser originais, com firmas reconhecidas.

3) — Os candidatos militares deverão encaminhar os documentos pelas suas unidades.

3 — **INICIO DOS EXAMES**

Os candidatos deverão estar no quartel do. C.F.A. (Capital), ás 07,30 hs. do dia 2 de janeiro, para as provas de campo.

4 — **EXAME FISICO**

Comportará provas de campo constante de:

- 1) — Corrida de 100 m. em 15½ segundos;
- 2) — Salto em altura 1,10 m.;

- 3) — Salto em extensão 3,50 m.;
- 4) — Corrida de 1.000 m. em 4 minutos e 20 segundos;
- 5) — Levantar e transportar 40 Kgs. a 50 m. com as 2 mãos;
- 6) — Lançamento de pêso (5 Kgs. a 12 m. com as duas mãos);
- 7) — Subida em corda lisa de 3 m. com o auxílio dos pés.

5 — EXAME ODONTOLÓGICO

1) — O candidato deve possuir 20 dentes nas arcadas dentárias, restaurados ou não. Não serão tolerados dentes ou raízes infeccionados.

2) — No total de vinte dentes: a) serão exigidos os incisivos e caninos e seis molares naturais, opostos dois a dois, em lado diferente, sendo para este fim computados como existentes os terceiros molares (sisos) ainda não nascidos, desde que comprovados radiograficamente; b) serão tolerados seis dentes artificiais (como de porcelana ou ouro, estampados, fundidos e dentes em ponte, isolados ou em conjunto) desde que as bases se apresentem sem focos, mediante verificação radiográfica.

Será realizado após os exames já referidos.

6 — EXAME DE SAÚDE

Altura mínima: 1,60.

7 — EXAME PSÍQUICO

O candidato será submetido a provas de avaliação da normalidade mental e psíquica.

8 — EXAME INTELECTUAL

Será feito de acôrdo com os programas das matérias.

OBS — Quaisquer outras informações bem como o programa das matérias, poderão ser obtidos no Quartel General da Fôrça Pública (Av. Tiradentes 718), no quartel do C.F.A. (Av. Nova Cantareira), em São Paulo; e no Interior, nas sedes das unidades da Fôrça (Santos Campinas, Ribeirão Preto, Taubaté, Sorocaba, Bauru, Presidente Prudente, S. José do Rio Preto, Mogi das Cruzes e Araraquara).

9 — VANTAGENS

O candidato aprovado e matriculado no Curso Preparatório da Escola de Oficiais terá fardamento, alojamento e alimentação por conta do Estado, com os vencimentos mensais de:

No Curso Preparatório: — Cr\$ H 1.900,00

Na Escola de Oficiais: —

1.º ano	Cr\$ H 2.000,00
2.º ano	Cr\$ H 2.100,00
3.º ano	Cr\$ H 2.500,00



DISTRITO FEDERAL

POLICIA MILITAR DO DISTRITO

Posse do novo Comandante

Designado pela Presidência da República, tomou posse do cargo de Comando da Polícia Militar Carioca, no dia 4 de outubro último, em substituição ao gen. Rafael Garrastazú Teixeira, o cel. do Exército, Nizo de Viana Montezuma.

A solenidade de posse, realizada no Ministério da Justiça, ante a presença do titular da pasta, ministro Negrão de Lima, compareceram autoridades civis e militares, bem como grande número de amigos do novo comandante, que desfruta de indiscutível prestígio nos meios sociais da capital e no seio de sua classe.

Fêz uso de palavra o ministro da Justiça para agradecer a atuação do oficial substituído, gen. Garrastazú Teixeira, e desejar ao cel. Montezuma feliz desempenho do cargo que vinha de confiar-lhe o Presidente da República.

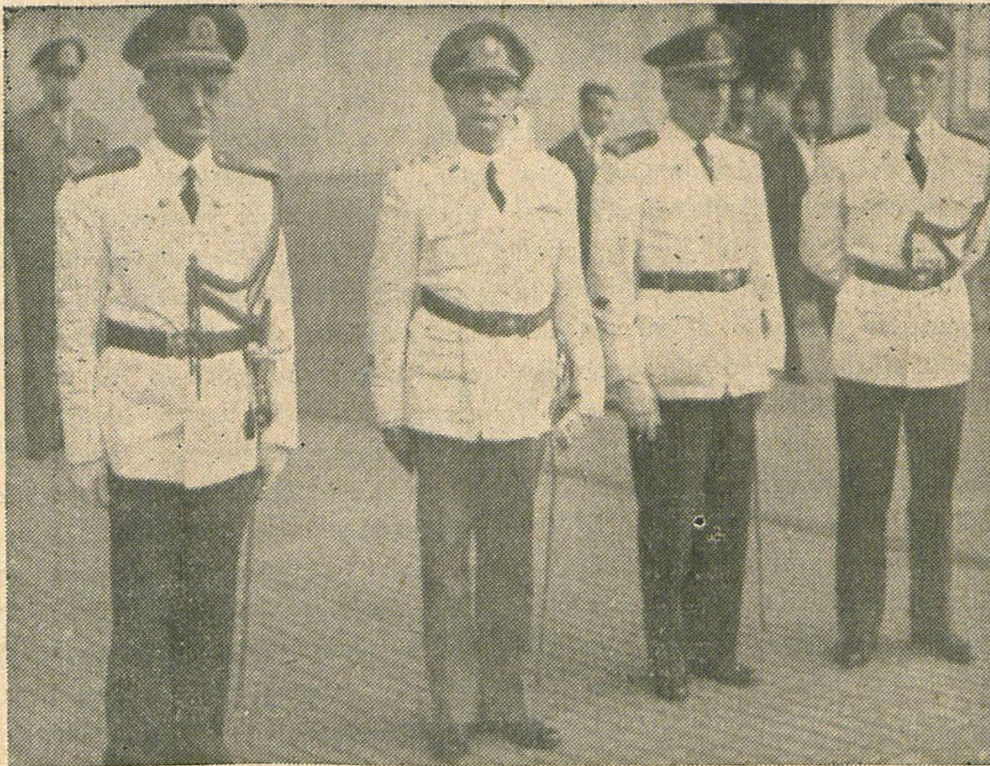
Mais tarde, realizou-se a passagem de comando no Quartel General, rua Evaristo da Veiga, com formatura de tropa do 4.º B.I. e leitura de Boletim, presentes os oficiais superiores da Corporação.

Largamente experimentado, através de 34 anos de serviços prestados nos mais variados setores da atividade militar, e dotado de sólida cultura que exorna sua personalidade, o cel. Montezuma constitui lisonjeira esperança para a Corporação, sobretudo agora, quando esta, segundo consta, equaciona problemas de reestruturação de seus serviços, em face da necessidade de constante evolução e das modificações que estão sendo sugeridas para o Departamento Federal de Segurança Pública, com o qual mantém estreita ligação na segurança da tranqüilidade públicas e manutenção da ordem da metrópole.

Com efeito, a complexidade dos problemas com que quase sempre se deparam as corporações policiais-militares, na superação de crises ditadas por fatores diversos, como a que defronta presentemente a centenária entidade da Capital Federal, oriunda das restrições da Lei do Serviço Militar, a complexidade de tais problemas requer, para solução condigna, o tirocínio e a capacidade de ação e iniciativa encontrados no cel. Montezuma.

Logo a seguir à investidura do cargo, êsse oficial, em declaração ao vespertino "Última Hora", edição de 9 de outubro, põe em evidência larga visão e elevado senso da realidade e das necessidades que orientarão seu programa de ação.

Assim é que, entre outras cousas, advoga, como fator primordial no preenchimento dos claros e seleção do voluntariado, melhoria de vencimentos das



O cel. Niso de Viana Montezuma, o Chefe do E.M., ten. cel. Jorge de Carvalho Martins, o comandante do 1.º B.I., ten. cel. João Pereira Blanco e o ajudante de ordens do Comando Geral, cap. Johann Gottfried Wilhelm Hoehl, por ocasião da posse do primeiro como Comandante Geral.

praças distribuição de serviço com folga compatível e restabelecimento da preparação do reservista na corporação, sem prejuízo da atividade profissional do seu pessoal.

Ao cel. Montezuma, "Militia" deseja felicidade no cargo e execução de um programa de ação objetivo e eficiente.

HOMENAGEM AOS MINISTROS SEGADAS VIANA E DEPUTADO RUI DE ALMEIDA

Nos salões do Automóvel Clube do Brasil, às 20 horas do dia 25 de outubro último, os oficiais da Polícia Militar, em feliz preito de reconhecimento e gratidão, prestaram sincera e efusiva homenagem ao ministro Segadas Viana e deputado Rui Almeida.

Constituiu o ato num lauto jantar, abrilhantado com a presença da quase totalidade dos oficiais e de grande número de autoridades civis e militares, durante o qual os dois ilustres homens públicos receberam diploma de destacados amigos da corporação, bem como significativos bronzes da "Vitória", em coluna de mármore, ambos com a seguinte inscrição:

"Prezado...

Oficiais da Polícia Militar do Distrito Federal deixam aqui assinaladas a sincera homenagem e imorredoura gratidão que te rendem por relevantes trabalhos legislativos prestados à Corporação".

Entre os convidados viam-se o Ministro da Marinha, almirante Renato de Almeida Guilhobel, sub-procurador

da República, ministro Alceu Barbedo, senador Mosar Lago, deputado Benjamim Farah e Tenório Cavalcanti, presidente da Câmara dos Vereadores, dr. João Machado, presidente do Clube dos Oficiais da Polícia Militar e Corpo de Bombeiros, cel. Peres Barbosa, e representantes do ministro da Justiça, prefeito Municipal e do Clube Militar.

Durante a recepção à entrada do Automóvel Clube, tocou um conjunto das Bandas de Música dos 1.º e 4.º B.I.

Constou o jantar de 220 talheres, decorrido animadamente, num ambiente da mais franca cordialidade, realçado pelos luxuosos salões e feérica iluminação do grêmio da rua do Passeio.

Interpretando os sentimentos da classe, fêz uso da palavra o cap. Hélio Miranda Quaresma, que em brilhante e aplaudida oração, discorreu sobre o motivo da homenagem, destacando e enaltecendo a dedicada e eficiente atuação de parlamentares, sobretudo dos homenageados, quer na feitura de leis especiais para a Corporação, indispensáveis ao seu progresso, quer na apresentação de emendas, com extensão a ela, de outros diplomas legais de reconhecimento alcance social e humano.

Monstraram-se profundamente emocionados os ministro Segadas Viana e deputado Rui Almeida, ante as eloqüentes palavras do orador, mormente quando lhes foram entregues os diplomas e descerrados os simbólicos bronzes de louro.

O diploma, magnificamente inspirado e organizado pela mão de artista do ten. Valter Simon, está vasado na seguinte linguagem:

“Ao Exmo. Snr. Deputado Rui Almeida, os oficiais abaixo, em reconhecimento aos reais e relevantes serviços

prestados à Polícia Militar do Distrito Federal, consideram destacado amigo desta Corporação”.

A seguir, tomou a palavra o deputado Tenório Cavalcanti, que, tocado por lisonjeira referência ao seu nome proferiu magnífico improviso, exalçando com a fluência colorida de sua verve, revestida de admiráveis imagens, a beleza ambiente daqueles corações em festa e o honroso passado da centenária corporação, cujos lances históricos ressaltou como paradigma irresistível da lealdade e renúncia dos seus atuais componentes, sempre dispostos à defesa da ordem e tranqüilidade públicas, anônimamente, despídos de vaidades e infensos ao facciosismo político-partidário.

Agradecendo, falaram os homenageados, que externaram a satisfação que lhes ía nalma pela carinhosa manifestação de apreço contida naquela homenagem, declarando ambos que nada fizeram além do cumprimento do dever e que estarão sempre animados do desejo de trabalhar pelo progresso da Corporação.

Acrescentou o ministro Segadas Viana que na Câmara fôra procurado por uma plêidade de jovens oficiais da Polícia Militar, e qual não foi sua surpresa ao verificar que, conquanto as Casas do Congresso andassem cheias de pessoas desejosas de satisfazerem interesses particulares, aquêles jovens nada queriam para sí e, sim, para seus comandados, as praças da Polícia Militar, cujos vencimentos não lhes permitiam vida condigna.

Posteriormente — disse — novamente foi procurado pelos mesmos oficiais, dessa vez para lhe pedirem aumento de dotação orçamentária para o Hospital da corporação, que atravessava difícil crise financeira, achando-se, por

isso, impotente para prestar a indispensável assistência que a missão lhe impunha.

Dessa atividade desinteressada, nasceu sua simpatia pelas causas da corporação, a quem procurou servir com a apresentação de outros projetos de leis, felizmente alguns já aprovados e sancionados.

Finalmente, declarou que jamais, durante 20 anos de vida pública, se sentiu tão emocionado, como nesse mo-

mento em que os oficiais da Polícia Militar lhe proporcionavam tão excepcional homenagem.

Encerrando a homenagem, o comandante geral, cel. Niso de Viana Montezuma teceu respeitosa considerações a respeito da conduta e disciplina militares, externando seu desejo de bem cumprir os deveres inerentes ao seu cargo, após o que ergueu a taça para brindar o Presidente da República, sendo vivamente aplaudido.

ESPÍRITO SANTO

ECOS DOS FESTEJOS DO CENTENÁRIO DE VITÓRIA

"Fac-simile" do cartaz dedicado à Polícia Militar capixaba, a que nos referimos em a página 89 do nosso número anterior.



PARANÁ

CIRCULO MILITAR DO PARANA

Foi eleita e empossada a nova Administração do Círculo Militar do Paraná, que regerá aos destinos da entidade durante o período de 1951-53, apresentando-se assim constituída:

DIRETORIA

Presidente de Honra, gen. Edgard do Amaral — presidente, gen. João Theodureto Barbosa (re-eleito) — vice-Presidente, ten. cel. João Galberto Gomes Sá — 1.º Secretário, cap. Italo Conti — 2.º Secretário, cap. José d'Alessandro — 1.º tesoureiro, cap. Oldemar Teixeira Soares — 2.º Tesoureiro, cap. Francisco Jakobowski — 1.º Orador, dr. Homero de Barros — 2.º Orador, 1.º ten. Av. Sidney José Sampaio — diretor Geral de Desportos, cap. Ney Amintas de Barros Braga — diretor Cultural, cap. dr. Paulo Santiago — diretor Bibliotecário, ten. cel. Murat Guimarães — diretor de Sede, ten. cel. Lauro dos Santos — diretor Sicial, Major Raymundo Dalcooi.

CONSELHO DELIBERATIVO E FISCAL.

Efetivos: Jayme Araujo dos Santos, cel. Av. Jair Américo dos Reis, cel. Junot Rebelo Guimarães, ten. cel. Mário Ribeiro dos Santos, major Haroldo Fontenele Bizerril, major Florimar Campelo, sr. Mário Amaral, dr. Ernesto Guimarães Máximo, dr. David Carneiro;

Suplentes: gen. Catúlo Piá de Andrade, ten. cel. João da Silva Rebelo, ten. cel. dr. Ari Duarte Nunes, ten. cel. Hernani Nogueira Zaina, major Hoche Pedra Pires, cap. Mendelssohn Melo dos Santos, sr.

Max Weidner Júnior, dr. Ary A. dos Santos, sr. José Gonçalves Júnior.

PARAÍBA

Aniversário

No dia 10 de outubro do corrente ano, a co-irmã Paraibana comemorou o seu 120.º aniversário, cujas solenidades tiveram o seguinte programa: a) - hasteamento do Pavilhão Nacional, com tôda tropa formada, às 8 horas, seguido da leitura do bojetim alusivo à data; b) - conferência realizada pelo 2.º ten. João Moura de Andrade, às 9 horas, no auditório da Polícia Militar, onde compareceram autoridades civís, militares e eclesiásticas, tendo a sessão sido bastante solene, com a palavra de diversos oradores; c) - churrasco oferecido às autoridades estaduais e federais, no pomar da Invernada «Simões Lopes», onde houve um animado «schow» transmitido pela rádio Tabajara P.R.I.4, com elementos da Polícia Militar e daquela Emissora, o qual teve início às 12 horas; d) - baile para os sub-terentes e sargentos, na Bib.icteca, e, para as praças, no salão da Banda de Música, de 16 às 20 horas.

Leis de interêsse da P.M.

O sr. Governador do Estado assinou, no dia 10 de outubro, as leis n.ºs 568 e 569, a primeira concedendo aumento de vencimentos ao pessoal da Polícia Militar e a segunda reconhecendo aos oficiais e praças desta Corporação os benefícios da Lei Federal n.º 1.267, de 9 de dezembro de 1950, que dá direito aos oficiais e praças das Fôrças Armadas que, nas 1.a e 7.a regiões militares, tomaram parte nos combates contra a

revolução comunista de 1935, serem promovidos ao posto imediato, no ato da reforma ou mesmo quando já reformados.

Clube dos Sub-tenentes e Sargentos

Com o apóio e incentivo do cel. comandante geral, Ivo Borges da Fonseca Neto, e do ten. cel. sub-comandante, José Maurício da Costa, fundou-se, no dia 28 de outubro deste ano, o Clube Recreativo dos Subtenentes e Sargentos, tendo sido eleita a primeira diretoria que ficou assim constituída:

presidente, sub-ten. Luiz Gonzaga Freire de Carvalho — vice-presidente, 1.º sgt. José Leite de Almeida — 1.º secretário, 2.º sgt. Raimundo Cordeiro de Moraes — 2.º secretário, 1.º sgt. Francisco Isidoro de Oliveira — orador, 3.º sgt. Severino Alves da Silva — vice-orador, 3.º sgt. José Trigueiro da Nóbrega — presidente, 2.º sgt. José Teixeira de Araújo — tesoureiro, sub-ten. Pedro Neves da Silva — vice-tes., 1.º sgt. Paulo Francisco Filho — dir. Patrimônio, 1.º sgt. José Perônico Filho — bibliotecário, 1.º sgt. Eloi de Araújo Souza.

No referido Clube será criado um grêmio literário, que receberá o nome do grande jurista e tribuno brasileiro RUY BARBOSA.

Novo Quartel para a Polícia Militar

Em Tambaúzinho, onde fica o quartel do 8.º RAM, vai ser construído o novo quartel da Polícia Militar, com instalações amplas para as unidades, serviços, hospital, grande campo de instrução, bem como uma vila militar nas suas proximidades.

Para a construção do referido quartel, o sr. vice-governador assinou a Lei n.º 597, de 31 de outubro de 1951:

O VICE-GOVERNADOR DO ESTADO DA PARAÍBA:

Faço saber que o Poder Legislativo decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1.º — Fica o Governo do Estado autorizado a alienar o terreno do Campo de Aviação da Imbiribeira, situado à Avenida Eptácio Pessoa, desta Capital, e a adquirir ou desapropriar outro terreno para a instalação do Campo de treinamento do Aero Clube da Paraíba.

Art. 2.º — É aberto o crédito especial de Cr\$ 2.000.000,00 para ocorrer às despesas com a aquisição ou indenização do novo campo do Aero Clube da Paraíba, com a construção de um pavilhão para a instalação do quartel da Polícia Militar, a ser construído na área ocupada pelo antigo 8.º R.A.M. e transferência dos serviços do Departamento da Polícia Civil para o atual quartel da Polícia Militar.

(aa) João Fernandes de Lima
Osias Nacre Gomes,
João Guimarães Jurema".

Oficial nomeado Juiz de Direito

Conforme aprovação em concurso a que se submeteu, foi nomeado, pelo vice-governador do Estado, para o cargo de Juiz de Direito da Comarca de Conceição, o capitão MANUEL JOÃO DA SILVA, bacharel em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Direito do Recife. Após a sua demissão do quadro de oficiais da P.M., foi-lhe oferecido, pelos seus colegas de classe, no restaurante Lido, um almôço fraternal de des-

pedida, onde falaram diversos oradores e o homenageado.

PIAUI

Comissão de Intercâmbio

O comando da milícia piauiense nomeou, o cap. Santiago Vasques Filho, nosso ilustre representante naquela milícia, e o 1.º ten. Otávio Augusto Acioly Cintra, com a incumbência de proceder o intercâmbio entre as corporações irmãs, sobre os assuntos ligados ao problema da federalização das PP. MM. brasileiras.

A comissão em aprêço encarece a necessidade de criação de comissões idênticas e solicita notícias sobre as providências ou assuntos veiculados visando aquela medida. Por outro lado, entrou em ligação com o deputado federal Brochado da Rocha, particularmente interessado na solução de tão importante problema.

RIO DE JANEIRO

Terreno para o Clube dos Oficiais

Uma notícia bastante auspiciosa veio alegrar a todos os associados do Clube dos Oficiais: trata-se da obtenção do terreno para a sua sede própria, um ideal longamente acariciado e que se tornou realidade através de recente lei estadual.

A atual Diretoria da entidade, tendo à frente a figura esforçada e simpática do ten. cel. Jonatan Dezerto Bastos, finalmente, viu coroada de êxito a sua brilhante campanha pela obtenção da sede própria, cujo primeiro passo se traduz na lei que destinou ao Clube uma área de terreno situada em Niterói, no valor de 196 mil cruzeiros.

A lei subordina a doação à exigência do prazo de dois anos para que se iniciem as obras de construção e de cinco para a conclusão da construção, após a data do início, sob pena de reverter o terreno ao patrimônio estadual, sem qualquer indenização.

Aí, está, pois, a sua grande oportunidade, prezados companheiros da milícia fluminense. «Mais uma carga, camaradas!» — e o sonho dos associados do Clube se transformará em magnífica realidade — eis o estímulo e a simpatia de «MILITIA».

RIO GRANDE DO SUL

Curso de Formação de Oficiais

As matrículas para o ano de 1952 foram fixadas, pelo Comando da Brigada, em 20 alunos para o 1.º ano do C.F.O., tendo sido levados em conta, para integralizar êste número, os ex-alunos com direito ao reingresso naquele Curso.

Oficiais em viagem de estudos e confraternização

Foram designados pelo comando da Brigada, para fazer viagem de estudos e de confraternização em outras unidades da Federação, o 1.º ten. Jarce de Azevedo Queiros e 2.º ten. Manoel Jerônimo Marcos.

Os oficiais em aprêço estagiaram no Corpo de Bombeiros do Distrito Federal e estiveram junto aos Corpos de Bombeiros e Polícias Militares dos Estados de Minas Gerais, Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Espírito Santo.

Do relatório dos tens. Jarce e Marcos constou uma discriminação de talhada dos aquartelamentos, coman-

dos efetivos, material, instrução, etc., de tôdas as entidades que lhes foi dado visitar.

Visitas de cortezia

Esteve em visita à B.M., na tarde de 26 de outubro, o brig. do ar Lima Castro, acompanhado do cel. av. Arminio Leal Alijalde, chefe de S.S. da 5.a Zona Aérea.

Após alguma permanência no gabinete do comando, ambos percorreram tôda as dependências do Q.G., revelando interesse e simpatia pela Brigada, cujo comando lhes agradeceu a fidalguia da visita, formulando-lhes votos de felicidade, em nome da corporação.

Também o gen. Osvaldo Cordeiro de Farias, diretor da Escola de Alto Comando, das Fôrças Armadas do Brasil, honrou a Brigada Militar com uma visita de cortesia, no dia 30 de outubro último.

Reunida a oficialidade do Q.G. no Salão de Honra, s. excia. a todos cumprimentou individualmente e disse da satisfação com que visitava a Brigada, de quem encontrou todo apóio, quando interventor federal no Estado. E, abraçando o Comando, ali deixava também o seu abraço a tôda a Corporação.

O cel. Venâncio Batista, comandante geral, agradeceu a s. excia. a distinção da visita, honrosa sobremodo, desejando-lhe feliz viagem de retorno à Capital Federal.

Promoção de oficiais

Foram promovidos pelo govêrno do Estado os seguintes oficiais por antiguidade: a major, o cap. José Luiz de Vasconcelos; a cap., o 1.º ten. Guilherme José Zorzan; e a 1.º

ten., o 2.º ten. Antônio Mendes Filho; por merecimento ao posto de 2.º ten., os aspirantes a oficial Orcílio João de Souza Lins a Antônio Vargas.

CAPITÃO PLÁCIDO GOMES DE SA

O Comando da Brigada Militar, ao determinar, pezarosamente, no exercício das suas atribuições de chefe, e exclusão do cap. Plácido Gomes de Sá do número de oficiais da sua corporação, se dirigiu aos seus comandados nos seguintes termos:

"Faleceu no dia 19 do corrente, na cidade de Crato, Estado do Ceará, Capitão Plácido Gomes de Sá.

O extinto Capitão Plácido, bem jovem ainda ingressou nas fileiras desta Brigada, como simples soldado, em 21-3-1930 e, graças aos seus esforços, inteligência e capacidade, já em 1935 concluiu o C.P.M., classificando-se em 1.º lugar, na sua turma. Galgou os postos da hierarquia de nossa Fôrça até o de capitão, conquistando tôdas as promoções pelo princípio de merecimento.

Oficial dedicado à profissão, disciplinado, franco e leal; superior, ponderado, enérgico e justo que sempre o fci, impôs-se, dessa forma, à consideração dos chefes, ao respeito dos subordinados e à admiração de todos.

Durante os vinte e um anos e meio em que serviu nesta Fôrça, o extinto prestou inumeros e relevantes serviços ao Estado e à União, desempenhando-se sempre com eficiência e tirocínio.

Nos períodos conturbados por que passou a Pátria nas revoluções de 1930 e 1932, tomou parte em ambas as campanhas, conquistando nelas, por sua bravura, as promoções de 3.º e 1.º sargento, respectivamente.

Na vida interna da corporação foi sempre um colaborador incansável.

No Corpo de Guardas Civis, onde desempenhou o cargo de Diretor, viveu quase exclusivamente para o engrandecimento daquele Corpo, merecendo, por isso, das altas autoridades do Estado, as melhores referências e os maiores elogios.

No cargo de Prefeito de Santanópolis (Estado do Ceará), para o qual fôra eleito por uma coligação de 4 partidos, representava o Capitão Plácido uma harmonia política e uma esperança promissora. Sua dinâmica atuação já se fazia sentir naquele município nordestino, quando na tardinha de um dia de fecundo trabalho público buscava em seu lar o repouso reparador, tombou morto ferido, à porta de sua residência, por balas de cobardes e traiçoeiros inimigos.

Em tôdas missões que lhe foram confiadas o extinto Capitão Plácido se houve sempre com muita, abnegação, patriotismo, espírito de sacrifício, lealdade e desprendimento, dignos das tradições de honra da Fôrça, à que pertenceu e, isso, eloqüentemente atestam os inúmeros e significativos elogios contidos em sua brilhante fé de ofício.

Associando-se ao pesar da família enlutada, êste comando, no exercício de suas atribuições de Chefe, determina com profundo pesar a exclusão do capitão Plácido Gomes de Sá, do número dos oficiais desta Brigada.

A triste notícia do falecimento do cap. Plácido chegou ao conheci-

mento do comando da milícia gaúcha através dêstes despachos:

— «Nome Polícia Militar Ceára apresento Brigada Militar Gaúcha condolências trágico desaparecimento prezado camarada capitão Plácido Gomes Sá. Abelardo Rodrigues Cel. Cmt. Geral».

— Cumprindo doloroso dever e com profundo pesar comunico falecimento vizinha cidade Crato vítima balas traiçoeiras sicários dia 19, dezoito horas, capitão Plácido Gomes Sá, prefeito dêste município e oficial brioso dêsse Estado. Saudações. Adriano Nuvens Presidente Câmara.

Do Corpo de Guardas Civis da Capital sulina o Comandante Geral da Brigada Gaúcha recebeu a seguinte manifestações:

“A Diretoria do Corpo de Guardas Civis, desta Capital, lamenta profundamente, o falecimento prematuro do capitão Plácido Gomes de Sá, ex-diretor dêste Corpo, onde, por seu espírito ativo, dinâmico e humano, deixou grandes laços de amizades. Assim sendo, êste Corpo associa-se a essa briosa Brigada Militar nas homenagens a serem prestadas aquele distinto oficial. Rogo a V. Excia. dar conhecimento à família do extinto.

Sirvo-me dêste ensejo para apresentar-lhe os protestos do meu elevado aprêço e consideração”. Fiscal Chefe João Paulo de Meirelles. Diretor Substituto”.

*

“Patriotismo não é verbalismo, é ação. Sê patriota produzindo”.

CAMPEÕES DE VOLEIBOL

Os alunos-oficiais da Fôrça Pública

Esteve empolgante o IX campeonato popular, organizado pela "A GAZETA ESPORTIVA"



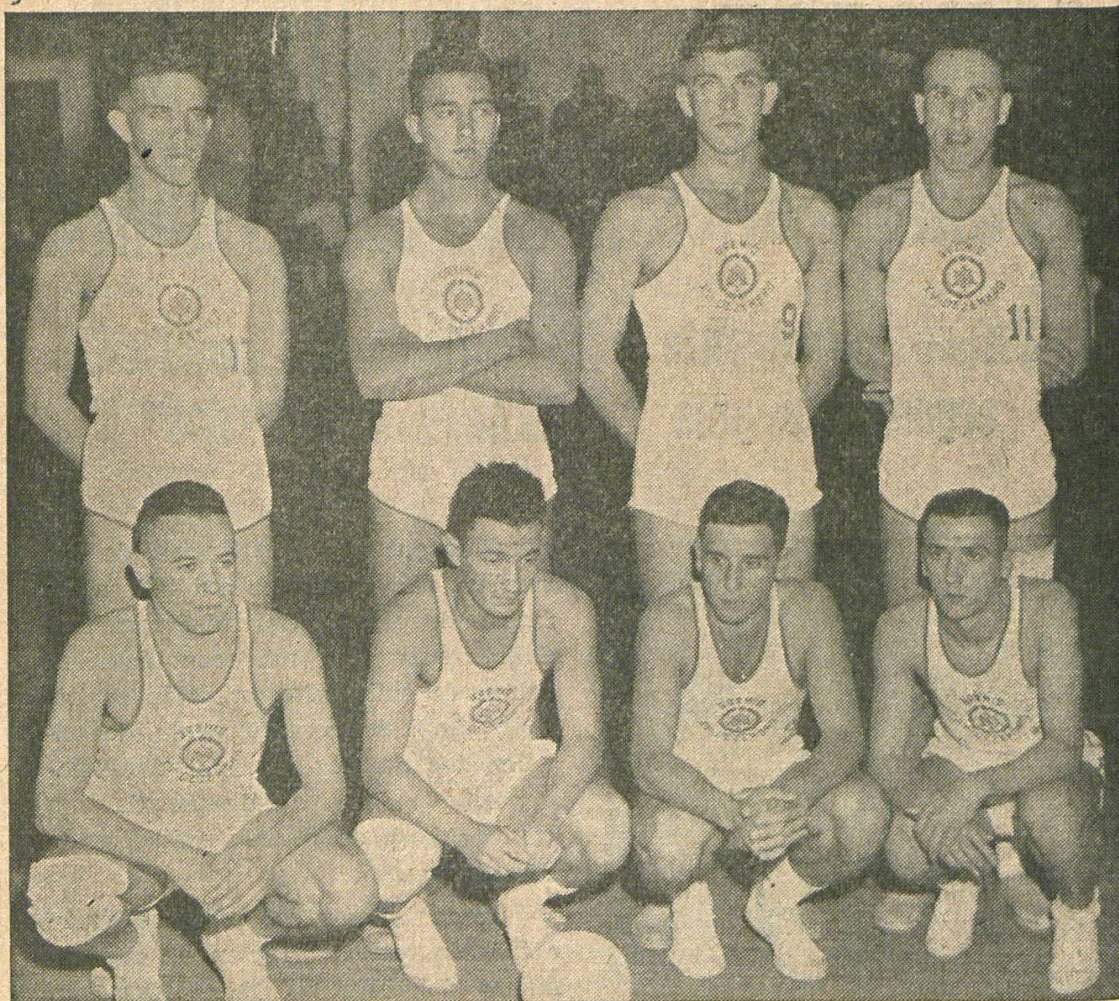
Uma fase do jogo do GRÊMIO XV DE DEZEMBRO, contra o ITU VOLEI CLUBE.

Venceram os cadetes da Fôrça Pública de São Paulo o já tradicional Campeonato Popular de Voleibol, organizado pela «A GAZETA ESPORTIVA» e realizado sob a direção e supervisão da Federação Paulista de Voleibol, na segunda quin-

zena de outubro e primeira de novembro, são campeões autênticos, de fato e de direito. Conquistaram medalhas e troféus, mas conquistaram acima de tudo, alto galardão espiritual, tão belo como a corôa de oliveira dos montes sagrados da Hélade, qual seja a admiração da sua corporação e do mundo esportivo de Piratininga.

Nada menos de cento e vinte e três equipes acorreram ao chamamento do «MAIS COMPLETO», no corrente ano. E os prélios se foram sucedendo, pelo sistema de eliminatórias. A cada rodada o número de representações ia diminuindo. Por fim, ficaram na liça, apenas, quatro concorrentes, sendo o «XV DE DEZEMBRO» — e êste era o nome de guerra dos nossos valorosos cadetes — um dêles. Os quatro gigantes bateram-se dois a dois. O XV DE DEZEMBRO permaneceu invicto, tendo por companheiro, nessa situação privilegiada, o valoroso sexteto dos «Novos da F.U.P.E.», com o qual tinha que disputar o cobiçado título.

Feriu-se a pugna notável, à noite de 10 de novembro, no Ginásio



GRÊMIO XV DE DEZEMBRO — CAMPEÕES DE VOLEIBOL

Da esquerda para a direita: na frente, ten. Valdemar Nogueira (técnico e treinador), e alunos-oficiais Iraí Vieira Catalano, Luiz Carlos Pontes Tabois e Valêncio de Matos Campos. de pé, os alunos-oficiais João Batista de Campos, Renato Nogueira Magalhães, Clodomiro José Pascoal e Sílvio Emilio de Oliveira.

do C.A. Paulistano, na rua Estados Unidos, perante grande assistência. As «torcidas», quer dos universitários, quer dos cadetes — também universitários, cursando escola de nível superior — deram nota destacada, com os seus gritos de guerra, seus «hip-hip» entusiasmando seus conjuntos. Dura e árdua foi a pelêja. Exigiu cinco «sets» para a sua decisão. E os três últimos foram leva-

dos palmo a palmo, oferecendo cada contendor o mais soberbo espetáculo de dedicação às côres que estava defendendo. Quando trilou o apito final, os rapazes que defendiam o renome esportivo do Centro de Formação e Aperfeiçoamento e o da centenária Fôrça Pública, eram senhores do luminoso título de CAMPEÕES, justo prêmio de uma campanha memorável.



Sugestivo bloqueio do XV DE DEZEMBRO, num dos jogos do Campeonato.

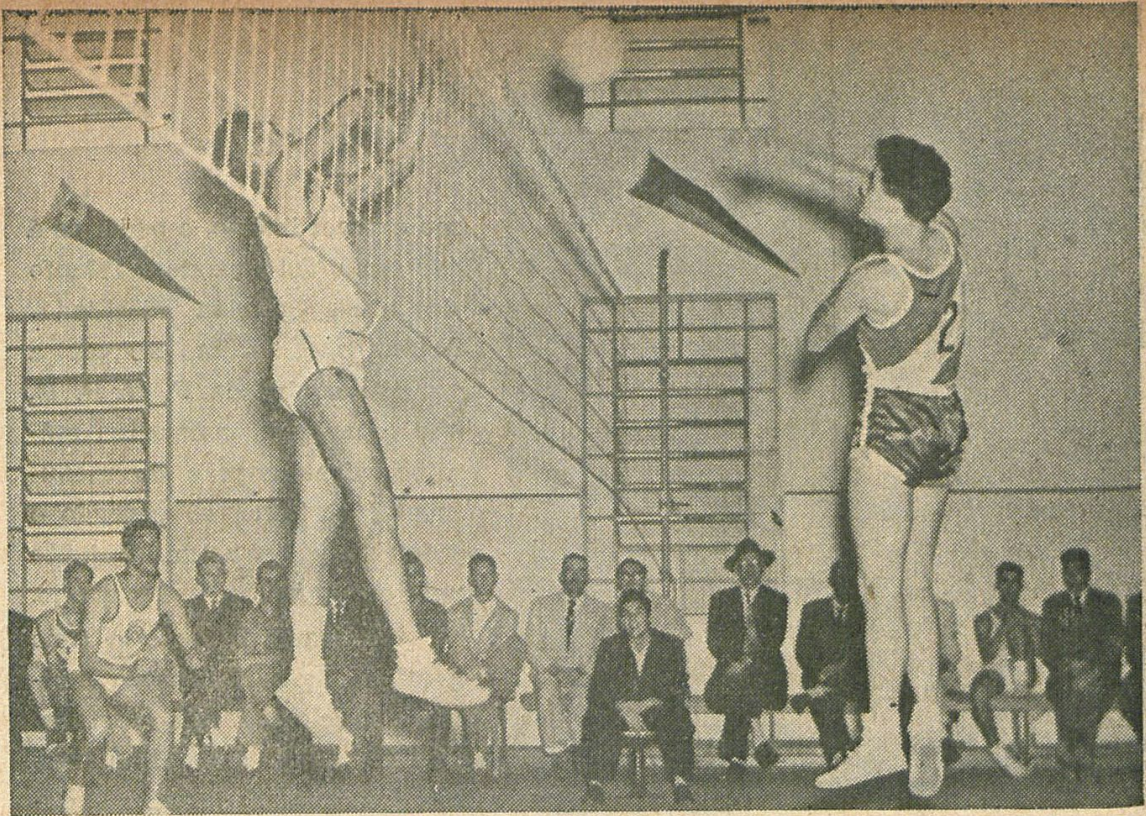
Este foi o terceiro ano que os cadetes de nossa Milícia disputam o Campeonato de «A Gazeta Esportiva». No primeiro foram às semifinais, classificando-se no 4.º lugar; no segundo, conquistaram o 3.º posto, após vencerem o adestrado conjunto dos «Heróis das Chamas». E agora foram direto ao título. A conquista dos nossos futuros oficiais sobe de valor, quando é sabido que no choque decisivo tinham regressado no dia anterior de manobras militares, com noites indormidas e sacrifícios sem conta, próprios dos exercícios anuais de fim de período. Acrescenta-se a esta circunstância o valor do adversário, sua fibra, seu entusias-

mo extraordinário, e poder-se-á ver como foi grande o triunfo da nossa garrida mocidade. Louvores, também, merece a garrida equipe da F. U. P. E. que se sagrou, com altos méritos, vice-campeão do monumental certame, só cedendo o primeiro posto a um conjunto valoroso, técnico e aguerrido.

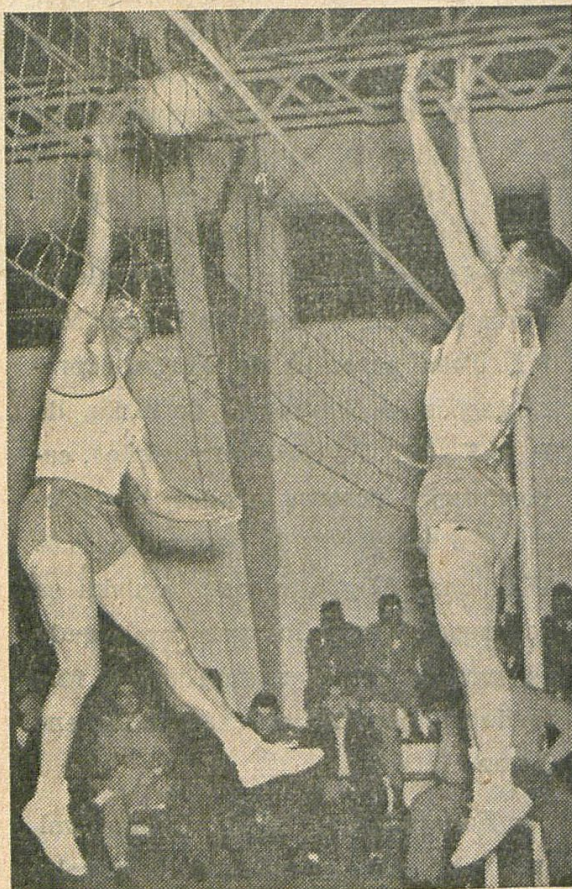
«A Gazeta Esportiva» (que gentilmente nos forneceu muitos dos clichês que ilustram este texto) prestou altas honras aos campeões, entregando-lhes, solenemente, os prêmios a que fizeram jus, no seu auditório, ante numerosa e seleta assistência. Mas, a homenagem mais significativa foi a prestada pela Fôrça Pública, no dia 15 de novembro, no Estádio da Avenida Cruzeiro do Sul, por ocasião do encerramento da Olimpíada da Cor-

poração. Presentes o cel. Enryale de Jesus Zerbini, o chefe do Estado Maior, altas patentes da Fôrça, representações da Imprensa, do rádio, da P. R. F. 3-T. V. (Rádio-Televisão), esportistas e pessoas gradas, os cadetes e o treinador da equipe, tenente Waldemar Nogueira, que também se consagrou campeão, por ter jogado na partida decisiva, suprimindo a falta de um jogador que se achava enfermo.

Foi uma solelidade memorável que, por certo, estimulará aquela vibrante mocidade a novas arranca-

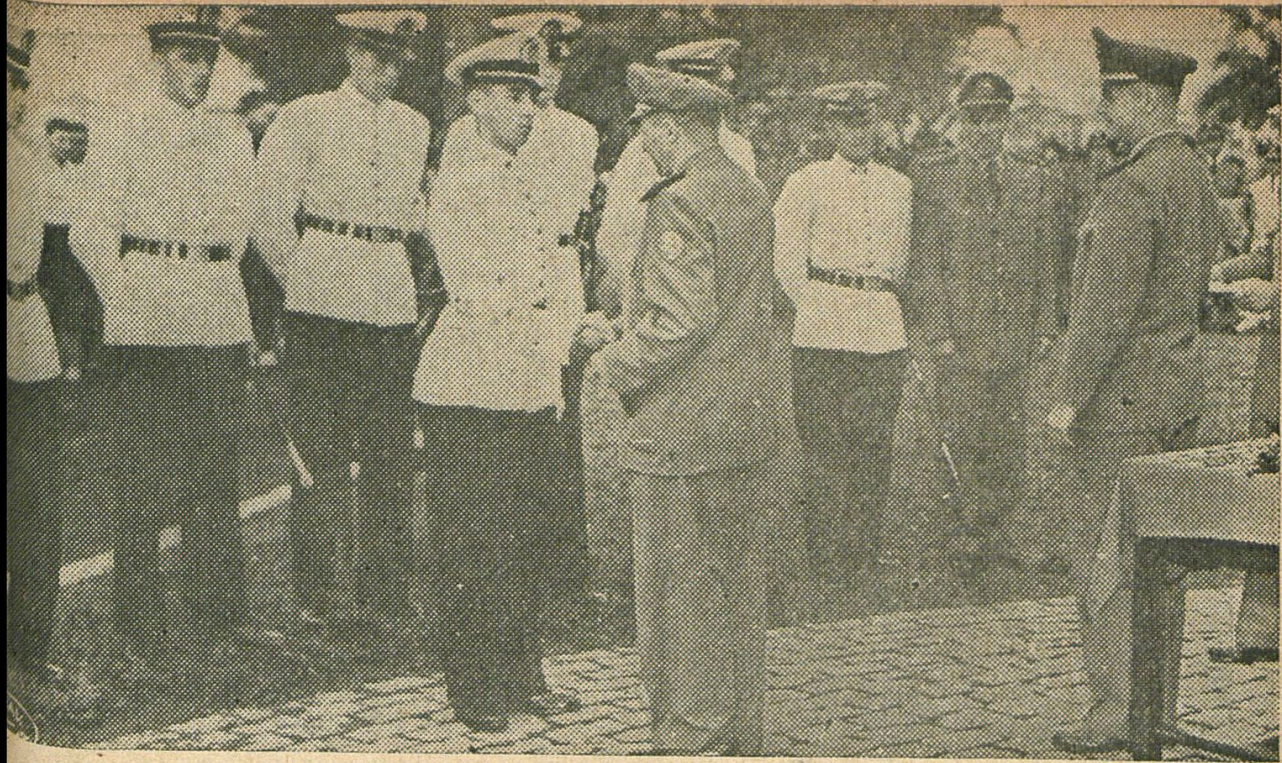


XV DEZEMBRO versus EDEN LIBERDADE.



O "MILITIA", quadro de oficiais da Força Pública, também teve atuação destacada no Campeonato, sendo derrotado pelo Novos da Fupe, que se sagrou vice-campeã. No clichê, ao lado, uma expressiva cortada do capitão Nucci, num dos jogos do certame.





ENTREGA DE MEDALHAS AOS CAMPEÕES

Presidida pelo cel. Jesus Zerbini, comandante da milícia paulista, teve lugar, na Escola de Educação Física, a cerimônia de entrega de medalhas aos elementos da equipe vencedora do IX Campeonato Popular de Voleibol, de A GAZETA ESPORTIVA, a quem agradecemos o clichê.

das para aumentar a já volumosa bagagem de glórias desportivas da Fôrça Pública de São Paulo.

Eis aqui os nomes dos campeões:

- 2.º ten. Waldemar Nogueira técnico e treinador;
- al. of. Iraí Vieira Catalano;
- al. of. Renato Nogueira Magalhães;
- al. of. Clodomiro José Pascoal;
- al. of. Sílvio Emílio de Oliveira;
- al. of. João Batista de Campos Lima;
- al. of. Valêncio de Matos Campos e
- al. of. Luiz Carlos de Pontes Tabois.

Acompanhamos de perto essa jornada ciclópica dos cadetes da nos-

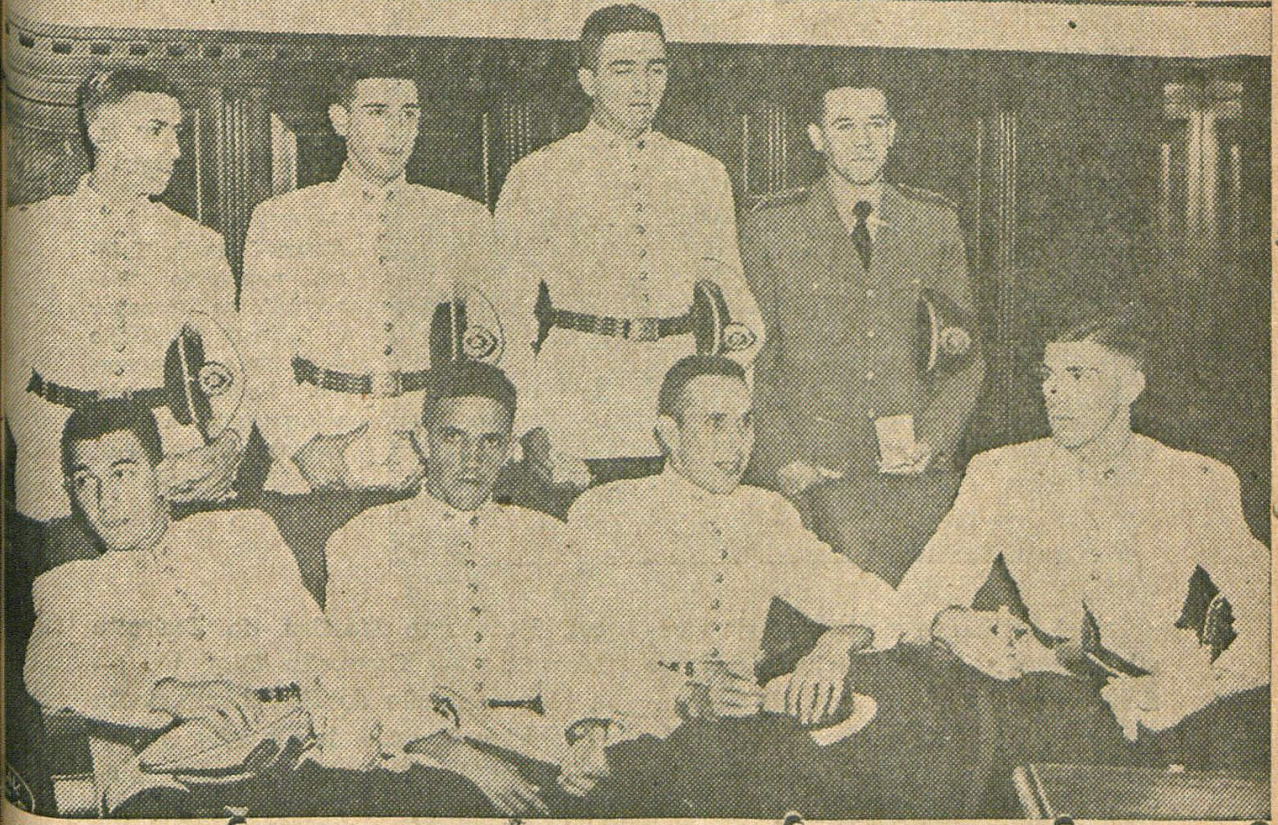
sa Milícia e por isso pudemos aquilatar do valor da conquista. É um feito notável que se vem juntar às arrancadas homéricas do cel. Gamoe-da, no Sul-Americano de Esgrima, do Centenário, de Luiz Bento Ramos em Lima e Buenos Ayres, de Joaquim Gonçalves, Minervino Leão de Souza, Paulo Sebastião Monteiro, em Montevidéo, no Rio de Janeiro e São Paulo, de Luiz Gonzaga e Laudionor Rodrigues, recordistas brasileiros, astros máximos do pedestrianismo nacional. Bravos, rapaziada, cadetes valorosos, a Fôrça Pública agradece a vossa conquista e enaltece o vosso feito!

«MILITIA» quer, nesta reportagem, prestar carinhosa homenagem aos campeões, preito bem modesto, sem dúvida, pelo muito que fizeram pelas glórias desportivas da centenária Fôrça Pública de São Paulo.



ENTREGA DE PRÊMIOS AOS CAMPEÕES

Teve lugar nos salões da "Rádio Gazeta" a solenidade de entrega dos prêmios conquistados pelos principais classificados no IX Campeonato Popular de Voleibol. Vemos ao alto, o ten. Antônio Reunó Ribeiro entregando o troféu ao representante da equipe campeã; ao centro o sr. Hugo Carboni Sobrinho, fez entrega do troféu conquistado pelos vice-campeões, os "Novos da Fupe", em baixo, os representantes das principais equipes, classificadas com os respectivos troféus.



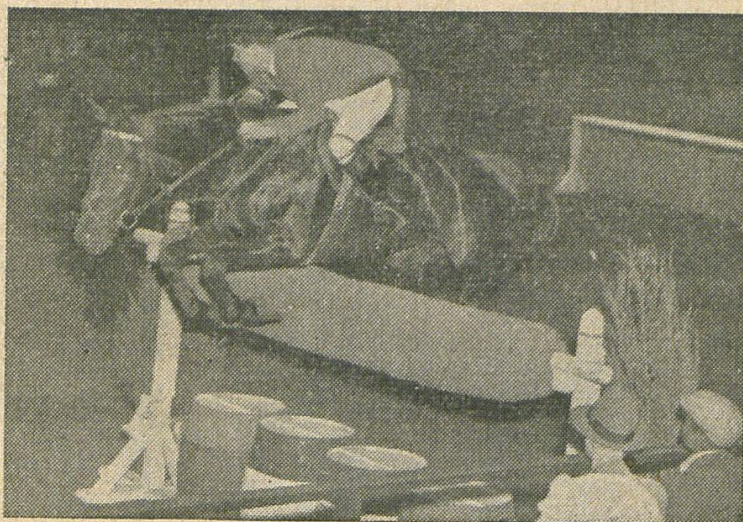
OUTROS ASPECTOS DA ENTREGA DOS PRÊMIOS

Ao alto, aspecto geral da mesa que presidiu a Solenidade; em baixo, a equipe de alunos oficiais que defenderam as côres do Grêmio "XV de Dezembro".

*

Brilharam os Hipistas Brasileiros nos EE. UU.

Destacada atuação de Álvaro Dias de Toledo, da Sociedade Hípica Paulista, vencendo a «Taça Nacional da Pensilvânia» e conquistando o troféu canadense «Royal Winter Fair»



PROVA "ROYCE A. DRAKE MEMO- RIAL

Alvaro Dias de Toledo, montando "Loverain", ao transpor o último obstáculo desta prova, que venceu brilhantemente, assegurando a conquista do troféu "Pensilvânia"

Foi brilhante a atuação do Brasil no 63.º «Internacional Horse Show», realizado no mês de novembro próximo passado, em New York, onde cavaleiros brasileiros enfrentaram concorrentes de países como os Estados Unidos, México, Irlanda e Canadá, países estes onde o esporte equestre é praticado com invulgar ardor e acentuada técnica.

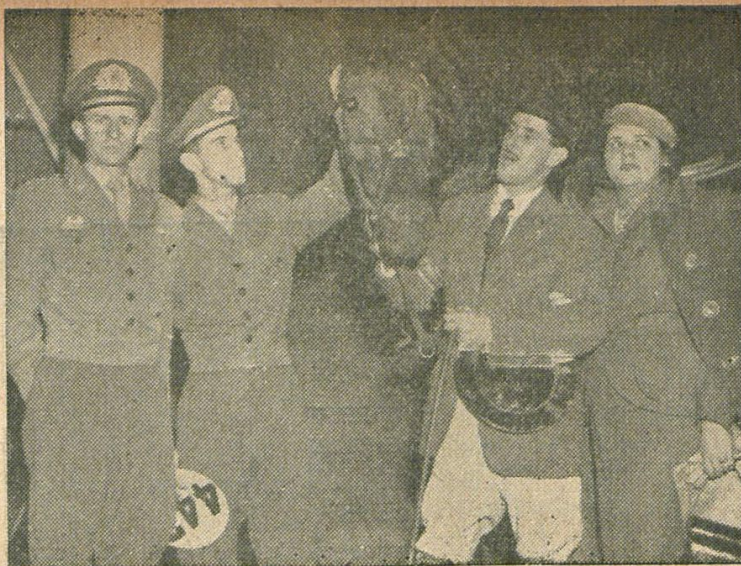
Nesse cotêjo, que com a participação de cavaleiros da têmpera do

cel. Humberto Mariles, do Exército Mexicano — Campeão Olímpico — a representação do Brasil, composta do major Massey de Oliveira Menezes, capitão Pedro Renyldo Guimarães Ferreira, do E.B., e o sr. Alvaro Dias de Toledo, da Sociedade Hípica Paulista, conquistou vários troféus, sendo dois primeiros, um terceiro e dois quartos lugares.

Dada a dificuldade das provas, foram muito repartidas as classifi-

ACARICIANDO "LO- VERAIN"

Alvaro de Toledo e
senhora e os major
Eloy Monsey O. Me-
nezes e cap. Pedro
Renildo G. Ferreira
"agradecem" a "Lo-
verain" o triunfo pa-
ra as côres brasi-
leiras



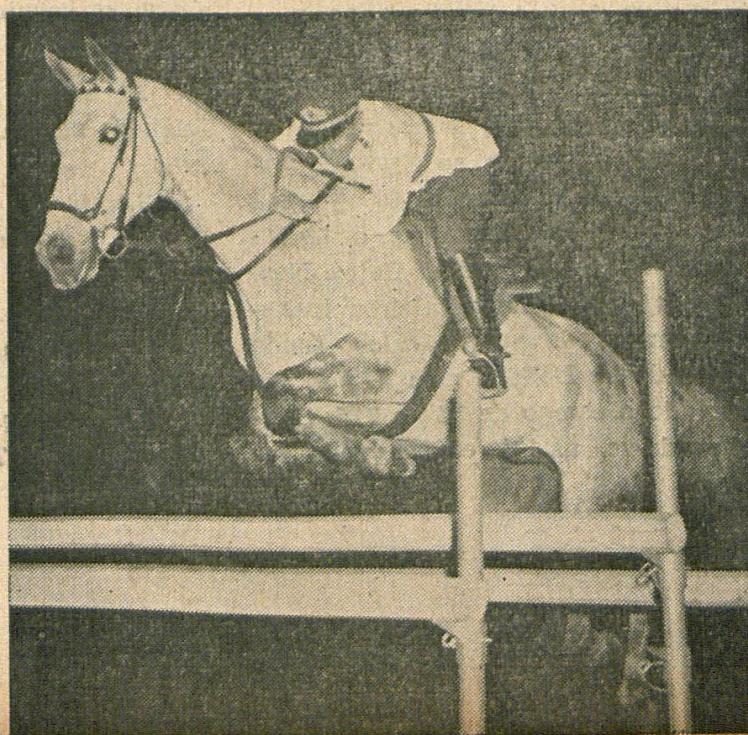
AINDA EM HAR- RISBURG, PENSYL- VANIA

"Bibelot" é objeto de
"confidências" dos
dois oficiais que de-
fenderam o hipismo
brasileiro.



EM HARRISBURG, PENNSYLVANIA

Salto de "Biguá",
montado pelo major
Eloy Masey O. Me-
nezes.





CUIDANDO SEMPRE

Os cavaleiros brasileiros nunca deixaram de ter o máximo de cuidado com as suas montadas. Aqui vemos os três valorosos esportistas, em companhia do sargento que os acompanhou como tratador, examinando um dos animais, logo após a sua chegada aos "Stats"

cações, quer individuais quer por equipes.

Na primeira competição realizada dia 30 de outubro, no «Madison Square Garden», de New York, Alvaro Dias de Toledo conduziu, em percurso americano, sobre doze difíceis obstáculos, o seu grande cavalo «Loverain», que em 45" ganhou para as côres brasileiras o troféu canadense «Royal Winter Fair». Nesta prova só dois cavaleiros transpuseram os doze obstáculos, tendo o canadense Ballard com «Anchors» marcado o tempo de 54" e 3/5, classificando-se, assim, em segundo lugar.

Na disputa da Taça «West Point», ainda o Brasil classificou-se individualmente em quarto lugar, sendo o seguinte o resultado final da mesma:

1.º lugar: capitão Turbirdy, da Irlanda, montando «Arlow», em 33" 2/5;

2.º posto: major Russel, dos U.S.A., conduzindo «Blue Devil», em 34";

3.º lugar: Alvaro de Toledo, do Brasil, com «Loverain», no tempo de 37";

4.ª colocação: cel. Mariles, do México, em 37" e 1/5, montando «Ariete».

Tôdos êsses concorrentes classificados fizeram o percurso com zero pontos perdidos por faltas.

Foi ainda o cavaleiro Alvaro Dias de Toledo, o detentor da Taça Nacional da Pensilvânia, no dia 5 de novembro, quando, sabendo já que o cel. Mariles tinha feito o percurso em 33" e 4/5, com zero faltas, obteve de «Loverain» a transposição limpa de dez barreiras em 32" e 1/5, classificando-se assim em primeiro lugar, arrancando vivos aplausos do público que lotava as dependências do «Madison Square Garden».

Assim é que já pode o Brasil comparecer como verdadeiro e perigoso concorrente aos concursos de caráter internacional, atuando com destaque, e demonstrando tratar com carinho do difícil esporte eqüestre de saltos de obstáculos, com cavaleiros que sabem honrar o nome e as tradições da Pátria, quando necessário se faz sua atuação em campos estrangeiros.



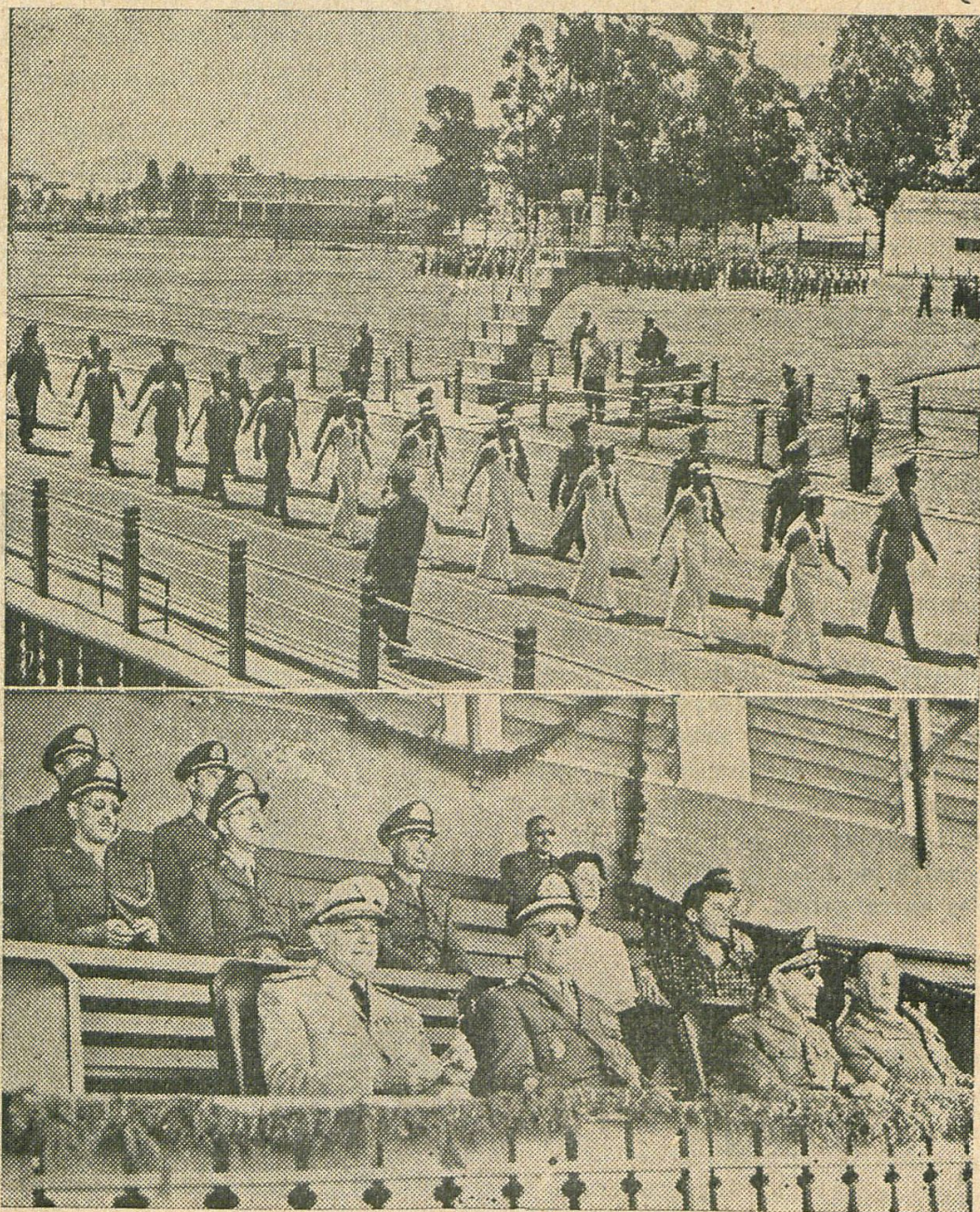
EM HARRISBURG PENNSYLVANIA
O Cap. Pepro Renildo G. Ferreira, montando "Bibelot", Transpõe o último obstáculo de uma das difíceis provas em que tomou parte.

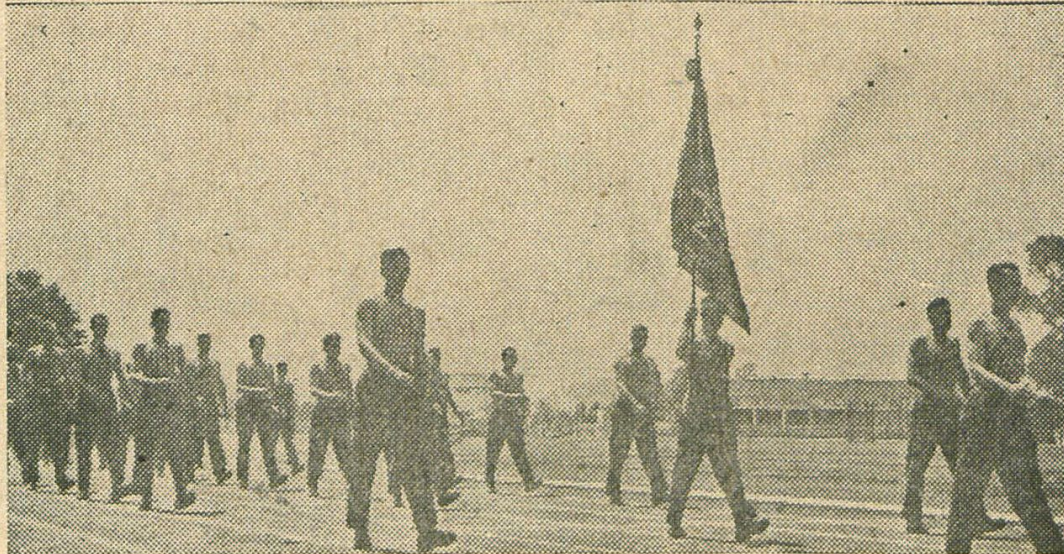


ANTES DA PROVA
O major Elói Menezes oferece um "aperitivo" a "Biguá".

Jogos Esportivos do Exército

As provas de esgrima da 2.^a R.M. foram realizadas no ginásio "Cap. Delphin Balancier", da Fôrça Pública. Escore de 1 x 1, no jôgo de futebol entre as 2.^a e 4.^a Regiões Militares





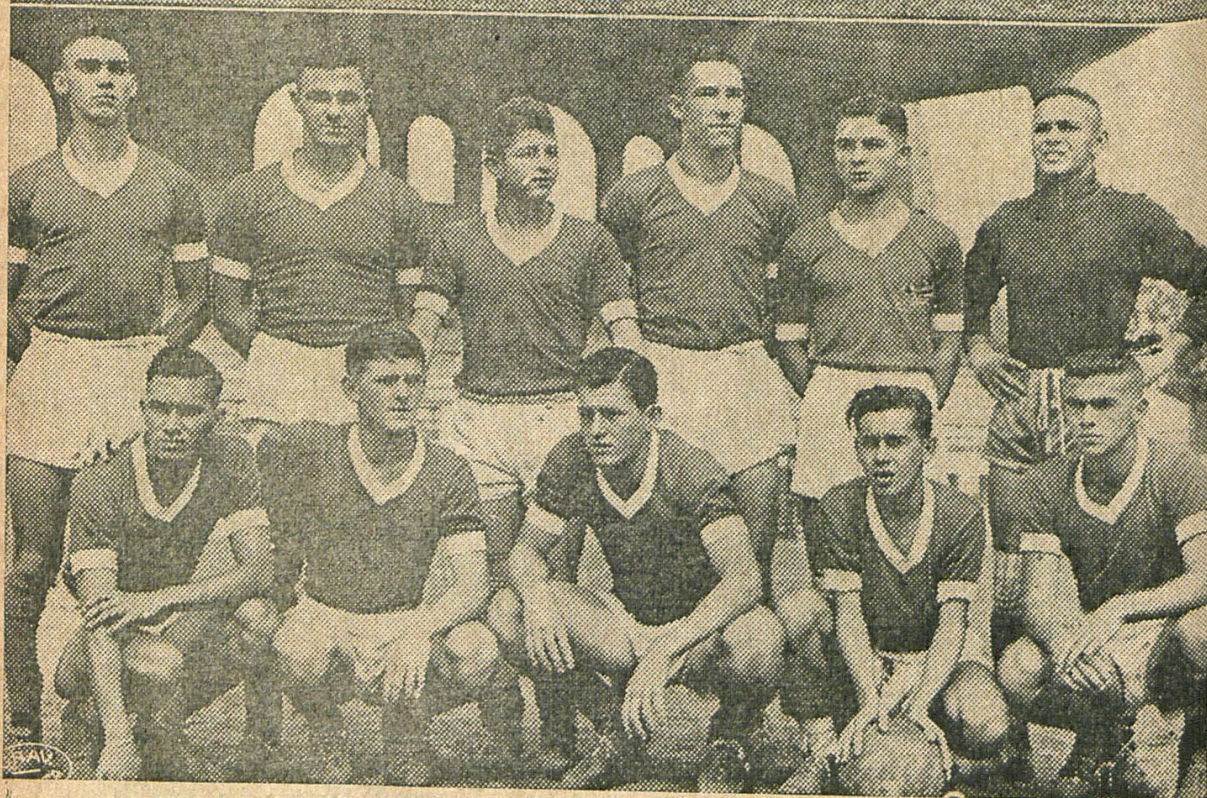
Os jogos Esportivos da 2.^a Região Militar, realizados de 8 a 13 de outubro do corrente ano, tiveram grande brilhantismo e foram disputados com grande entusiasmo pelas diversas unidades.

Foram iniciados solenemente, na praça de esportes do C.R. Tietê, reunindo representações de todos os corpos da Região, um imponente desfile dos atletas do Exército.

Do programa organizado compreendiam competições de atletismo, voleibol, polo aquático, tiro, bola ao cesto, esgrima e futebol.

Os clichês que inserimos (gentileza nímia de «A GAZETA ES-

PORTIVA») neste número, reproduzem sugestivos flagrantes da abertura dos Jogos, num dos quais se vêem, na tribuna oficial, altas autoridades militares que prestigiaram o torneio, com a sua presença: brig. Armando Arariboia, comandante da 4.^a Zona Aérea; gen. Valdetaro Amorim Melo, sub-comandante da 2.^a R. M.; gen. Honorato Pradel, comandante da Artilharia Divisionária; cel. Milton Cezimbra, chefe do E.M. da 2.^a R.M.; ten. cel. Langleberto Pinheiro, cap. Alberto de Assunção Cardoso e outros oficiais, muitos deles representando a chefia das unidades concorrentes.



As provas de esgrima foram realizadas no Ginásio «Capitão Delphin Balancier» da Escola de Educação Física da Força Pública, e acompanhadas com grande interesse pelos oficiais das unidades disputantes. No dia da abertura estiveram presentes o major Eugênio Menescal Conde, representando o general Comandante da 2.ª R.M., e demais Comandantes de corpos, oficiais e exmas. famílias.

Os mestres d'armas, sub-ten. Aix Gomes, 1.ºs. sgts. Carlos Santini, José

de Siqueira Freire, Hercílio de Figueiredo Matos, Osvaldo Guimarães Cezar, 2.º sgts. Antônio José Cordeiro, Francisco Ferreira de Carvalho Mattias e Jorge de Melo Furlaneto, da Escola de Educação Física da Força Pública, sob a direção do 1.º ten. José Furtado Pisani, foram os dirigentes das provas de florete, espada e sabre, que se realizaram nos dias 8, 10 e 12, cujos concorrentes e melhores classificados são os seguintes:-

FLORETE

Concorrentes

Cap. Paulo P. Coelho, tens. Luiz G.R. de Castro, Venicio dos Santos, Osvaldo C.A. Melo, Benedito L. Aires Filho, Itamar S. Mendes, Arquimedes Pizzocaro, Valdemar O. Bianco e Nelício M. Santis.

Resultados

1.º lugar ten. Benedito L. Ayres Filho; 2.º lugar ten. Arquimedes Pizzocaro; 3.º lugar ten. Itamar S. Mendes; 4.º lugar Cap. Paulo P. Coelho; 5.º lugar ten. Nelício M. Santis; 6.º lugar ten. Osvaldo C.A. Mello.

ESPADA

Concorrentes

Ten. cel. Guilherme Catambri Filho, cap. Paulo Lima Coelho, tens. Nelício M. Santis, Benedito Ayres Filho, Osvaldo Bianco, Luiz G. Ramalho de Castro, Djalma T. Silva, Arquimedes Pizzocaro, Itamar Soares e Venicio dos Santos.

Resultado

1.º lugar ten. Arquimedes Pizzocaro; 2.º lugar ten. Benedito Ayres Filho; 3.º lugar ten. cel. Guilherme Catambri Filho.

SABRE

Concorrentes

Cap. Paulo Paiva Coelho e Décio Charmilot; tens. Nelício M. Santis,

Djalma Tomas de Silva, Maurício Moreira, Armando Regis, Benedito Ayres Filho, Arquimedes Pizzocaro e Luiz Ramalho Castro.

Resultados

1.º lugar ten. Benedito Ayres Filho, 2.º lugar cap. Paiva Coelho, 3.º lugar ten. Nelício M. Santis.

Futebol entre as 2.ª e 4.ª R.M.

Como parte das eliminatórias para os Jogos Esportivos do Exército, realizou-se, no dia 27 de outubro, no estádio da S.E. Palmeiras, o encontro entre os quadros das 2.ª e 4.ª R.M., que se caracterizou pelo equilíbrio, traduzido pelo «score» de 1x1, tentos de Wanderley para a 2.ª R.M. e Paulo Rocha, para a 4.ª Região.

Os dois quadros, cujas fotos estampamos ao lado, jogaram assim constituídos: 2.ª R. M. Silveira; Pongelupe e Nogueira; José Italo, Luiz Fabretti e W. Tupinambá; José P. Costa, Lenarte, Pedro Favero, Jorge Bastos e Wanderley Lopes. 4.ª Região: Wilson; Rodrigues e Maurício; Alceu, Domingos e Wilson Duarte; Sidney, Ildeu, Paulo Rocha, Didimo e Sebastião. Foi juiz da partida o sr. José Alexandrino, da FPF, com boa atuação.

*

“Maior produção, menor custo de vida”.

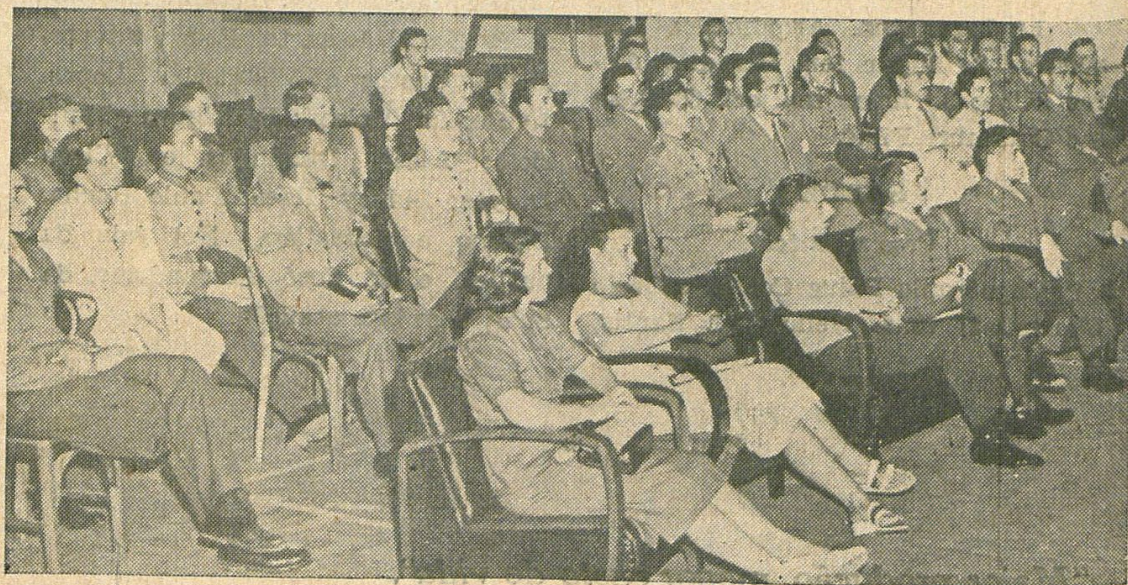
Cursos para técnicos e oficiais, de voleibol

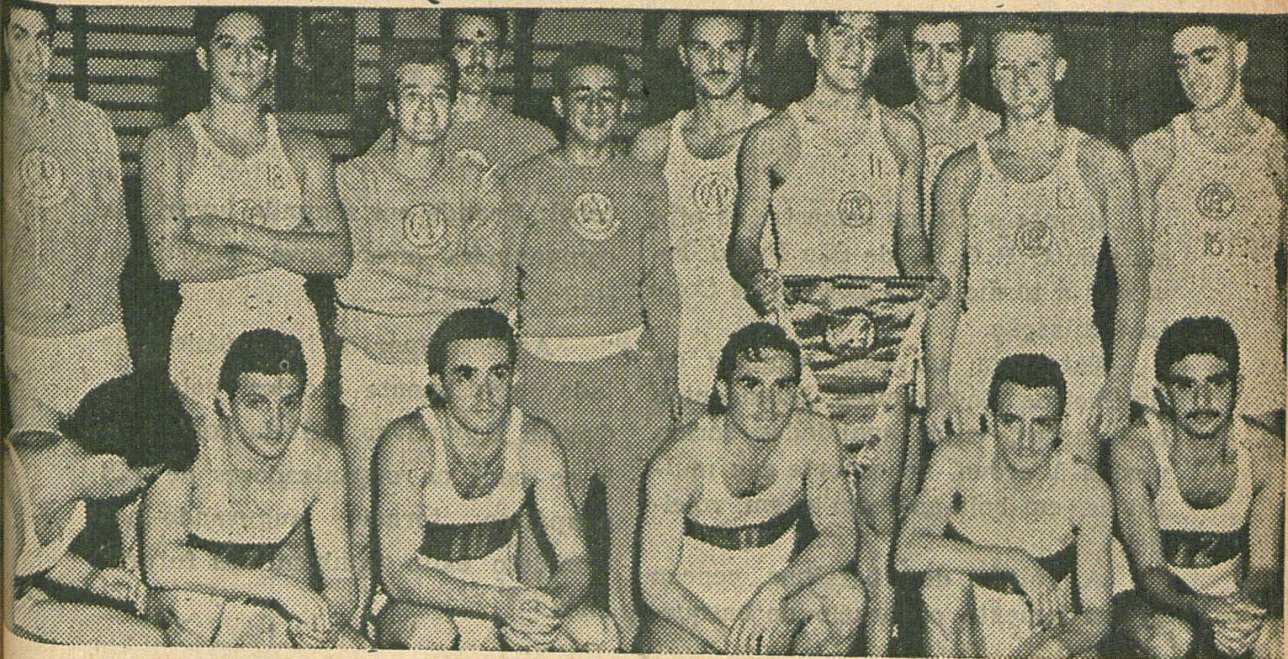


A Federação Paulista de Voleibol, numa iniciativa digna de encômios, fêz inaugurar, na noite de 13 de novembro, um interessantíssimo curso para a formação de técnicos e oficiais de voleibol.

A aula inaugural, que teve lugar no ginásio «Capitão Delphin Balan-

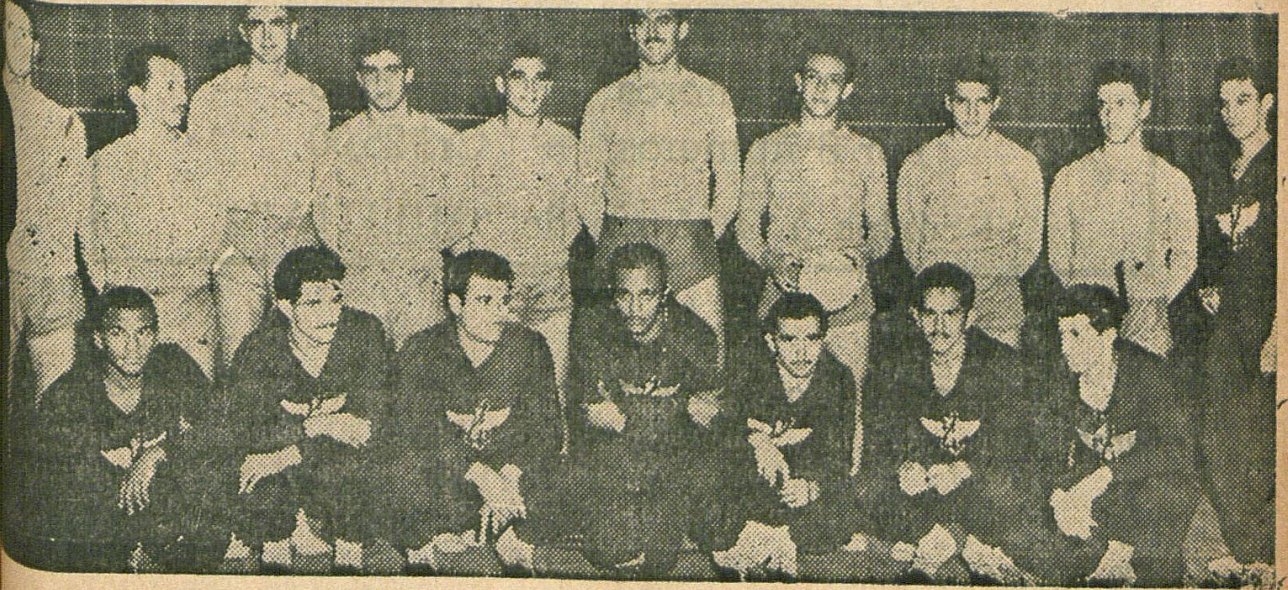
cier», da Escola de Educação Física, esteve concorridíssima, o que denota grande número de inscrições de esportistas desejosos de conhecer as coisas relativas ao esporte da rede. São dessa reunião os clichês que apresentamos.





**A QUARTA ZONA AÉREA VENCEU O
PAULISTANO EM CESTOBOL**

Coube à 4.^a Zona a vitória na partida de bola ao cesto que deu início às competições esportivas da "Semana da Asa". A reportagem de "A Gazeta Esportiva", que gentilmente nos permitiu a publicação destes clichês, assegura que a contagem de 31 a 27 não revelou a evidente superioridade dos componentes da Aeronáutica.



O C.P.O.R. realiza o seu I Torneio de Confraternização de Armas

Durante o último semestre os oficiais do C.P.O.R. de São Paulo, levaram a termo seu I Torneio de Confraternização.

Entraram em cena equipes de Artilheiros, Engenheiros, Intendentes e Infantes, cujas qualidades foram postas à prova, no esporte das multidões, em bola-ao-cesto e em voleibol.

A rainha das batalhas venceu galhardamente o torneio de basque-

tebol; ficando em segundo lugar sua companheira inseparável, a Artilharia.

Ao estampar os instantâneos ao lado, gentilmente cedidos pela «A Gazeta Esportiva», Militia congratula-se com os organizadores de tão simpático torneio augurando-lhes completo êxito também nos futuros anos.



"Revista de la Policia Boliviana"

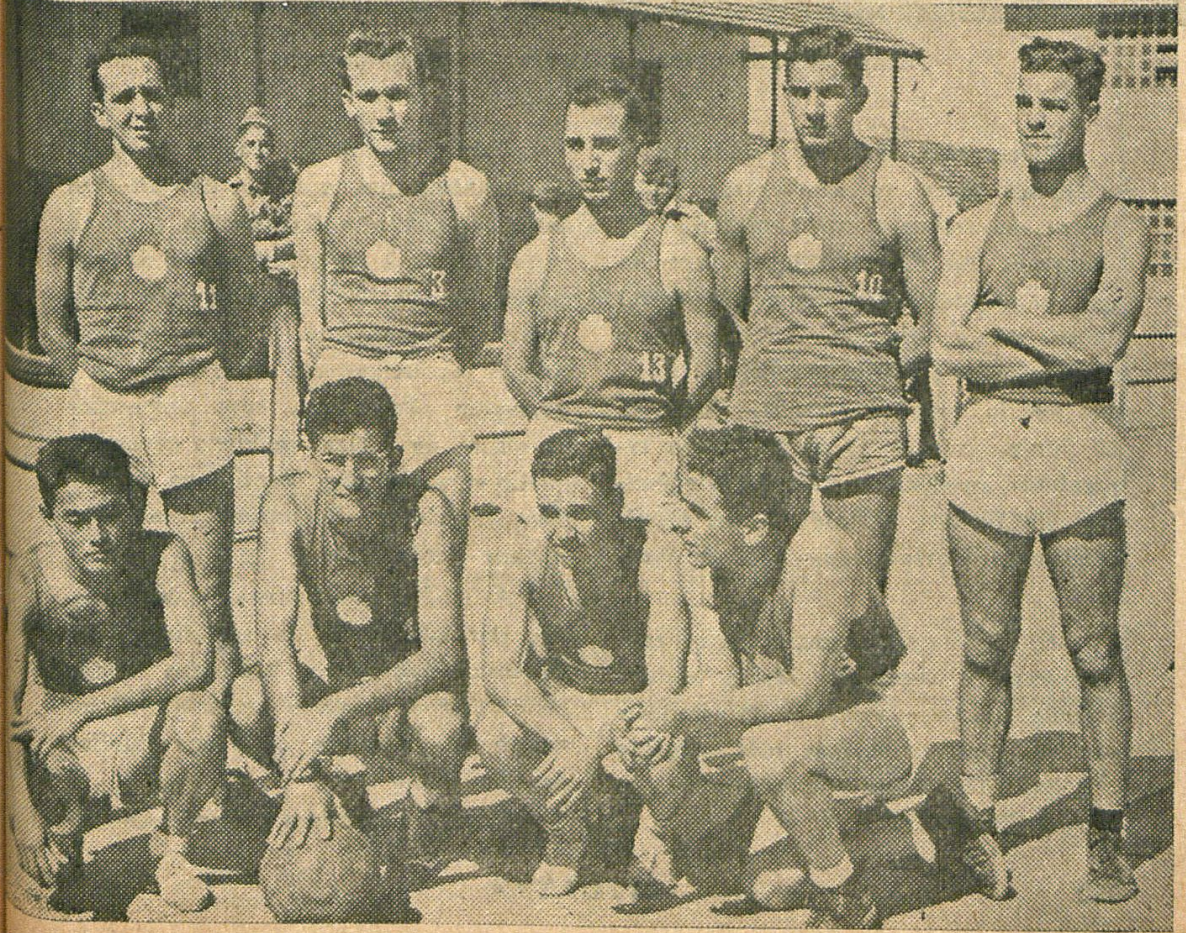
Mantemos intercâmbio com esta publicação e aceitamos pedidos de assinaturas:

Por 3 números — Cr\$ 15,00

Por 6 números — Cr\$ 25,00

Pedidos à Gerência de "MILITIA"

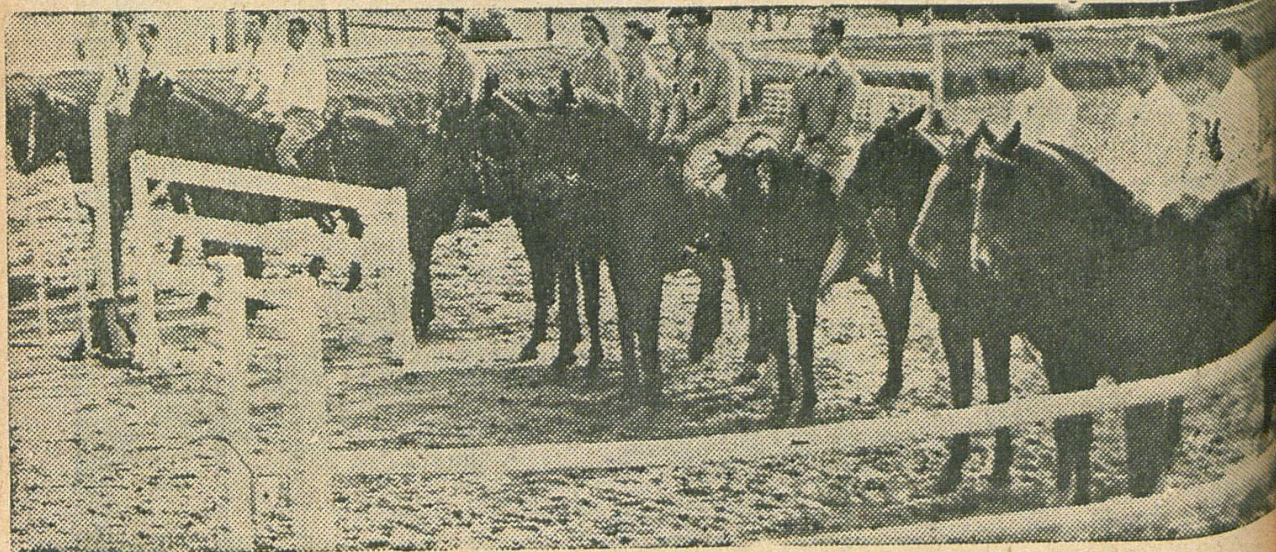
"Produzir hoje mais do que ontem para o Brasil de amanhã".



II Campeonato Universitário

1.º Ten. Plínio D. Monteiro

de Hipismo



Grupo de universitários participantes do campeonato.

Procurando estreitar os laços já existentes entre os acadêmicos praticantes do nobre esporte hípico e os elementos da Fôrça Pública, teve lugar, no picadeiro descoberto do quartel da rua Jorge Miranda, II Campeonato Universitário Paulista de Hipismo, no dia 30 de outubro próximo findo, às 15 horas, com a participação das seguintes associações atléticas acadêmicas: Politécnica, Osvaldo Cruz, Pereira Barreto, Horácio Lane e XI de Agosto.

A "Poli" apresentou, entre os seus elementos, a senhorita Maria Helena Dubois, primeira amazona universitária paulista, que competiu pela segunda vez, pois foi figura representativa na última "Pauli-Poli.

Conforme era de se supor, dado o entusiasmo que os treinos despertaram entre os elementos disputantes, a prova correspondeu à expectativa dos oficiais do Regimento de Cavalaria, que a dirigiram tènicamente. Suas características regulamentares eram Classe "A", barragem obrigatória, com obstáculos na altura de 1,10m., podendo concorrer qualquer acadêmico inscrito na respectiva Associação, montando cavalo designado por sorteio.

A FUPE, patrocinadora do certame, por intermédio do seu diretor de hipismo, acadêmico Martinho Prado Neto, deu à prova o nome de "Regimento de Cavalaria da Fôrça Pública de São Paulo".

Com a animadora presença das fa-

mílias dos acadêmicos, convidados e oficiais da F.P., a alegre tarde esportiva chegou a seu final com o seguinte resultado: —

1.º colocado: — Ênio Monte, da "Poli", montando "Guri", e que, nas provas acadêmicas até agora realizadas, vem se destacando como um dos melhores cavaleiros do nosso meio estudantino.

2.º lugar — Joaquim Lima, da "Mac", com "Tamoio";

3.º lugar: — Luiz Bruneti, da "Med", sôbre "Sheik";

4.º lugar: — Harri Simonsen, com "Caci", representando a "Poli".

Por equipe o resultado foi: — 1.º, Politécnica; 2.º, Horácio Lane; 3.º, Osvaldo Cruz; 4.º, Onze de Agosto, e 5.º, Pereira Barreto.

Na entrega dos troféus aos classificados, usou da palavra o cel. Cândido Bravo, comandante do R.C., concitando os acadêmicos a persistirem na prática do esporte hípico, acrescentando aos aficionados dessa arte mais uma plêiade de jovens e entusiastas amigos do cavalo.

Consumir

É um dever de patriotismo.

Produtos

É contribuir para o
desenvolvimento da
nossa produção

Nacionais

É ajudar a libertação
econômica do Brasil.

VI CAMPEONATO PAULISTA DE TIRO AO ALVO



Campeão Paulista o C.R.T.
*
A F.P. conquistou o 3.º lugar

ASSOCIAÇÕES QUE TOMARAM PARTE:

1.º Associação Desportiva Floresta — Capital. 2.º Clube de Regatas Tietê — Capital. 3.º Fôrça Pública do Estado de São Paulo — Capital. 4.º Clube Campineiro de Tiro e Esgrima — Campinas. 5.º Sociedade Campineira de Tiro ao Alvo — Campinas. Associação Santista de Tiro ao Alvo — Santos. 7.º Clube de Tiro ao Alvo de Sorocaba — Sorocaba. 8.º Tênis Clube de Presidente Prudente — Presidente Prudente.

OS RESULTADOS

Pistola livre — Estande do C.R. Tietê

INDIVIDUAIS

Campeão, Carlos Cyrillo, C.R.T. -501; Vice-Campeão, Alan Sobocinski, A.D.F. -500; 3.º, Pedro Simão, C.R.T.-498; 4.º, Ten. Cel. Rubens T. Branco, F.P.E. 488; 5.º, Cap. Jorge Mesquita de Oliveira, F.P.E.-486; 6.º, Felix Paul Hofstetter, C.R.T.-484; 7.º, Geraldo Dente Neves, C.R.T. -483; 8.º, Pedro M. Aranha

Pacness, A.D.F. -477; 9.º Luiz Guilherme Cordes, C.R.T.. -468; 10.º Cap. José Tenório Q.Santos, F.P.E. 468; 11.º, Sérgio Linn, A.D.F.-465; 12.º, Milton Sobocinski, A.D.F.. -421; 13.º, Amilcar Caldeira, A.S.T.A.-415; 14.º, Aristides Cittadino, A.S.T.A. -414; 15.º, ten. Nelson S. Scheffer de Oliveira, F.P.E. -411.

EQUIPES:

1.º Clube de Regatas Tietê — 5 pontos; Fôrça Pública do Estado — 3 pontos; 3.º Associação Desportiva Floresta — 2 pontos.

CARABINA — DEITADO 60 TIROS ESTANDE DA A.D. FLORESTA INDIVIDUAIS

Campeão, João Sobocinski, A.D.F.-596; Vice Campeão, Milton Sobocinski, A.D.F. -590; 3.º, Alberto Pereira Braga, C.R.T. -590; 4.º Alan Sobocinski, A.D.F.-589; 5.º, Olavo Bruhns, C.R.T.-587; 6.º, Severino Moreira, C.R.T.-585; 7.º, Antônio Guzman, C.R.T.-580; 8.º, Sérgio Linn, A.D.F. -578; 9.º Feliciano Penido Burnier, S.C.T.A.. -577; 1.º Hu-

go Kluppel, C.T.A.. 5.-577; 11.º, Paulo Afonso Ribeiro, S.C.T.A.-572; 12.º, Miguel Kharmandayan, A.D.F. 571; 13.º, Mário M. Soubhia, C.R.T. 570; 14.º, Thea Maria Gut, C.C.T. E.-565; 15.º, Cap. Jorge M. de Oliveira, F.P.E. -564; 16.º, Maj. Autilio G. de Oliveira, F.P.E.-561; 17.º, Ralpo Sttetinge, S.C.T.A.. -558; 18.º, Amílcar Caldeira, A.S.T.A.-552; 19.º, Vicente P. Soares Filho, A.S.T.A.-549; 20.º, Ten. Francisco A. Bianco Júnior, F.P.E. -549; 21.º, Rubens Martins Futuro, A.S.T.A.-543; 22.º, Lúcio Mendes, A.S.T.A.. 543; 23.º, Ten. Aloísio Borges, C.C.T.E.-535; 24.º, Walter Gut, C.C.T. E. -531; 25.º, Sgt. Elias Honório Abreu, F.P.E. -524; 26.º, Annie Marie Gut, C.C.T.E. -520; 27.º, Sub-Ten. Agenor Santos Silva, A.S.T.A. -498.

EQUIPES:

1.º Associação Desportiva Floresta — 5 pontos; 2.º, Clube de Regatas Tietê — 3 pontos; 3.º, Sociedade Campineira de Tiro ao Alvo — 2 pontos; 4.º, Fôrça Pública do Estado — 1 ponto; 5.º, Assoc. Santista de Tiro ao Alvo — 0 ponto; 6.º, Clube Campineiro de Tiro ao Alvo — 0 ponto.

Silhuetas Olímpicas — Estande do C.R. Tietê

INDIVIDUAIS

Campeão, Alan Sobocinski, A. D.F. — 59-541; vice-campeão, Geraldo Dente Neves, C.R.T. — 59-533; 3.º, Pedro Simão, C.R.T. — 59-530; 4.º, Ladislau Vadnay, A.D.F. — 59-525; 5.º, ten. cel. Rubens T. Branco, F.P.E. — 59-524; 6.º, Bento Camargo Barros, C.R.T. — 59-512; 7.º, Domingos Publi, C.R. T. — 58-483; 8.º, Pedro M. Aranha

Packness, A.D.F. — 57-501; 9.º, cap. Jorge M. de Oliveira, F.P.E. — 57-495; 10.º, Luiz Guilherme Cordes, C.R.T. — 57-484; 11.º, ten. Francisco A. Bianco Jor., F.P.E. 55-447; 12.º, Milton Sobocinski, A. D.F. — 53-442; 13.º, cap. José Tenório Q. Santos, F.P.E. — 51-436; 14.º, Natalino Mastrofrancesco, A.D.F. — 50-416; 15.º, ten. Antônio Sampaio, F.P.E. — 47-399.

EQUIPES

1.º Clube de Regatas Tietê — 5 pontos; 2.º Associação Desportiva Floresta — 3 pontos; 3.º, Fôrça Pública do Estado — 2 pontos.

Carabina 3x40 — Três posições — Estande C.R. Tietê.

INDIVIDUAIS

Campeão, Severino Moreira, 1.111 — C.R.T.; vice-campeão, Alberto P. Braga, 1.110 — C.R.T.; 3.º, Milton Sobocinski, 1.094 — A.D.F.; 4.º, Alan Sobocinski, 1.086 — A.D.F.; 5.º, Antônio Gusman, 1.063 — C.R.T.; 6.º, Hans Goldschmidt, 1.061 — A.D.F.; 7.º, João Sobocinski 1.052 — A.D.F.; 8.º, Armando Braga, 1.050 — C.R.T.; 9.º, Miguel Kharmandayan, 1.030 — A.D.F.; 10.º, maj. Autilio G. Oliveira, 989 — F.P.E.; 11.º, Amílcar Caldeira, 988 — A.S.T.A.; 12.º, sgt. Elias H. Abreu, 967 — F.P.E.; 13.º, Ten. Cel. Rubens Branco, 958 — F.P.E.; 14.º ten. Francisco A. Bianco, 957 — F.P.E.; 15.º, Lúcio Mendes, 951 — A.S.T.A.; 16.º, Rubens Futuro, 938 — A.S.T.A.; 17.º, Olavo Bruhns, 472 — C.R.T..

EQUIPES

1.º Clube de Regatas Tietê — 5 pontos; 2.º Associação Desportiva Floresta — 3 pontos; 3.º, Fôrça Pú-

blica do Estado — 2 pontos; 4.º, Associação Santista de Tiro ao Alvo — 1 ponto.

Revólver — Alvo Sulamericano — Estande C.R. Tietê.

Campeão, Pedro Simão, C.R.T. — 519; vice-campeão, Carlos Cyrilo, C.R.T. — 494; 3.º, ten. cel. Rubens T. Branco, F.P.E. — 493; 4.º, Alan Sobocinski, A.D.F. — 488; 5.º, Geraldo Dente Neves, C.R.T. — 485; 6.º, Pedro M. Aranha Packness, A.D.F. — 484; 7.º, Severino Moreira, C.R.T. — 466; 8.º, cap. Jorge M. de Oliveira, F.P.E. — 464; 9.º, cap. José Tenório Q. Santos, F.P.E. — 450; 10.º, ten. Nelson S.S. Oliveira, F.P.E. — 448; 11.º, maj. Fausto Quirino Simões, C.C.T.E. — 441; 12.º, ten. Antônio Sampaio F.P.E. — 440; 13.º, Aristides Cittadino, A.S.T.A. — 434; 14.º, maj. João Augusto Los Reis, C.R.T. — 427; 15.º, Sérgio Linn, A.D.F. — 391; 16.º, cap. João Salles Filho, C.C.T.E. — 389; 17.º, Ladislau Vadnay, A.D.F. — 379; 18.º, ten. Benedito Rossi, C.C.T.E. — 344; 19.º, Natalino Mastrofrancesco, A.D.F. — 327.

EQUIPES

1.º, Clube de Regatas Tietê — 5 pontos; 2.º, Fôrça Pública do Estado — 3 pontos; 3.º, Associação Desportiva Floresta — 2 pontos; 4.º, Clube Campineiro de Tiro e Esgrima — 1 ponto.

Tiro Rápido «Sob comando» Cal. 22. Estande A.D. Floresta

Campeão, Pedro Simão, C.R.T. — 251; vice-campeão, ten. Antônio Sampaio, F.P.E. — 238; 3.º, Carlos Cyrilo, C.R.T. — 233; 4.º, Alan Sobocinski, A.D.F. — 231; 5.º, La-

dislau Vadnay, A.D.F. — 227; 6.º, ten. cel. Rubens Teixeira Branco, F.P.E. — 226; 7.º, Milton Sobocinski, A.D.F. — 224; 8.º, maj. Fausto Simões, C.C.T.E. — 224; 9.º, Geraldo Dente Neves, C.R.T. — 222; 10.º, Pedro M. Aranha Packness, A.D.F. — 220; 11.º, cap. José Tenório Q. Santos, F.P.E. — 214; 12.º, Domingos Publisi, C.R.T. — 201; 13.º, cap. Jorge M. de Oliveira, F.P.E. — 192; 14.º, Luiz Guilherme Cordes, C.R.T. — 192; 15.º, ten. Francisco A. Bianco Jr., F.P.E. — 190; 16.º, Sérgio Linn, A.D.F. — 177.

EQUIPES

1.º, Clube de Regatas Tietê — 5 pontos; 2.º, Associação Desportiva Floresta — 3 pontos; 3.º, Fôrça Pública do Estado — 2 pontos.

Carabina 50-100 metros — Estande da Fôrça Pública.

INDIVIDUAIS

Campeão, João Sobocinski, 590 — A.D.F.; vice-campeão, Alan Sobocinski, 589 — A.D.F.; 3.º, Luiz Artigas Martins, 587 — A.D.F.; 4.º, Alberto Pereira Braga, 584 — C.R.T.; 5.º, Pedro Simão, 583 — C.R.T.; 6.º, Severino Moreira, 581 — C.R.T.; 7.º, Hans Goldschmidt, 581 — A.D.F.; 8.º, Olavo Bruhns, 581 — C.R.T.; 9.º, Milton Sobocinski, 280 — A.D.F.; 10.º, Antônio Guzman, 578 — C.R.T.; 11.º, Minoru Kozuki, 574 — C.T.; 12.º, maj. Autilio G. Oliveira, 569 — F.P.E.; 13.º, ten. Francisco A. Bianco Jr., 566 — F.P.E.; 14.º, cap. Jorge M. Oliveira, 563 — F.P.E.; 15.º, sgt. Elias Honorio Abreu, 561 — F.P.E.; 16.º, Amílcar Caldeira, 559 — A.S.T.A.; 17.º, Vicen-

te Soares Filho, 557 — A.S.T.A.; 18.º, Rubens Futuro, 555 — A.S.T.A.; 19.º, Lúcio Mendes, 555 — A.S.T.A.; 20.º, comte. Orminio De Cunto, 522 — A.S.T.A..

EQUIPES

1.º, Associação Desportiva Floresta — 5 pontos; 2.º, Clube de Regatas Tietê — 3 pontos; 3.º, Fôrça Pública do Estado — 2 pontos; 4.º, Associação Santista de Tiro ao Alvo — 1 ponto.

Tiro Rápido «De Defesa» — Grosso Calibre C.R. Tietê.

INDIVIDUAIS

Campeão, Geraldo Dente Neves, C.R.T. — 28-238; vice-campeão, Ladislau Vadnay, A.D.F. — 28-233; 3.º, ten. Nelson S. Scheffer Oliveira, F.P.E. — 26-216; 4.º, Alan Sobocinski, A.D.F. — 25-216; 5.º, ten. Antônio Sampaio, F.P.E. — 27-215; 6.º, Natalino Mastrofrancesco, A.D.F. — 27-214; 7.º, Bento de Camargo Barros, C.R.T. — 27-209; 8.º, Carlos Cyrillo, C.R.T. — 25-197; 9.º, Luiz Guilherme Cordes, C.R.T. — 24-195; 10.º, cap. Jorge M. de Oliveira, F.P.E. — 25-185; 11.º, Pedro Simão, C.R.T. — 26-178; 12.º, Pedro M. Aranha Packness, A.D.F. — 22-178; 13.º, ten. Francisco A. Bianco Jor., F.P.E. — 25-174; 14.º, ten. cel. Rubens Teixeira Branco, F.P.E. — 21-162; 15.º, Calio Campos Montes, C.C.T.E. — 17-137; 16.º, Milton Sobocinski, A.D.F. — 19-118; 17.º, maj. Fausto Q. Simões, C.C.T.E. — 14-100; 18.º, ten. Conrado G. Castro, C.C.T.E. — 14-98.

EQUIPES

1.º, Associação Desportiva Floresta — 5 pontos; 2.º, Clube de Re-

gatas Tietê — 3 pontos; 3.º, Fôrça Pública do Estado — 2 pontos; 4.º, Clube Campineiro de Tiro e Esgrima — 1 ponto.

Fuzil de Guerra — Estande da Fôrça Pública.

INDIVIDUAIS

Campeão, Armando Braga, C.R.T. — 440; vice-campeão, Severino Moreira, C.R.T. — 401; 3.º, João Sobocinski, A.D.F. — 400; 4.º, Milton Sobocinski, A.D.F. — 389; 5.º, Alan Sobocinski, A.D.F. — 379; 6.º, Sérgio Linn, A.D.F. — 370; 7.º, cap. Elio Afonso Cunha, F.P.E. — 365; 8.º, Alberto Pereira Braga, C.R.T. — 345; 9.º, Antônio Guzman, C.R.T. — 333; 10.º, maj., Luiz C. D'Avila, C.R.T. — 332; 11.º, ten. Sadoc Chaves Simas, F.P.E. — 325; 12.º, sgt. Horácio Mendes, F.P.E. — 323; 13.º, Pedro M. Aranha Packness, A.D.F. — 318; 14.º, maj. Autilio G. de Oliveira, F.P.E. — 315; 15.º, cabo Luiz Feliciano Arouca, F.P.E. — 309; 16.º, Annie Maria Gut, C.C.T.E. — 299; 17.º, Thea Maria Gut, C.C.T.E. — 252; 18.º, Walter Gut, C.C.T.E. — 219; 19.º, cap. João Salles, C.C.T.E. — 217.

EQUIPES

1.º, Clube de Regatas Tietê — 5 pontos; 2.º, Associação Desportiva Floresta — 3 pontos; 3.º, Fôrça Pública do Estado — 2 pontos; 4.º, Clube Campineiro de Tiro e Esgrima — 1 ponto.

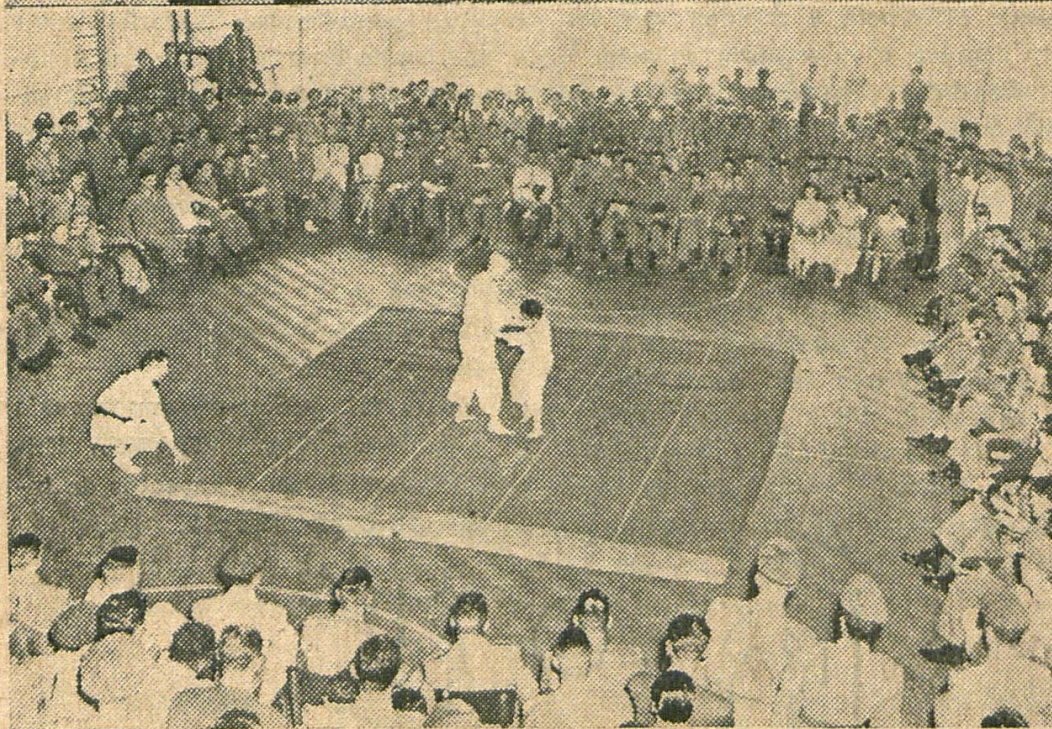
CONTAGEM FINAL DO CAMPEAO E VICE-CAMPEAO

1.º lugar - C.R. Tietê, com 39 pontos.
2.º lugar - A.D. Floresta, com 31 pontos.

Exibição de lutadores japoneses para a Fôrça Pública

No ginásio "Capitão Delphin Balancier"
a interessante demonstração de jiu-jitsu e judô.





Com a presença dos coroneis Inspetor Administrativo, Diretor Geral de Instrução e tens. ceis Comandantes de Corpos e Chefes de Estabelecimento e delegações de oficiais sargentos e soldados das diversas unidades, realizou-se, na tarde de 12 de outubro, no Ginásio «Cap. Delphin Balancier», da Escola de Educação Física, uma exibição dos campeões japoneses de judô, bem como do prof. Yassuití Ono e seus alunos.

A classe incontestável do campeão japonês Kimura impressionou a assistência, que não lhe poupou aplausos. A calma que demonstra ao subjugar o adversário é admirável. Lutou com três elementos também dotados de alta classe e a cada um impôs sua técnica invejável com golpes precisos e oportunos. Bem merece o título de campeão japonês de jiu-jitsu, que mantém há 10 anos.

O vice-campeão Yamagushi também demonstrou ser possuidor de

grandes requisitos técnicos. Seu cartel de vitórias é grandioso, no qual consta uma sôbre Kimura, que em luta revanche o derrotou novamente.

O «faixa-preta» Kato, campeão de uma província nipônica, também se exibiu, e demonstrou sobretudo ser um elemento muito ágil, o que compensa o seu pequeno porte. Os seus desequilíbrios são efetuados com grande eficiência e rapidez, que levam sempre o adversário ao solo.

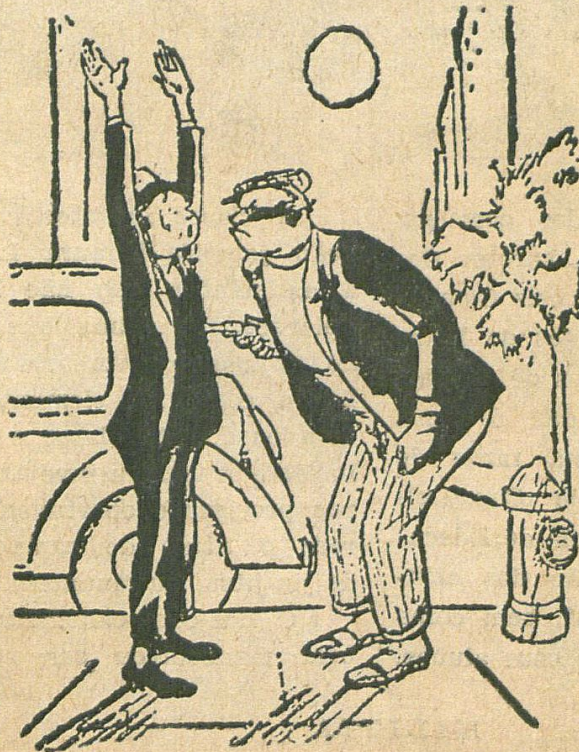
Os demais lutadores, alunos do prof. Ono, de diversas categorias, se exibiram demonstrando grande preparo técnico e físico, sobretudo Sabay, campeão paulista. A nota pitoresca da luta, entre um lutador de 65 anos com um garoto de 10, na qual se evidenciou o caráter cavalheiresco que tem êsse esporte tão difundido entre os japoneses.

Muito apreciada foi a demonstração de Defesa Contra Armas, pelo prof. Ono e seu aluno «faixa-preta»

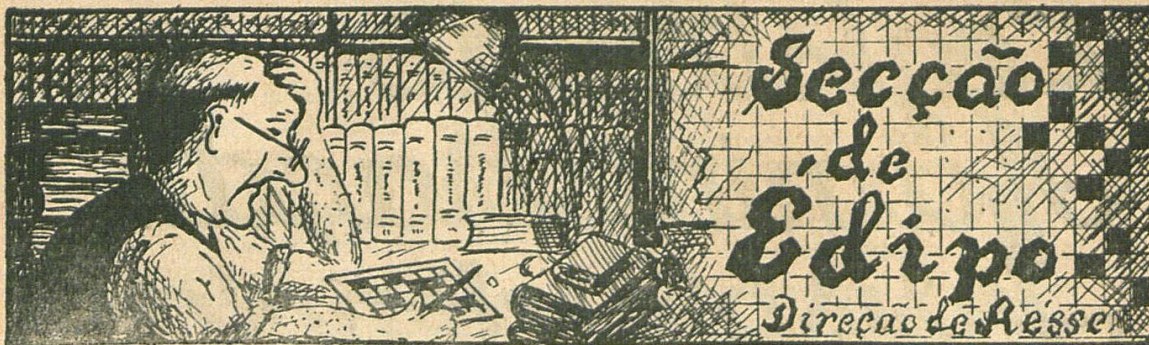
Francisco Chimirri. A precisão das defezas ficou evidenciada e plenamente comprovada a possibilidade de sua execução, naturalmente com rigoroso e aprimorado preparo. Presença de espírito, iniciativa e preparo físico-moral são as qualidades essenciais necessárias ao elemento que se vê ameaçado por outro armado. Aos elementos da Fôrça Pública, mantenedores da ordem, muitas situações semelhantes poderão advir e, por conhecimento de um golpe, poder-se-á evitar que se roube uma vida e outra seja isolada da sociedade.

Parabens à Diretoria Geral de Instrução e Escola de Educação Física, pela iniciativa proveitosa e que esperamos seja continuada, para o melhor preparo técnico de nossos policiais.

Os clichês que estampamos, mais uma gentileza de «A GAZETA ESPORTIVA», oferecem aspectos da interessante demonstração.



Um
«fulano»
que
não
conhece
judô...



A secção de Edipo, cuja publicação esteve suspensa por motivo de força maior, reaparecerá no próximo número 26 e obedecerá o seguinte

REGULAMENTO

I

O torneio compreenderá os trabalhos publicados em dois números de «MILITIA».

II

Cada trabalho decifrado valerá um ponto.

III

São aceitas charadas antigas, novíssimas, casais, auxiliares, sincopadas, logogrifos em prosa e verso e enigmas figurados e pitorescos. São também aceitos problemas de palavras cruzadas.

IV

Os trabalhos enviados deverão ser organizados pelo «Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa», de Hildebrando de Lima e Gustavo Barroso e «Breviário do Charadista» e «Dicionário de Sinônimos», de Sílvio Alves.

V

Em cada torneio serão conferidos os seguintes prêmios: ao 1.º classificado, um dicionário dos adotados na secção; e aos que decifrarem mais de 50% dos problemas, uma obra literária mediante sorteio.

VI

O prazo para remessa das soluções, será de 60 dias, contados do último dia do bimestre a que se refere a revista.

VII

Tôda colaboração referente a esta secção deverá ser dirigida á redacção de «MILITIA» e endereçada a «Aesse».

Legislação Administração Jurisprudência

Cap.^o J, Arimatéa Nascimento

Alimentação — Mecanismo para o fornecimento pela Subsistência

Publica as instruções para o fornecimento de alimentação preparada por conta própria e por conta do Estado. BG 125, de 8-VI-51.

Alimentação — Preço das etapas

Estabelece novos preços para as etapas de alimentação fornecida pelo S. Subs. BG 128, de 12-VI-51.

Alistamento anulado — Vencimento de praça

A praça que tiver seu alistamento declarado nulo, seja pelo Tribunal de Justiça Militar seja por ato do Comando Geral, terá direito a perceber os vencimentos respectivos desde o dia em que se alistou até o momento em que foi declarado nulo seu alistamento. BG 131, de 15-VI-51.

Assistência Judiciária

Recomenda aos comandantes de Corpo, Chefes de Serviço e Diretores de Estabelecimento e repartição que somente encaminhem pedidos de advogados para prestarem assistência judiciária, para os elementos que, processados por crime praticado em ato de serviço público, não tenham constituído defensor particular. As Unidades de Interior deverão fazer seus pedidos diretamente ao T.J.M. e as da Capital, por intermédio do Q.G., conforme publicação do Bol. Geral n.º

242-48. Os elementos que derem margem a pedidos injustificáveis, serão responsabilizados disciplinarmente, sem prejuízo da indenização das despesas feitas com a viagem do advogado. BG 119, de 1-VI-51.

Assistência Social

Instruções sobre o funcionamento do serviço de Assistência Social, o qual será exercido diretamente pelo Comando Geral, por intermédio da Capelania Militar. Anexo ao BG 135, de 20-VI-51.

Auxílio

O Exmo. Sr. Governador do Estado concedeu um auxílio de Cr\$ 124.600,00 à viúva do major Benedito Roberto dos Santos, morto em serviço, destinado ao pagamento da aquisição do imóvel do qual a beneficiária já possui a metade. Lei 1042, de 29-V-51.

Balancete das Unidades Administrativas

As primeiras vias dos documentos de receita e despesa do título Depósitos de Diversas Origens devem acompanhar o Balancete respectivo, que é enviado ao SF BG 145, de 3-VII-51.

Boletins confidenciais do SMB

Publican-se em anexo as instruções para a confecção dos boletins confidenciais do SMB e Unidades Administrativas,

referentes à movimentação dos artigos bélicos. BG 123, de 6-VI-51.

Caixa Beneficente — Pensão

Os beneficiários do contribuinte que houver falecido em consequência de moléstia ou ferimento adquiridos em ato de serviço público, terão direito a uma pensão mensal equivalente aos vencimentos do posto ou graduação do contribuinte, por conta do Estado. Se o contribuinte tiver promoção "post-mortem", os seus beneficiários terão direito a uma pensão mensal equivalente aos vencimentos do posto ou graduação a que foi promovido. Dec. 20.650, de 23-VII-51.

Comissão de Promoções — substituição de membro

No caso de um membro da CP se afastar do serviço ativo, o Comando Geral convocará o coronel ou ten.-cel. ao qual competir, por escala, integrar a CP. O convocado exercerá o mandato como efetivo, qualquer que seja a época da convocação e a sua substituição será efetuada de acordo com o § 2.º do art. 1.º da Lei 424. O membro da CP será transitóriamente substituído nos seguintes casos: a) — de convocação, por parte do T.J.M., para substituição de juiz militar; b) — de afastamento do serviço por 30 ou mais dias por qualquer motivo. Seguem-se outras recomendações a respeito. BG 146, de 4-VII-51.

Comissão de promoção — ingresso no quadro de acesso.

Para o ingresso no Quadro de Acesso é imprescindível que o oficial preencha o requisito de ter interstício legal. (Arts. 10, 19 e 35 do D-L 13.654, de 6-XI-43). Os oficiais que não satisfaçam alguns dos requisitos exigidos pelos artigos acima citados, serão relacionados à parte com a declaração das exigências não preenchidas (Art. 35 do D-L 13654-43). O cálculo do número de vagas e o preenchimento dos quadros serão feitos da seguinte maneira: a) — O cálculo de vagas nos dois quadros, o de antiguidade e o de merecimento é feito separadamente para cada quadro; b) — não poderá existir em cada quadro de acesso, maior número de oficiais do que o número de vagas, calculado de conformidade com o

art. 38 do D-L 13654-43; c) — um mesmo oficial poderá figurar nos dois quadros de acesso, bastando que satisfaça as condições de antiguidade, para o deste princípio, e que a apuração de seu merecimento o tenha levado a ser incluído também no de merecimento; ocupará, assim, uma vaga em cada quadro. BG 150, de 10-VII-51.

Concurso para promoção à 3.º Sgt. — Situação de Civis e Soldados

Os civis e soldados recrutas habilitados nos concursos, para ingresso nos quadros cuja graduação inicial é de 3.º Sgt., terão sua situação regularizada pelas normas insertas no BG 137, de 22-VI-51.

Cruz Azul — Concessão de vantagens aos servidores

Torna extensiva aos militares reformados e da reserva da FP, que prestam serviços na Cruz Azul, os benefícios previstos no Dec-Lei n.º 16058, de 9-IX-46. Lei 1096, de 3-VII-51.

Empréstimo no Monte de Socorro

O Monte de Socorro Estadual somente concede empréstimos, sob garantia de vencimentos (consignação em folha) aos oficiais, subtenentes e sargentos desta Corporação, não abrangendo essa concessão os cabos e soldados, mesmo que estes gozem dos benefícios do Art. 30. BG 122, de 5-VI-51.

Fardamento — Tabela de distribuição

Publica sete tabelas de distribuição de fardamento para 1951, bem como as instruções correspondentes sobre a maneira de fazer os pedidos, sobre os fardamentos em estoque nas unidades etc. BG 133, de 18-VI-51.

Motoristas

Recomenda a todos os motoristas da FP que tenham sempre em seu poder os documentos exigidos para esse mister, bem como observem fielmente as disposições do Cod. Nac. de Trânsito, ordens e recomendações expedidas pela DST. Os Cmts. de Corpo, Chefes de Serviço e Diretores de Estabelecimento devem zelar pela fiel obediência à presente recomendação. BG 119, de 1-VI-51.

BANCO DO BRASIL S.A.

Sede: — Distrito Federal — Rua 1.º de Março n.º 66

Em São Paulo: — Rua Alvares Penteado n.º 112

Endereço Telegráfico: «Satélite» — Fone: 32-5181

—::—

Tôdas as operações bancárias

Máxima garantia a seus depositantes

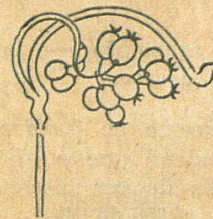
Nova tabela de juros para as contas de depósitos

—::—

O BANCO DO BRASIL S.A. tem 280 agências no País, além de duas no exterior, para tôdas as operações bancárias, inclusive o recebimento de depósitos.

No ESTADO DE SÃO PAULO, estão em funcionamento as Agências nas seguintes cidades:

Andradina — Araçatuba — Araraquara — Assis — Avaré — Bariri — Barretos — Bauru — Bebedouro — Botucatu — Bragança Paulista — Cafelândia — Campinas — Catanduva — Franca — Garça — Itapetininga — Itapira — Ituverava — Jaboticabal — Jaú — Limeira — Lins — Lucélia — Marília — Matão — Mirassol — Monte Aprazível — Nova Granada — Novo Horizonte — Olímpia — Orlândia — Paraguaçu Paulista — Pederneiras — Piracicaba — Pirajú — Pirajuí — Piraçununga — Presidente Prudente — Promissão — Rancharia — Ribeirão Bonito — Ribeirão Preto — Rio Claro — Santa Cruz do Rio Pardo — Santo Anastácio — Santo André — Santos — São João da Boa Vista — São José dos Campos — São José do Rio Pardo — São José do Rio Preto — Sorocaba — Taquaritinga — Taubaté — Tupã — Valparaíso — Votuporanga Xavantes.



NOSSA CAPA

Otimismo... na noite de Natal.

Cromo de Awson Wood.



militia

PROPRIEDADE DO CLUBE MILITAR DA FÓRÇA PÚBLICA
DE SÃO PAULO

Redação e Administração:

RUA ALFREDO MAIA N.º 106

externo 34-6488

interno 142

SÃO PAULO, S. P. ————— Brasil

Revista de assuntos técnicos, policiais,
militares e culturais em geral.

ANO V — NOVEMBRO/DEZEMBRO DE 1951 — N.º 25

DIRETOR GERAL cel. José Anchieta Torres

DIRETOR RESPONSÁVEL E

REDATOR-CHEFE: — cap. Milton Marques de Oliveira

SECRETÁRIO · — 1.º ten. Miguel M. Sendin

GERENTE: — cap. Francisco Vieira Fonseca

TESOUREIRO: — cap. Manoel Pereira da Silva

REDADORES:

- major mons. Paulo A. Cavalheiro Freire
- cap. Francisco Vieira Fonseca
- cap. Bento Barros Ferraz
- 1.º ten. Paulo Monte Serrat Filho
- 1.º ten. Felix de Barros Morgado
- 1.º ten. Irani Paraná do Brasil
- 1.º ten. Miguel M. Sendin
- 1.º ten. Ari J. Mercadante
- 1.º ten. Hildebrando Chagas da Silva

ILUSTRAÇÃO E FOTOGRAFIA:

- 1.º ten. Felix Barros Morgado
- al. of. Iraí Vieira Catalano
- Sgt. João Tancler
- José de Campos Montes

ASSINATURAS:

Por 6 números Cr\$ 35,00

Número avulso Cr\$ 6,00

AOS COLABORADORES E LEITORES

- * A colaboração nesta revista é franca a todos; porém, não será possível a publicação de trabalhos político-partidários ou religioso-sectários, os quais não se enquadram em seu programa.
- * Toda a matéria deve ser datilografada com espaço duplo, num só lado do papel, não devendo ultrapassar doze páginas de papel almasso. Os desenhos e esquemas ilustrativos referentes aos trabalhos deverão ser feitos a nanquim, sobre cartolina ou papel branco forte.
- * Os originais não serão devolvidos, mesmo quando não publicados, nem mantemos correspondência sobre a sua publicação.
- * A Revista não assume responsabilidade por conceitos formulados pelos autores em trabalhos assinados.

* Desejamos estabelecer permuta

* Deseamos establecer el cambio

* Desideriamo stabilire cambio

* On désire établir échange

* We wish to establish exchange

* Austausch erwünscht



DÔR - GRIPE - RESFRIADOS
RHODINE
CAFEINADA

A boa enfermeira



PANAM — Casa de Amigos